

JURANDIR SELL MACEDO JR.



A ÁRVORE DO DINHEIRO

GUIA PARA CULTIVAR A SUA INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA

EDITORA  INSULAR

A Árvore do Dinheiro

Jurandir Sell Macedo Jr.

A Árvore do Dinheiro

Florianópolis



EDITORA
INSULAR

2013

Editora | Insular
Edição | Editora Bookess
Projeto Gráfico | Caroline da Silva Magnus
Capa | Hanne Giaciani
Revisão | Emília Chagas e Letícia Teston
Editora Insular | Rodovia João Paulo, 226, Florianópolis - SC, CEP 88030-300

M141a Macedo Junior, Jurandir Sell
A árvore do dinheiro / Jurandir Sell Macedo Junior – Florianópolis:
Insular, 2013.
208 p. : il.
ISBN 978-85-7474-678-4
1. Finanças pessoais. 2. Poupança e investimento. 3. Segurança financeira. I. Título.
CDD 332



*A Celina minha amiga e meu amor,
com quem compartilho a fascinante
tarefa de educar Júlia e Gustavo,
razão maior de meu viver.*

Agradecimentos

Inúmeras pessoas contribuíram em minha vida e formação e a cada uma delas tenho muito a agradecer. Contudo, aqui, agradeço de forma especial:

Minha mãe, que, viúva aos 27 anos, com três filhos para criar, soube tomar a sábia decisão de investir todos os seus poucos recursos na educação, e que, mesmo na adversidade, soube construir uma família feliz, da qual me orgulho de fazer parte.

Celina, minha esposa e amiga, e nossos amados filhos, Júlia e Gustavo, por tudo que me ensinam em nosso prazeroso dia a dia.

A jornalista Natacha Amaral que me motivou a transformar minhas aulas de Finanças Pessoais neste livro. A competente jornalista Emilia Chagas, com a qual tenho o tido o prazer de trabalhar nos últimos cinco anos – não sei o que seria minha vida sem este apoio. A equipe do IEF: Letícia, Vitor e Júlia, que com seu vigor e entusiasmo de estudantes me renovam a cada dia.

Toda a equipe da Expo Money, verdadeira família que tem cruzado o Brasil difundindo a educação financeira nos últimos dez anos.

O Banco do Brasil, onde mantive uma coluna semanal por quatro anos e o Banco Itaú, onde venho trabalhando nos últimos três anos no programa Uso Consciente do Dinheiro, que tem gerado conteúdo de alta qualidade disponibilizado gratuitamente para clientes e não clientes. Não poderia deixar de mencionar a equipe da Superintendência de Sustentabilidade, composta por Denise T. Hills, Maria Eugenia Sosa Taborda, Ana Lygia Leite e Paula Baggio Arruda e também a Martin Iglesias, Fernando Foz Macedo e Geraldo Soares, entre tantos outros. Muito me orgulho desta tarefa que me possibilita difundir educação financeira de qualidade e sem custo para todos os brasileiros.

Apresentação

Quando Jurandir Macedo me convidou para escrever apresentação do livro "A Árvore do Dinheiro", não demorei mais do que um segundo para aceitar. Foi um enorme orgulho participar deste livro que é um clássico das finanças pessoais no Brasil.

Apesar de o seu nome ser Árvore, entendo que o livro é também uma semente, por ter sido para muitos o primeiro contato com o mundo das finanças pessoais e também por ter incentivado muitos outros a escreverem sobre o assunto. Vale lembrar que o livro é inspirado no único curso de finanças pessoais de uma universidade federal brasileira, a UFSC, e que deu origem à coleção Expomoney, da qual tenho também a honra de participar.

O livro "A Árvore do dinheiro" é também um reflexo fiel do seu autor. Uma pessoa extremamente simples, mas com profundos conhecimentos em diversas áreas e que consegue adaptar a sua linguagem com habilidade quase incomum. É com a mesma naturalidade com que Jurandir participa de rodas de discussão com os maiores experts do mercado financeiro, com cientistas pesquisadores da área econômica ou psicológica, com executivos de empresas e com pessoas comuns, que pedem sua ajuda para resolver questões simples vinculadas ao seu dia a dia financeiro.

É importante destacar que o livro reúne conhecimentos de Jurandir na área das finanças comportamentais obtidos através do seu doutorado no assunto e seu pós-doutorado em Psicologia Cognitiva, além daqueles obtidos com sua longa experiência em Finanças Pessoais. Lembrando ainda que Jurandir foi um dos fundadores do Instituto Brasileiro de Certificação de Profissionais Financeiros (IBCPF), que é detentor dos direitos da marca CFPR no Brasil.

O livro aborda praticamente todos os pontos relevantes para uma pessoa tomar suas decisões financeiras, desde os mais simples até os mais complexos, que, por sua vez, são tratados com uma linguagem extremamente adequada a qualquer pessoa.

Tenho certeza que o leitor poderá aproveitar-se da mente de uma das maiores autoridades em finanças no Brasil e terá o mesmo prazer que eu tenho toda vez que tenho oportunidade de trocar ideias com meu grande

amigo Jurandir. Mas, acima de tudo, tenho certeza que este livro ajudará o leitor tirar excelentes frutos da sua vida financeira.

Martin Iglesias
Gerente de Educação para Investidores do Itaú Unibanco

Prefácio

O mercado financeiro é bastante dinâmico e constantemente sofre alterações, o que motivou esta nova edição. Instituições mudaram de nome, outras foram criadas ou deixaram de existir. A Bovespa, por exemplo, deixou de ser uma sociedade civil sem fins lucrativos e atualmente é uma empresa de capital aberto, a BM&F Bovespa S.A.

Porém, mais do que mudanças formais, tivemos uma significativa mudança na estrutura de juros do Brasil. Quando do lançamento da primeira edição, era possível obter uma rentabilidade excelente correndo poucos riscos comprando Letras Financeiras do Tesouro, títulos públicos federais pós-fixados, corrigidos pela taxa Selic. Atualmente, quem não quiser correr riscos vai obter retornos muito baixos, algumas vezes até perdendo para a inflação. A época da rentabilidade elevada sem riscos passou.

Entretanto, mais do que retratar mudanças, o que esta nova edição permite é avaliar o que não mudou. Felizmente o fundamental do livro continua intacto. As estratégias recomendadas foram exaustivamente testadas pelas euforias e crises pelas quais passamos.

Não precisei mudar uma linha sequer das estratégias de investimentos recomendadas. Desde a primeira edição sugeri investimentos constantes e diversificados. Para provar que esta estratégia é a melhor para a renda variável, acrescentei mais seis anos nas pesquisas de investimentos constantes na bolsa de valores e traçamos mais quatro cenários diferentes. Torna-se mais forte a ideia de que a melhor forma de investir em ações é destinar um valor fixo mensal para uma carteira diversificada de investimentos.

Também acrescentei uma pesquisa sobre balanceamento de carteiras entre CDI e Ibovespa, na qual mais uma vez comprovei a vantagem da diversificação. Continuo com as mesmas recomendações de investimentos, diversificação e investimentos constantes. O que mudou é que cada vez há mais dados para comprovar esta tese.

Falando em diversificação, na época da primeira edição tínhamos apenas um fundo de gestão passiva negociado na

bolsa, os ETFs. Atualmente o pioneiro PIBB11 já faz parte de um segmento com 14 fundos – e, ao que tudo indica, outros logo irão surgir.

Tenho a convicção de que novas crises certamente virão, bem como longos períodos de bonança. Para o investidor individual ter sucesso na bolsa de valores em qualquer desses cenários, basta investir aos poucos. E somente aquela parcela da poupança destinada ao longo prazo. Melhor ainda se investir para a aposentadoria.

Finalmente, não podia deixar de registrar que, mesmo considerando que se passaram poucos anos do lançamento do livro, constantemente tenho recebido contatos de leitores que já começam a colher os frutos das suas árvores do dinheiro. Espero que dentro de alguns anos seja você, caro leitor, a colher os seus merecidos frutos.

Introdução

Este livro é resultado de longo processo de maturação pessoal e profissional, que teve início na década de 1980. No começo de minha carreira, trabalhei muito com cursos de mercado de capitais. Contando somente as palestras feitas para gerentes de bancos, foram mais de 3 mil horas de aula, em mais de 100 cursos ministrados.

Essa experiência propiciou uma série de contatos com milhares de alunos que, em sua maioria, conheciam muito bem o mercado financeiro e sabiam manipular ferramentas de controle de orçamento. No entanto, esses mesmos profissionais afirmavam ter enormes dificuldades para controlar suas finanças pessoais.

Por que pessoas capacitadas em administrar e aconselhar seus clientes em questões financeiras não conseguiam controlar as próprias finanças? Essa dúvida inicial, que me desafiava e atormentava, certamente foi o que me conduziu a este livro.

No final dos anos 90, Louis iniciava os primeiros esforços para trazer ao Brasil a profissão Planejador Financeiro Pessoal. Tive a oportunidade de participar das primeiras conversas que originaram o Instituto Brasileiro de Certificação de Profissionais Financeiros (IBCPF). Dentro desse escopo, preparei uma pequena palestra sobre Finanças Pessoais que comecei a ministrar para alguns alunos de universidades e para alguns funcionários de empresas. Era uma palestra simples e dedicada a apenas alguns aspectos formais do controle de orçamento, porém, as perguntas que surgiam da plateia começavam a mostrar que existiam aspectos mais profundos da relação das pessoas com o dinheiro e que afetavam suas vidas financeiras.

Após uma palestra ministrada em Curitiba, recebi um e-mail que me causou enorme espanto. O texto era o seguinte: “Jurandir, parabéns pela palestra. Ela me fez trocar uma BMW por uma bicicleta.” Simples assim, nada mais! Respondi agradecendo os parabéns, mas dizendo que estava preocupado, pois achava que o havia influenciado a fazer um péssimo negócio. Pedi então que ele me explicasse melhor o que havia acontecido.

Na resposta, o remetente identificou-se como gerente comercial de uma grande empresa imobiliária. Ele explicou que gastava quase duas horas todos os dias para ir e voltar de casa para o trabalho. Esse tempo em trânsito estava prejudicando sua qualidade de vida e ele pensava em comprar um carro novo para tornar o trajeto mais agradável. O que ele ouviu na palestra não só o dissuadiu da decisão, como o fez negociar com a empresa um horário de trabalho de turno único, de seis horas, e comprar uma bicicleta para pedalar com o filho durante as manhãs.

O depoimento me despertou uma onda de pânico. Como eu poderia interferir de forma tão significativa na vida de uma pessoa? E se não desse certo e ele perdesse o emprego? Como ficaria?

Esse episódio, e talvez a proximidade de meus 40 anos, desencadearam enorme mudança em minha própria vida. Resolvi suspender diversos cursos que já estavam vendidos e, no início de 2000, entrei para um programa de doutorado disposto a me aprofundar no estudo das Finanças Pessoais.

Após quatro anos de estudos, no Brasil e no Canadá, concluí minha tese na área de Finanças Comportamentais. Trata-se de uma nova área de estudos das finanças iniciada por dois psicólogos: Amos Tversky e Daniel Kahneman, que investigam o comportamento dos tomadores de decisão a partir de uma abordagem da psicologia cognitiva. Além dos estudos de Finanças Comportamentais, dediquei-me ao estudo das Finanças Pessoais e da Psicologia Cognitiva.

Isso me fez perceber que a questão das finanças das pessoas passa por esferas muito mais profundas do que o aspecto formal. Aprendi que nossas decisões financeiras não são corticais e racionais, conforme havia aprendido na economia neoclássica. Descobri que nossas estruturas infracorticais afetam nossas decisões e podem fazer com que o mais preparado diretor financeiro de uma grande empresa tenha dificuldades em administrar o orçamento de sua casa.

Após esse período de estudos e descobertas, voltei a ministrar aulas na Universidade Federal de Santa Catarina, onde implantei a primeira disciplina de Finanças Pessoais em uma universidade brasileira. Essa disciplina se destina aos alunos de todos os cursos da universidade e, desde então, vem sendo ministrada para salas lotadas de jovens interessados em aprender como gerenciar suas finanças pessoais.

Montei palestras e cursos que foram dados em empresas, universidades, associações profissionais e nas diversas edições da Expo Money ao longo de

seis anos. Os inúmeros debates, perguntas, críticas e sugestões originados durante aulas, palestras, cursos e emails encaminhados pelos leitores da minha coluna no Banco do Brasil ajudaram a consolidar os conceitos expostos neste livro, porém, mais do que consolidar conceitos, também geravam questionamentos pessoais.

Tais questionamentos impulsionaram mais um período de estudos iniciados em 2009, quando fiquei um ano no Laboratório de Psicologia Cognitiva da Universidade Livre de Bruxelas (ULB) em um estágio de pós-doutorado. Daquela experiência nasceu o livro *Finanças Comportamentais*, que lancei com os professores José Junça de Moraes e Régine Kolinsky, ambos da ULB.

Logo após voltar da Bélgica, comecei a trabalhar no programa *Uso Consciente do Dinheiro* do Banco Itaú. Já são mais de dois anos escrevendo artigos, gravando programas, fazendo eventos e palestras por todo o Brasil, sempre contando com a valiosa colaboração da equipe do Instituto de Educação Financeira e em especial da jornalista Emília Chagas. Tenho aprendido muito com este trabalho no Itaú e sinto muito orgulho pelo resultado do que vem sendo feito pela equipe de Sustentabilidade do banco.

Também não posso deixar de mencionar o resultado da atividade de conselheiro financeiro pessoal que desenvolvi junto ao Instituto de Educação Financeira. Um conselheiro de finanças pessoais trabalha por meio de consultas nas quais pessoas e famílias expõem e discutem seus problemas financeiros com a mediação de um profissional capacitado via certificação CFP^{TM1}. Essa atividade me proporcionou grande amadurecimento profissional, que certamente foi importante na consecução deste trabalho.

Este livro tomou a forma atual após muita insistência de uma ex-aluna de *Finanças Pessoais* da Universidade Federal de Santa Catarina, a jornalista Natacha Amaral. Para concretizar seu Trabalho de Conclusão de Curso, Natacha conseguiu me convencer a esquecer o jeito acadêmico de escrever e a ter coragem de me lançar em um formato novo como este guia – para a alegria do leitor e (talvez) o desespero de meus colegas professores.

Pretendo levar você, leitor, a refletir por meio de exemplos, situações e impressões colhidos em meus estudos e em minha vida prática. Você verá que este é um livro simples, mas que está distante do simplismo. Espero que as ideias apresentadas aqui o estimulem a começar a cultivar a sua árvore do dinheiro e a lidar bem com suas finanças por toda a vida.

Sinceramente,

Jurandir Sell Macedo Jr.

¹ Ver www.ibcpf.org.br.

CAPÍTULO 1

Comportamento Financeiro

Entenda sua relação com o dinheiro e saiba como usá-lo com sabedoria para conquistar mais qualidade de vida

“Às vezes é preciso estar em silêncio para ser ouvido.”

Conhece a ti mesmo

Este livro irá ajudá-lo a fazer um bom orçamento familiar e a entender melhor o mercado financeiro, mas tão importante quanto aprender o aspecto prático da gestão de seu dinheiro é compreender sua relação pessoal com ele.

Isso se dá porque nenhuma orientação financeira é milagrosa o suficiente – se é que existe alguma do tipo – para torná-lo bem-sucedido, caso você mesmo não entenda o padrão de comportamento que move seus desejos, consumos, gastos e objetivos.

Por isso, neste primeiro capítulo, faremos um voo rasante sobre o tema Comportamento. O objetivo é instigá-lo a pensar e a ter um olhar mais aguçado sobre assuntos relativos a dinheiro.

- › Qual é a diferença entre desejar e querer?
- › O que é ser rico?
- › Dinheiro traz felicidade?
- › Sou consumista?
- › Tempo é dinheiro?

Assim como ocorre em vários aspectos da vida, ter certa medida de autoconhecimento também pode ser ferramenta útil na administração das finanças pessoais. Dessa forma, pegando emprestado algumas palavras da filosofia grega, sugerimos: conheça a si mesmo – e seu comportamento financeiro!

**“A humanidade é produto do desejo e não da
necessidade.”**

GASTON BACHELARD, FILÓSOFO E ENSAÍSTA FRANCÊS.

Você quer o que deseja?

A maior parte das pessoas sente vontade de comprar após dar um passeio no shopping ou numa loja de interesse. O mesmo pode acontecer, por exemplo, quando se vê um recém-lançado aparelho eletrônico, o carro zero do vizinho ou a roupa nova da amiga.

A ciência explica que é natural do ser humano ter desejos. Mas há grande diferença entre desejar e querer. Nosso cérebro é composto de quatro sistemas distintos. Três deles são parte do modelo proposto pelo neurocientista Paul D. MacLean: o complexo reptiliano, o sistema límbico e o sistema neocortical. O primeiro controla as atividades responsáveis pela sobrevivência, como a respiração. O segundo controla as emoções e o terceiro, o raciocínio. O quarto sistema é o cérebro moral, possivelmente localizado na ínsula, que é responsável pelos nossos julgamentos e escolhas morais.

O desejo se origina no sistema límbico, a parte do cérebro responsável pela formação das emoções. Já a transformação do desejar em querer ocorre no córtex, local onde as decisões racionais são processadas. Conclusão: desejar é uma ação irracional; querer é racional.

Assim, antes de adquirir algo, pense se realmente quer ou se apenas deseja o objeto. Questione se você está consciente das responsabilidades que a aquisição lhe trará. Além disso, analise se o que você quer não é algo diferente do objeto que está comprando. A publicidade hoje faz de tudo para que você transforme seus desejos não só num simples querer, mas em verdadeira necessidade. Tome cuidado, é fácil cair nessa armadilha.

Uma brincadeira

Vamos supor que, em um sábado comum, você esteja passeando com seu cônjuge no shopping e passe por você aquela atriz famosa ou aquele artista que você adora. O que acontece? Se você for como a maioria das pessoas, irá desejá-la ou desejá-lo no mesmo instante.

Agora, suponha que surpreendentemente, naquele dia, o artista ou a atriz retribua seus olhares de desejo. O que você faz? Arrisca a relação com seu cônjuge em nome desse desejo?

Muitos dirão que não, pois consideram que as consequências de transformar esse desejo em realidade seriam muito complicadas. Aí está a diferença entre DESEJAR e QUERER.

Em suma, as pessoas não controlam seus desejos, porque eles podem nascer nas estruturas infracorticais do cérebro. Entretanto, quando se processa racionalmente essa emoção, pesando a decisão em termos de perdas e ganhos, pode-se escolher não satisfazer o desejo.

Imagine: quantas vezes, ao passear pelo shopping, você vê uma bela roupa ou um aparelho eletrônico da moda e satisfaz o desejo de possuí-lo sem pensar nas consequências desse ato para sua saúde financeira?

Desejar objetos de consumo é extremamente comum – e desejar faz bem. Pense que, se não fossem nossos desejos, ainda estaríamos vivendo nas cavernas. O progresso é produto do desejo, e não de nossas necessidades.

Então, não se pode simplesmente reprimir os desejos. O que se deve é pensar muito antes de transformar desejar em querer. Retomaremos esse assunto ao longo do livro.

Ser rico ajuda a ser feliz?

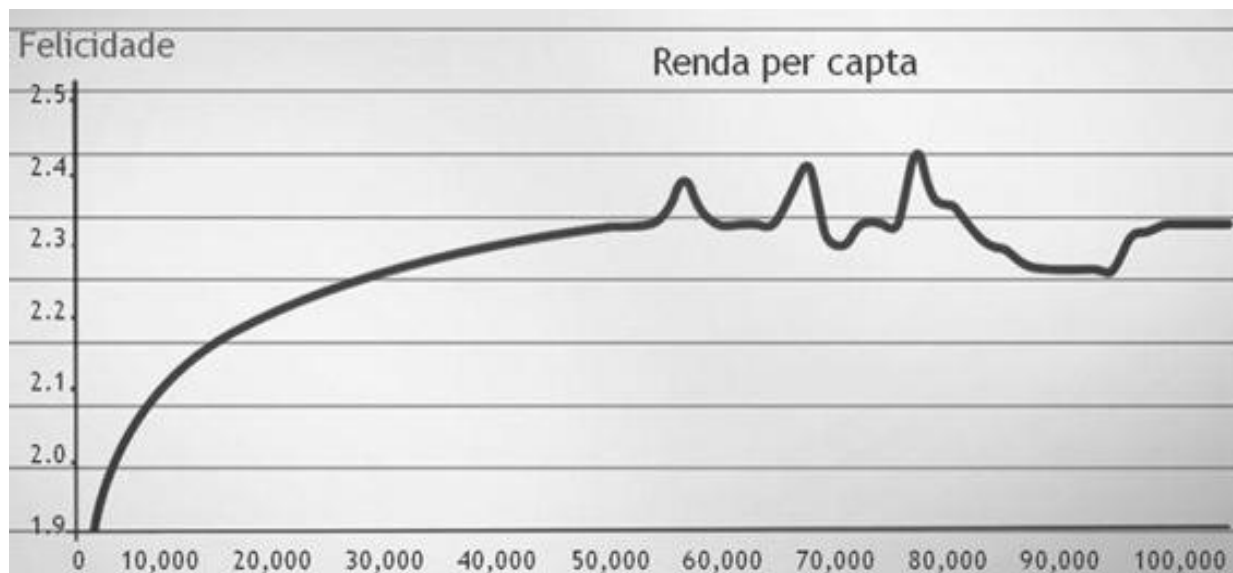
Uma pesquisa da Universidade de Princeton com 450 mil americanos, realizada pelo economista Angus Deaton e pelo psicólogo Daniel Kahneman, constatou que dinheiro está ligado à felicidade das pessoas até o limite de 75 mil dólares por ano. Acima disso, o aumento da renda não traz impacto no bem-estar emocional.

Ainda assim, a maioria das pessoas deseja ser rica porque acredita que enriquecer é encontrar a felicidade. Na verdade, se refletirmos a fundo sobre a questão, veremos que a relação entre felicidade e riqueza é falsa.

Essa relação ocupa filósofos e economistas há séculos. Os pensadores iluministas, por exemplo, acreditavam na existência de uma equação harmônica entre o progresso (que seria a riqueza) e a felicidade.

Desse pressuposto surgiu a ideia de que, com o aumento da riqueza material, as pessoas podem aumentar seu grau de felicidade. Por mais que se conteste essa afirmação, ela já está entranhada no DNA de nossa sociedade.

Um estudo diz que, quando a **renda** de uma família cresce em até cerca de 3.500 dólares ao ano, a relação entre aumento de renda e de felicidade é muito forte. Por esse motivo, existem mais pessoas que se declaram felizes em países ricos do que em países extremamente pobres. Quando a renda aumenta entre 3.500 dólares e 12 mil dólares ao ano, a relação entre renda e felicidade é positiva, porém um pouco mais baixa. Entre 12 mil dólares e 70 mil dólares a relação continua a existir, mas é bastante baixa. A partir de 70 mil dólares anuais, a relação entre dinheiro e felicidade é inexistente. Alguns estudos consideram este valor um pouco menor, em torno de 50 mil dólares.



RENDA

A quantidade de dinheiro recebida durante certo tempo, em troca de trabalho ou serviços ou como lucro de investimentos financeiros.

Mas por que é que, depois de acumular bens materiais e realizações, a tendência é esquecer que tudo foi resultado de conquistas nem sempre fáceis? Os filósofos estoicos consideravam que se as pessoas não controlassem os desejos, jamais conseguiriam alcançar a felicidade.

Segundo eles, seria impossível equilibrar o que a mente deseja e o que realmente é possível adquirir. Não é à toa que certos milionários, depois de muito acumular, passam a encarar o status e o conforto como um dado da natureza. Assim, torna-se fácil sentir-se insatisfeito e induzido a buscar sempre mais bens para ser feliz.

Na prática

Pode ser que você ou seus pais ainda se lembrem do primeiro televisor que a família adquiriu. Certamente, foram vários dias de felicidade. A chegada da primeira televisão colorida, muito tempo depois, também trouxe alegria a várias famílias. Entretanto, hoje os pais não conseguem fazer com que seus filhos fiquem alegres simplesmente por terem um televisor em casa. Para eles, isso é normal, pois todos os seus amigos e conhecidos também têm o aparelho. É que, com o passar do tempo, o padrão de consumo muda.

Ideal iluminista

Felicidade deriva da satisfação dos desejos.

Mensagem:

Libere os desejos e realize-os!

Ideal estoico:

Felicidade provém do controle dos desejos.

Mensagem:

Liberte-se da tirania dos desejos!

É possível fazer um paralelo entre os pensamentos iluministas e estoicos com dois outros movimentos da história mundial. Os hippies, na década de 1970, pregavam que a felicidade era um amor e uma cabana – e a cabana ainda era supérflua. Não deixa de ser o ideal estoico.

Já nos anos 80, a geração yuppie estava no auge e pregava que ser feliz era obter o melhor de tudo que o dinheiro pudesse comprar. É a mais recente tradução do ideal iluminista.

E para você, o que é ser feliz? Você acha que ser feliz é ser rico? Vale a pena avaliar o que é ser rico para você, o que realmente lhe proporciona felicidade e até que ponto o dinheiro pode contribuir para isso.

Lidar com a felicidade pode ser tão difícil quanto enfrentar a infelicidade.

O que o deixa mais contente: comprar um carro ou brincar com seus filhos? Viajar ou ajudar pessoas que precisam?

Aproveite agora e tire um momento para refletir. Preencha o quadro abaixo com as atividades que costumam deixá-lo feliz.

Atividades que melhoram meu humor:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

6. _____

7. _____

Veja o que a maioria das pessoas responde sobre o que melhora o humor delas:

	HOMENS	MULHERES
Conversar com os amigos e com a família	51%	63%
Escutar música	52%	55%
Rezar ou meditar	38%	51%
Ajudar pessoas necessitadas	38%	45%
Tomar banho	35%	47%
Brincar com animais de estimação	30%	38%
Fazer exercícios	30%	24%
Sair com amigos	27%	29%

Fonte: Revista Time.

Pare um pouco, pegue lápis e papel e escreva uma lista com as coisas que, para você, fazem a vida valer a pena. Reflita por alguns momentos sobre cada item da lista. Será que você tem direcionado tempo e dedicação suficientes para eles? Será que você precisa de muito dinheiro para realizá-los?

Agora observe o que as pessoas respondem quando perguntadas pela revista Time sobre as coisas que lhes fazem mais felizes:

QUAIS SÃO OS MAIORES MOTIVOS PARA LHE FAZER FELIZ?

Relacionamento com os filhos ou crianças	77%
Amizades	76%
Caridade	75%
Relacionamento com marido/esposa ou namorado(a)	73%
Grau de controle sobre sua vida e seu futuro	66%
Coisas que você faz em seu tempo livre	64%
Relacionamento com os pais	63%
Religião	62%

Fonte: Revista Time.

Você percebeu que, das atividades mais citadas, a maioria requer pouco ou, em alguns casos, até mesmo nenhum gasto? É lógico que não podemos viver hoje sem dinheiro, mas, antes de acreditar cegamente que ser rico e consumir é sempre o melhor caminho para a felicidade, tenha uma visão mais crítica desse senso comum.

A sociedade precisa produzir e, para isso, demanda cada vez mais trabalho das pessoas. Para fazer isso, no passado, utilizaram-se muitos artifícios, até mesmo a tortura física. Mesmo assim, jamais se conseguiu fazer com que as pessoas trabalhassem tanto quanto atualmente.

Sem dúvida a sensação de ser útil e produtivo é forte componente da felicidade, mas o elevado percentual de pessoas estressadas e infelizes com sua qualidade de vida sugere que muita gente foi longe demais. Veja se isso não aconteceu com você.

Também é bom refletir que existem dúvidas acerca de o dinheiro trazer felicidade. Mas é bastante certo que a falta de dinheiro traz, sim, infelicidade. Preocupações com contas para pagar, dívidas e prestações são capazes de tirar o sono e a qualidade de vida de muita gente.

Na prática | O QUE É SER RICO

Certa vez um consultor financeiro perguntou a um agricultor o que era ser rico. Ele prontamente respondeu que, quando era criança, achava que ser rico era comer carne todos os dias. Já que, no presente, o agricultor ganhava o suficiente para não sofrer restrições alimentares, ele podia se considerar rico.

É possível que muitas pessoas discordem da definição de riqueza do agricultor. Para saber o que é ser rico para você, pergunte-se:

- › Quais são meus objetivos?
- › Quanto dinheiro quero ter?
- › Quando irei me considerar uma pessoa rica?

Se você não tiver ideia definida sobre o que é ser rico, não saberá aonde quer chegar e nunca estará satisfeito. É por esse motivo que, para algumas pessoas, a viagem nunca termina. Elas sempre irão querer ganhar mais por não saberem quanto é o suficiente.

Muito pior que não se preocupar com dinheiro é gastar a vida toda procurando acumular. O dinheiro deve ser um meio, e não um fim.

Uma forma mais precisa de medir seu nível de riqueza é fazer-se a seguinte pergunta: “Quanto tempo mais?”. A resposta será o número de meses ou anos que você levará para acumular quantia suficiente para sustentar seus gastos sem precisar trabalhar mais.

Quando seu patrimônio puder sustentar o estilo de vida que almeja, você será rico.

Caso real

Um executivo, funcionário de uma empresa multinacional, tinha um salário de R\$ 50 mil por mês. Por ter acumulado poupança de R\$ 400 mil, ele se considerava rico. A empresa em que ele trabalhava passou por um problema financeiro e o demitiu. O patrimônio que ele havia guardado foi suficiente para sustentar seu padrão de vida por exatos oito meses. Depois desse tempo, ele teve que vender a cobertura financiada em que morava e seu casamento também não resistiu à crise.

Quanto mais simples for o estilo de vida que você almeja, mais fácil será enriquecer.

Investigando a felicidade

“Dinheiro não traz felicidade”, diz o ditado. Mas não tão popular quanto esse ditado é o conceito que ele transmite. No fundo, as pessoas sempre ficam em dúvida quanto à capacidade de o dinheiro conquistar a felicidade. Investigaremos o que alguns estudos práticos de especialistas na área de saúde mental falam sobre o assunto.

Uma das hipóteses que tenta explicar a felicidade afirma que esse sentimento seria um truque da natureza, a fim de perpetuar a espécie humana. A lógica do pensamento é que, quando fazemos algo que aumenta nossa chance de sobrevivência ou procriação, nos sentimos felizes. É exemplos disso a alegria que as pessoas sentem quando se apaixonam, começam um relacionamento ou simplesmente quando comem uma boa macarronada e bebem vinho.

Desde a Antiguidade, a maior parte dos tratados e pesquisas sobre a influência das emoções na saúde averiguavam os efeitos que os sentimentos negativos como angústia, raiva e tristeza causam no organismo. Somente na década de 1980 surgiu uma corrente que percorre o caminho contrário, investigando as raízes da felicidade.

Um dos principais representantes do movimento **psicologia positiva** é o Dr. Martin Seligman, professor da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, que lidou com pacientes deprimidos por quase 30 anos e resolveu inverter o curso de seus estudos. Seligman concluiu que a felicidade é resultado de três coisas: prazer, engajamento e significado. O significado pode ser traduzido como senso de contribuição somado à ideia de que podemos transcender nossa existência.

PSICOLOGIA POSITIVA

Campo da psicologia que visa determinar o peso das emoções boas no equilíbrio físico e mental.

Prazer

é o mais fácil de definir e entender. Aqui estão incluídas atividades como comer, beber, fazer sexo, conversar com um amigo, tomar banho de mar ou uma ducha quente em um dia de inverno. Aqui o dinheiro é muito poderoso. Os gastos que se tem com essas atividades geralmente não são muito elevados e o resultado costuma ser bastante

positivo. Muitas pessoas se tornam infelizes porque se esquecem desses pequenos prazeres da vida. Quando perguntadas sobre o que lhes gera prazer, algumas não sabem responder e acabam dizendo que é o trabalho. Se isso está acontecendo com você, fique alerta.

Engajamento significa sentir-se absorvido pelo que se faz. Trata-se da capacidade de envolvimento entre a pessoa e sua vida. Engajamento é gostar da vida, amar e ser amado pela família, pelos amigos, gostar do trabalho e saber que ele faz bem à sociedade. Enfim, engajamento é ter amor por viver. Aqui o dinheiro já perde seu poder. Se você pensa que será amado pela quantidade de dinheiro que tem, cuidado!

Contribuição é o que sentimos quando percebemos que nossa vida e o que produzimos contribuem para a sociedade como um todo. Quando isso não acontece, sofremos. É o que motiva voluntários a trabalhar sem qualquer remuneração ou o que faz profissionais aceitarem condições de trabalho pouco favoráveis desde que possam contribuir com a humanidade.

Transcendência é nossa tentativa de ir além da vida. Nós, humanos, adquirimos a capacidade de projetar o futuro e, quando o projetamos, não nos conformamos com o fato de que nossa vida é finita. Então, precisamos de um propósito para nossas vidas, algo que dê a ideia de que mesmo morrendo, continuaremos a viver. Transcender refere-se a essa sensação de que a vida faz parte de algo maior. Para muitos, é a religião que resolve esta angústia. Para outros, a filosofia ajuda. Alguns dão significado às suas vidas constituindo uma família, outros o fazem ao construir uma empresa, ao se dedicar a uma causa coletiva ou ao desenvolver a ciência. Neste aspecto, ter dinheiro não ajuda em nada.

**Para alcançar a felicidade você pode comprar
prazer, mas dificilmente o dinheiro trará
engajamento ou significado à sua vida.**

Muito antes de Seligman, o psicólogo Abraham Maslow sugeriu que os motivos humanos para a conquista da felicidade podem ser organizados segundo uma hierarquia semelhante, que ficou conhecida como a Pirâmide de Maslow.



Na base da pirâmide estão as necessidades mais básicas das pessoas; as mais complexas são colocadas nas partes superiores. Maslow é criticado por outros pesquisadores por ter afirmado em seus estudos que as pessoas só teriam os desejos superiores quando satisfizessem os desejos da base da pirâmide.

Sabe-se hoje que mesmo um indivíduo que não pode saciar a própria fome tem necessidade de autorrespeito e autorrealização – bem como todas as outras pessoas.

As teorias de Seligman e de Maslow guardam semelhanças entre si e podem ser relacionadas. Obtemos prazer ao resolver nossas necessidades fisiológicas e grande parte das nossas necessidades de segurança. Quando dormimos em uma casa que nos protege das intempéries e dos perigos do mundo, sentimos prazer. Quando tomamos um bom banho, fazemos uma refeição quando temos fome ou namoramos, sentimos prazer.

“Sentir que não temos atenção decepciona necessariamente os mais ardentes desejos da

natureza humana.”

ADAM SMITH, PAI DA ECONOMIA MODERNA.

Neste nível, ter dinheiro ajuda muito. Pode-se conseguir prazer em troca de dinheiro, até mesmo sexo. Segurança também pode ser comprada. Quando ficamos doentes, podemos ter proteção de médicos e enfermeiras mediante um pagamento.

O segundo ponto gerador de felicidade apontado por Seligman é o engajamento. Ele se relaciona com as necessidades de amor e pertinência e a necessidade de estima, apontada por Maslow. Nós, humanos, temos enorme necessidade de pertencer a um grupo. E, para nos sentirmos realmente pertinentes a um grupo, precisamos sentir que somos amados, ou seja, precisamos ser respeitados e nos respeitar.

Pessoas realmente engajadas são aquelas que gostam da vida que têm. Gostam dos diversos papéis que desempenham. Se uma pessoa gosta e sente que é admirada por sua família e por seus amigos, ela tem mais chances de ser feliz. Se ela é respeitada em seu trabalho e sente que este trabalho tem importância e contribui para aquilo que são seus valores, ela tende a ser engajada. Pessoas engajadas costumam ser amadas por seus pares.

Assim, chegamos à conclusão que o dinheiro é pouco eficiente para nos trazer engajamento. Não é que ele não ajude, ele ajuda sim, mas geralmente em uma proporção muito menor do que o esforço que temos que fazer para ganhá-lo.

Lembre-se: o maior presente que você pode dar para aqueles que realmente o amam é estar presente.

Finalmente, para significar sua vida, o dinheiro não ajuda em nada. Dinheiro ajuda na busca da felicidade, mas não a garante. Muitas pessoas gastam tanto tempo na busca do dinheiro que perdem o tempo para aproveitar o que realmente as faz felizes.

Agora veja que elementos da pirâmide da felicidade o dinheiro pode adquirir. Ter dinheiro ajuda muito a atender os prazeres fisiológicos e também a ter segurança. Com o dinheiro você compra comida, veste-se, paga um plano de saúde, compra uma casa, faz reservas para situações de emergência.

Mas será que ter prazer, sem atender as demais necessidades, traz felicidade? Já vimos que não. Da mesma forma, dificilmente o dinheiro imprimirá significado ou trará realização à vida de alguém.

Consumo, status e felicidade

Dinheiro ajuda a ter engajamento, a satisfazer as necessidades de amor, de estima? Pode o dinheiro fazer você sentir que pertence a alguém ou a algum grupo? Bem, pelo menos, pode fazer parecer que sim.

Tome o exemplo dos adolescentes que, se não tiverem um tênis de determinada marca ou se não carregarem consigo seus gadgets, não sentirão que pertencem ao grupo de amigos.

Já os adultos sabem que isso não passa de besteira. Será que sabem mesmo? Muitas pessoas adquirem carros importados quando, na verdade, o que querem mesmo é ganhar respeito de seus colegas de trabalho ou de sua família. Outros jogam golfe achando que, assim, terão mais amigos. Mas terão de fato?

Há pessoas que querem ficar ricas para consumir porque acreditam que fazer isso as torna estimadas pela sociedade e lhes dá o prazer de pertencerem a um grupo. Assim, talvez você se sinta tentado também a comprar um carro, usar certas marcas, fazer alguns luxos ou frequentar determinados clubes – tudo para satisfazer sua necessidade de amor e estima social, mesmo que aqueles objetos em si nem sejam tão importantes para você.

A fórmula que passa na mente é: SUCESSO = CONSUMO = STATUS. Na sociedade capitalista meritocrática, a estima ou o “amor” da sociedade é distribuído àqueles que têm sucesso. Isso ocorre porque atribuir status é uma das formas que as sociedades têm para direcionar os esforços de seus indivíduos e, também, para que estes dediquem sua vida a fazer aquilo que beneficiará a sociedade.

Nas sociedades em guerra, os cavaleiros ou guerreiros tinham status social, muito mais do que os nobres. É compreensível que, em uma sociedade que busca o progresso econômico e o acúmulo, as pessoas que geram riqueza sejam as que ganham maior status.

Em nossa organização social, o status é circunscrito a um grupo. Por exemplo, uma mulher que tiver status na família sendo uma mãe exemplar não elevará, com isso, seu status no trabalho caso seja considerada uma

funcionária medíocre. Um homem pode ter muito status em seu grupo de amigos, mas não ser respeitado pela família.

Isso nem sempre foi assim. No passado, em sociedades menos fragmentadas que a atual, o indivíduo que fosse um bom pai de família e um bom membro da comunidade poderia até ser um funcionário não muito brilhante e, ainda assim, seria respeitado pelos colegas. Porém, na sociedade atual, o status é circunscrito a determinados grupos sociais, por isso temos múltiplos status.

É importante notar também que o status é uma medida relativa. Ele nasce da comparação. Alguém só tem status se comparado a outros que não o têm ou que têm menos. E essa comparação é sempre lateral, o que quer dizer que você se confronta com seus pares – os colegas de trabalho, os amigos, os vizinhos ou a própria família. Você se compara com seu irmão, e não com seu avô.

Isso quer dizer que se o seu nível de riqueza aumentar junto com o da sociedade inteira, você sentirá como se não tivesse saído do lugar. Essa característica explica por que a felicidade não cresce na mesma proporção em que aumenta o nível de riqueza da sociedade.

Mas será que status é felicidade? Por quanto tempo? Pense nos motivos que fazem você querer ter mais dinheiro e analise se isso é para investir em seus valores e trazer satisfação pessoal ou apenas para agradar a outros. Conquistar status é uma jornada dura e com resultados muito passageiros. Além disso, pessoas que dedicam muito esforço para conseguir status costumam perceber, em dado momento, que tanta dedicação não valeu a pena, o que gera frustração, na maioria dos casos.

Caso real

Preocupada com suas dívidas, uma senhora procurou um planejador financeiro para começar a organizar e planejar sua vida financeira. Seu saldo devedor estava em R\$ 100 mil e seu principal gasto era com roupas que reconhecia nem usar. Quando perguntada sobre o motivo pelo qual comprava tanto, não sabia responder. Quando refletiu sobre o assunto, ela se deu conta de que a única razão que a fazia voltar sempre às lojas era as pessoas parecerem gostar dela. Ela comprava compulsivamente para sentir-se bem tratada e para ver suas “amigas”, as vendedoras das lojas.



Mas será que as pessoas conseguem abrir mão de lutar por status? Não parece que isso seja possível. Uma alternativa é o que se chama de arena estratégica de status. Delimite muito bem onde você quer ter status elevado e lute para melhorar a forma como o grupo eleito o enxerga. Se a família e o trabalho são as arenas estratégicas mais importantes, você não pode dedicar mais tempo à associação de ex-alunos da escola do que a seus filhos.

Lembre-se: conquistar status custa tempo.

Um homem pode comprar um carro novo para ser respeitado e admirado pelos colegas ou para chamar a atenção da namorada. Se esse automóvel for financiado, ele estará, na verdade, buscando o status com um objeto que pertence a um banco, e não a ele.

Na Europa é comum que as pessoas ricas adquiram objetos de luxo apenas com o rendimento de seu capital. Somente com a renda que provém de seus investimentos é que os milionários nesses países compram determinados artigos, como carros potentes e bolsas de grife, que têm preço exorbitante.

No Brasil é comum presenciarmos situações de pessoas que se endividam para comprar roupas, carros e joias que não condizem com seus ganhos mensais. É importante frisar que você deve tomar cuidado ao adquirir

objetos de luxo com o dinheiro que é fruto de seu trabalho. Até porque o trabalho demanda tempo, que é o bem mais precioso.

Tempo = Vida

Atualmente, dizer que não temos tempo confere grande status. Estar com a agenda cheia, ser incapaz de desfrutar da companhia dos amigos e mesmo da família nos fins de semana – tudo isso dá status.

Caso real

Um jovem dentista certa vez relatou a seu consultor financeiro que, embora tivesse alguns períodos da semana livres, não cogitava ir ao cinema em uma quinta-feira à tarde. Ele sentia vergonha de não estar com a agenda completamente ocupada em todos os períodos do dia e temia ser visto por algum conhecido desfrutando de lazer em vez de estar trabalhando. Não soa como contrassenso?

Somos o ativo de uma pessoa para cada passivo que temos.

Vida Simples - um caminho interessante

Nadando contra a forte maré atual de consumismo, vem crescendo nos últimos anos um movimento que prega o retorno à vida simples. Após constatar que a corrida para o consumo não entrega o que promete, a milionária americana Elaine St. James criou o movimento Simple Life (termo inglês que significa Vida Simples). De acordo com esse movimento, consumir em si não é algo ruim, e o atual estágio de desenvolvimento da sociedade é positivo, já que permite inúmeros avanços nos níveis de conforto material, saúde, educação, cultura e lazer.

Por outro lado, o Simple Life reconhece que não podemos querer tudo. Por isso, incentiva as pessoas a fazer um consumo consciente, o que significa dizer que é necessário manter os desejos sob controle e ter bom-senso antes de convertê-los em necessidade.

O melhor consumo é aquele que contribui para sua qualidade de vida e, ao mesmo tempo, não prejudica a comunidade à sua volta. Essa ideologia é, no mínimo, convidativa a um exercício interessante que você pode fazer toda vez que tiver vontade de sair disparando o cartão de crédito.

Antes de gastar, pergunte-se se o item que você deseja consumir vale a quantidade de vida que você precisa despender para comprá-lo. Pegue seu salário e faça a conta. Divida o que ganha cada mês por suas horas de trabalho. Depois calcule quanto certo objeto de seu desejo custa em termos de horas. Em seguida, analise se está disposto a trabalhar a quantia de horas que a satisfação do desejo exigirá de você.

Na prática

Recebo R\$ 2 mil líquidos por mês por um trabalho de 40 horas semanais. Num mês com quatro semanas completas, trabalharei 160 horas (40 x 4). Isso significa que meu salário por hora é R\$ 12,50 (2.000/160). Passando perto de uma vitrine, vi uma linda bolsa por R\$ 220. Devo comprar? Fazendo as contas: vou precisar trabalhar cerca de 17 horas para adquirir esse objeto. Pergunte-se: “vale a pena, para mim, trabalhar dois dias inteiros a fim de satisfazer esse desejo?”

Dica

No site www.itau.com.br/usoconsciente você pode acessar o simulador “calculadora custo—hora”, que permite avaliar quantas horas você precisaria trabalhar por mês para comprar cada produto que deseja.

É verdade que tempo pode ser empregado para ganhar dinheiro, mas não se esqueça de que tempo também é vida e vale muito mais do que qualquer riqueza. Pessoas que se dedicam demasiadamente a suas carreiras devem tomar cuidado. Isso pode ser apenas um motivo para preencher outros vazios existenciais. Se o trabalho é o centro da sua vida, saiba que muitas pessoas costumam se arrepender dessa atitude em algum momento.

Aprenda a cultivar prazeres de baixo custo e que não se esgotam materialmente, como a arte, a música e a leitura. Também não se deixe tomar pela neurose do pauperismo – a vida foi concebida para ser bem vivida e não para a autoflagelação.

Procure ensinar os filhos a gostarem de coisas que podem ser feitas sem despende muito dinheiro. Muitos pais chegam ao final da semana tão cansados que o único lazer que conseguem ter com os filhos é ir a um shopping center. Assim, os jovens aprendem que um passeio no shopping é sinônimo de diversão.

Que tal programar um lanche no parque ou brincar com algum jogo de que eles gostem? Ou, ainda, chamar os filhos para a cozinha e ensiná-los que fazer pizza ou sovar uma massa de pão também pode ser divertido? Tente fazer isso e veja se eles ficam tão ou mais contentes do que com um dia de enormes gastos no shopping. Mas atenção: comece logo, pois, uma vez que estiverem viciados em consumo, será difícil alterar o comportamento.

Com frequência, gastamos dinheiro que não temos para comprar coisas que não nos interessam só para impressionar pessoas de quem não gostamos.

CAPÍTULO 2

Planejamento Financeiro

Organize suas finanças e descubra como poupar para alcançar seus objetivos

Cantiga da Cigarra

**De que vale um tesouro
Junto às flores do arrebol?
Quem quiser que junte todo o ouro
Eu prefiro a luz do sol**

Quem é você nessa história?

Por mais moderno que possa parecer, o conceito de planejamento financeiro é questão discutida há bem mais tempo do que imaginamos. Quem já não ouviu falar na alegre cigarra que cantarolava pela floresta durante o verão enquanto a formiga diligente aproveitava para trabalhar duro e acumular comida para o inverno rigoroso?

Com a fábula A cigarra e a formiga, o escritor francês Jean de La Fontaine levantou, já no século XVII, uma questão intrigante até hoje: ser previdente e trabalhar de modo árduo, pensando sempre no futuro, ou viver o momento presente e curtir a vida sem se preocupar com o amanhã?

A mitologia grega também faz sua versão do dilema “previdente versus imprudente”. Segundo uma das lendas, Prometeu e Epimeteu eram irmãos. O primeiro pensava antes de agir, e o segundo agia antes de pensar.



Prometeu era homem prudente, mas, segundo o mito, Zeus lhe impusera um castigo. Seu fígado era comido por uma águia todos os dias e se reconstituía durante a noite – um suplício que se repetia diariamente. Podemos dizer que, assim, a mitologia retrata o castigo do previdente. As preocupações com o futuro, representadas pelo fígado, tiravam o prazer de sua existência.

Já Epimeteu era o oposto do irmão, se precipitava em agir sem levar em conta as consequências. A mitologia diz que Epimeteu casou-se com Pandora, a primeira mulher. Ao nascer, ela recebeu dos deuses uma caixa contendo todas as virtudes do mundo e sua única obrigação era nunca abri-la. Uma vez casada com Epimeteu, Pandora abriu a caixa, deixando escapar todas as qualidades que estavam dentro dela, exceto uma: a esperança.

Essa história dos antigos gregos nos instiga a pensar: será que devemos nos comportar na vida como Prometeu ou como Epimeteu? Devemos ser previdentes e suportar as agruras de sofrer por antecipação ou devemos nos encher de esperança e acreditar que, no futuro, tudo se resolverá?

Os imprevidentes adoram apontar a má sorte daqueles que se preocupam muito com o futuro e acabam morrendo antes de poderem aproveitar suas poupanças. Esquecem-se, porém, de apontar seus inúmeros colegas que, “por azar”, ficam velhos e pobres, como cigarras que penam no inverno da vida.

Será que não existe meio-termo entre Prometeu e Epimeteu? Entre a cigarra e a formiga?

Acreditamos que você pode facilmente poupar e ser previdente sem deixar de aproveitar a vida. Pode dosar trabalho e lazer sem prejudicar seu desempenho profissional. O modo como fazer isso é o que vamos considerar neste capítulo.

O segredo é poupar nos gastos que não contribuem para sua qualidade de vida e fazer um bom planejamento financeiro.

O segredo é o planejamento

Planejamento financeiro é o processo de gerenciar seu dinheiro com o objetivo de atingir a satisfação pessoal. Permite que você controle sua situação financeira para atender necessidades e alcançar objetivos no decorrer da vida. Inclui programação de orçamento, racionalização de gastos e otimização de investimentos.

Um bom planejamento pode fazer mais por seu futuro do que muitos anos de trabalho e, em geral, é o diferencial entre sonhadores e realizadores. Mesmo um aventureiro que pretende dar a volta ao mundo tomando caronas deve ter, no mínimo, um plano para fazer seu desejo dar certo.

O planejamento não visa apenas ao sucesso material, mas também pessoal e profissional. Pessoas muito endividadas perdem oportunidades na carreira por não poder correr riscos.

Se você for organizado com suas finanças e fizer reservas, poderá trabalhar também porque quer, e não somente porque precisa. Terá mais chances de enriquecer seu currículo com trabalhos no exterior, se esse for seu objetivo. Também poderá se dar ao luxo de passar alguma temporada sem trabalhar, só estudando, por exemplo.

Planejar possibilita que você assuma as rédeas de sua vida e guie-a para o caminho que mais o agrada.

Por que devo planejar?

Com o planejamento, você passa a gastar de acordo com suas possibilidades e pode começar a poupar também. É claro que ninguém gosta de controlar os gastos, mas é importante saber que todas as pessoas têm gastos controlados – se não é pela vontade, é pela impossibilidade de crédito.

É falsa a afirmação de que alguém pode gastar mais do que ganha. A partir do momento em que essa pessoa passar a possuir dívidas superiores a seus ganhos, ela deixará de ter crédito e ficará impossibilitada de consumir ainda mais. Uma vez esgotado o limite do crédito, a pessoa tem que devolver o valor e, ainda, pagar os **JUROS** decorrentes.

Crédito sem planejamento é fonte de futuras dores de cabeça, mas pegar dinheiro emprestado nem sempre é um problema. Quando utilizamos o crédito de forma planejada podemos melhorar nossa vida e até economizar. É o caso de alguém que compra a casa própria e consegue deixar de pagar aluguel ou de alguém que substitui a velha geladeira por uma nova, mais econômica, e que, mesmo pagando juros de um financiamento, consegue economizar.

Há muitos casos também em que o crédito nos ajuda a realizar um sonho ou nos apoia em uma emergência. No mercado existem vários tipos de crédito, cada um indicado para uma situação específica. O chamado cheque especial é um exemplo: ele serve para nos apoiar em uma emergência. Só que como é muito caro, assim que o problema é resolvido é necessário cobrir o empréstimo com as reservas ou com outro crédito mais barato, como o consignado.

Lembre-se: por trás de todo devedor existe um credor que ganha o juro pago. E você prefere ser qual dos dois no jogo econômico: um pagador de juros ou um ganhador de juros?

Ninguém pode gastar mais do que ganha de forma consistente e sistemática.

Um passo após o outro

O planejamento financeiro deve funcionar como um mapa de navegação para a vida financeira. Mostra onde você está, aonde quer chegar e que caminhos percorrer para ser bem-sucedido. Assim, para começar essa jornada, leia e siga os seis passos:

JUROS

É o rendimento do dinheiro emprestado e representa o custo de sua posse. Remuneração destinada a pagar ao capitalista o serviço que presta ao devedor.

A HORA É AGORA

Um erro que a maioria das pessoas comete é fazer o planejamento financeiro somente quando está endividada. Nessa situação, o planejamento necessariamente implica cortes e gera situação de desgaste familiar.

O ideal é fazer o planejamento financeiro quando estamos sem problemas. Quando a situação não é de crise, o plano visa redirecionar os gastos para aquilo que realmente pode melhorar sua vida.

E o investimento para o futuro é apenas um dos itens que ajudam a fazer isso acontecer. Investir permite ter tranquilidade e paz de espírito, mas, ao mesmo tempo, também faz bem planejar para fazer sobrar dinheiro para uma viagem, para a compra da casa, para a troca do carro...



1. Determine sua situação financeira atual
2. Defina seus objetivos

3. Crie metas de curto prazo para cada objetivo
4. Avalie a melhor forma de atingir suas metas
5. Coloque em prática seu plano de ação
6. Revise as estratégias.

1º PASSO

DETERMINE SUA SITUAÇÃO FINANCEIRA ATUAL

Faça um levantamento de tudo o que tem e coloque na ponta do lápis suas receitas e despesas mensais.

1.1 Balanço Patrimonial

Faça uma tabela com duas colunas e liste todos os seus **ativos** e **passivos**. Depois, faça a conta ativos menos passivos para obter o valor de seu patrimônio líquido, como mostra o exemplo a seguir:

ATIVOS		PASSIVOS	
Bens		Dívidas	
Dinheiro vivo	R\$	Empréstimo imobiliário	R\$
Conta-corrente	R\$	Financiamento de carro	R\$
Caderneta de poupança	R\$	Empréstimo bancário	R\$
Fundos de investimentos	R\$	Dívidas em lojas	R\$
Ações	R\$	Dívidas com particulares	R\$
Participação em empresas	R\$	Cartão de crédito	R\$
Clubes de investimentos	R\$	Cheques especiais	R\$
Planos de previdência	R\$		R\$
	R\$		R\$
	R\$		R\$
Títulos públicos	R\$	TOTAL DO PASSIVO	R\$
Debêntures	R\$		
Outros ativos financeiros	R\$	Patrimônio Líquido	
		O quanto eu tenho de fato	
Veículos	R\$		
Casa própria	R\$	Ativos – passivos	R\$
Casa de praia	R\$		
Sítio	R\$		
Outros imóveis	R\$		
TOTAL	R\$		

ATIVOS - PASSIVOS = Patrimônio Líquido

Meus bens e direitos Minhas dívidas O que sobrou

R\$.....R\$.....R\$.....

ATIVOS

Direitos e bens adquiridos

PASSIVOS

Deveres ou dívidas contraídas

Na prática | ATIVO OU PASSIVO?

Na contabilidade tradicional, um ativo é todo bem ou direito que uma pessoa possui. Contudo, para o autor americano Robert Kiyosaki, os ativos que geram despesas são, na verdade, passivos ou falsos ativos. Entram na lista dos falsos ativos a sua casa, o barco, o sítio e todos os outros bens que tiram dinheiro do seu bolso. Claro que, quando você coloca seu barco ou casa para alugar, e passa a gerar receita, logo se torna um ativo. Independentemente da classificação que você der a seus bens, o importante é começar a adquirir e manter aqueles ativos que não geram mais contas a pagar, mas que deem dinheiro para você, como investimentos em títulos e ações, por exemplo. Ao contrário do que Kiyosaki defende em sua teoria, uma casa pode ser considerada um ativo, pois permite que o proprietário deixe de pagar aluguel – o que, na prática, é uma renda. Mas se essa casa for imensa e muito maior do que as necessidades do dono, ela vai gerar muito mais custos do que o necessário.

“Um ativo é algo que põe dinheiro em meu bolso e um passivo é algo que tira dinheiro de meu bolso.”

ROBERT KIYOSAKI.

Vamos tentar novamente, seguindo Kiyosaki?

Depois que fizer o balanço patrimonial, veja se você está no vermelho. Se esse for o caso, confira as perguntas que deve responder para encontrar uma forma de sair da situação.

Na prática | LIQUIDEZ DOS ATIVOS

Um apartamento é considerado um ativo porque representa investimento do proprietário. Ainda assim, um imóvel é um ativo de baixa liquidez. Isso significa que, para converter seu valor novamente em dinheiro, é necessário um prazo maior. Se você decide vender sua casa, por exemplo, terá que esperar para conseguir um comprador disposto a pagar o valor que deseja. Já um carro é considerado um ativo de média liquidez. Afinal, comparado com a venda de um imóvel, levará menos tempo para conseguir um comprador, embora o negócio possa levar alguns dias ou semanas. De tempos em tempos, é importante observar, principalmente, se a valorização de todos os seus ativos está acima das taxas de inflação, um dos principais agentes de corrosão do patrimônio.

1.2 Orçamento familiar

Após realizar o levantamento de patrimônio, a próxima etapa é descobrir para onde vai o seu dinheiro. Para isso, elabore um orçamento familiar, que nada mais é do que um plano de gastos e poupança. Comece “fazendo um filme” de suas receitas e despesas durante o mês.

Mesmo que isso pareça tarefa um tanto desagradável, elaborar um orçamento é necessário porque todo mundo tem gastos controlados. Se você não tiver domínio sobre seu **fluxo de caixa**, ficará desorganizado financeiramente. Pessoas que não têm domínio sobre suas receitas e despesas normalmente cedem esse controle a outra pessoa.

Em geral, quem controla o orçamento dos desorganizados é o gerente do banco. Ele concede crédito até o valor de quatro ou cinco vezes a receita mensal do cliente. Quando a dívida atinge esse limite, ele diz ao proprietário da conta que o crédito acabou. Nesse estágio, a pessoa entrega quase 20% do que ganha para pagar juros. Se deixar que isso aconteça com você, acabará se tornando mais um escravo do sistema financeiro.

Mas, antes de culpar o banco, saiba que essas instituições nada mais fazem do que tomar dinheiro emprestado de quem poupa e emprestar para quem deve. Além do mais, os bancos pertencem a milhares de pessoas, que são os acionistas dos bancos. Se você acha que os bancos ganham muito, compre as ações de um banco. No Capítulo 6, vamos ver como é simples.

FLUXO DE CAIXA
Entradas e saídas de capital.

Organizar as contas também mostra a real dimensão de sua saúde financeira e quais são seus hábitos de consumo. Possibilita que você diminua seus gastos ao cortar desperdícios e pagamento de juros e poupe para investir em você. Ao colocar tudo no papel, você pode ter uma agradável surpresa e descobrir que tem mais dinheiro do que imagina.

Para começar um orçamento, descubra, primeiro, o valor total de sua renda. Depois, faça uma estimativa de seus gastos. Discrimine as despesas que você tem todo mês (fixas) e as despesas eventuais (variáveis). Ou então, se preferir, divida seus gastos por categorias, como moradia, alimentação, transporte, saúde, educação, lazer/informação e gastos futuros. Veja, a seguir, um modelo simplificado.

CONTROLE DE ORÇAMENTO FAMILIAR

RECEITAS	
Salários	R\$.....
Receitas extraordinárias	R\$.....
Subtotal	R\$.....
DESPESAS	
MORADIA	
Aluguel/impostos	R\$.....
Condomínio/prestação da casa	R\$.....
Conta de luz/água/gás	R\$.....
Telefone	R\$.....
Consertos/manutenção	R\$.....
ALIMENTAÇÃO	
Supermercado	R\$.....
Feira/sacolão	R\$.....
TRANSPORTE	
Prestação do carro/seguro	R\$.....
Combustíveis/estacionamento	R\$.....
Impostos	R\$.....
Ônibus/metrô/trem	R\$.....
SAÚDE	
Plano de saúde	R\$.....
Médicos/dentistas	R\$.....
Farmácia	R\$.....
EDUCAÇÃO	
Mensalidades escolares	R\$.....
Cursos extras – idiomas/computação	R\$.....
LAZER/INFORMAÇÃO	
Academia/programas culturais	R\$.....
Jornais/revistas	R\$.....
TV por assinatura/internet	R\$.....
OUTROS GASTOS	
Vestuário	R\$.....
Cuidados pessoais	R\$.....
RESERVA PARA GASTOS FUTUROS	
Impostos	R\$.....
Escala	R\$.....
Viagem	R\$.....
Subtotal	R\$.....
SALDO (Receita total – Despesas total)	R\$.....

O balanço é como um foto, que registra um momento da sua vida. O fluxo de caixa é como um filme do que está acontecendo nas suas finanças.

Por que não?

Veja as desculpas mais comuns que as pessoas dão para não controlar o orçamento.

Meu marido ou minha esposa não colabora

Não tenho tempo

Não sei como fazer um orçamento

Não preciso controlar meus gastos

Como vimos no início do capítulo, é comum que as pessoas comecem a organizar seus orçamentos domésticos somente em tempos de crise financeira. Em geral, essas anotações são abandonadas em um canto da casa assim que a situação da família melhora.

Não deixe para começar a organizar suas finanças quando estiver no vermelho. Relacione esse seu objetivo de organizar-se a alguma coisa boa, da qual toda a família possa tirar proveito. Que tal começar a anotar os gastos e poupar para as férias ou para uma viagem?

Você sabia?

Poucos brasileiros têm o hábito de colocar no papel suas receitas e despesas. Em geral, as pessoas da classe média, quando solicitadas a dizerem para onde vai o salário, só conseguem se lembrar de aproximadamente 80% daquilo que gastam, ou seja, não conseguem discriminar cerca de 20% de suas despesas. Quando as pessoas começam a anotar os gastos, já costumam reduzi-los em cerca de 12%. Isso acontece porque o ato de anotar faz você pensar duas vezes antes de gastar.

É normal acabar esquecendo algum item de despesa nessa lista. São os famosos gastos extras. É aquele estacionamento no shopping, o cafezinho na padaria no fim de tarde ou a entrada do cinema. Em geral, você deixa de anotá-los porque, separadamente, não têm muito peso, embora façam diferença no final do mês. Uma dica: faça uma listinha separada dos gastos pequenos durante uma ou mais semanas e os acrescente a seu controle de orçamento no fim do mês.

Esses pequenos gastos nem sempre devem ser cortados do orçamento. Eles muitas vezes são fundamentais para manter a saúde emocional. O que você precisa cortar são os gastos com os itens com menor custo—benefício—aqueles que não geram qualidade de vida na mesma proporção do trabalho que você despense para poder comprá-los.

Se você não tiver tempo para seu namorado ou para sua namorada, acabará sozinho. Com o dinheiro, funciona do mesmo jeito. Lembre-se: o dinheiro é um “ser” carente, e vai para a mão de quem cuida bem dele. Se você não fizer isso, outro fará.

Como você está?

Depois de detalhar todo seu orçamento, calcule a diferença entre receitas e despesas e veja qual é a sua situação.

Sinal verde | RECEITAS MAIORES QUE DESPESAS

Parabéns! Você faz parte de uma minoria.

Aproveite para investir o dinheiro que sobra no fim do mês! Porém, lembre-se: gastar menos do que ganha é poupar, mas só poupar não resolve.

Você precisa investir bem o seu dinheiro. Os próximos capítulos deste livro trazem as informações de que você precisa para começar a multiplicar sua poupança.

Sinal amarelo | RECEITAS IGUAIS A DESPESAS

Fique atento. Procure formas de fazer sobrar e comece a rever seu orçamento.

Sinal vermelho | RECEITAS MENORES QUE DESPESAS

Atenção! Você gosta de viver perigosamente.

Tome medidas urgentes para deixar de pagar juros e saia já do vermelho.

Hora dos ajustes

Se você estiver no sinal amarelo ou vermelho, precisará mexer nos gastos. Primeiro, converse com sua família e veja se há desperdício em contas como luz, água ou telefone. Analise também se vocês gastam demais em viagens, restaurantes, roupas e cinema. Elimine completamente tudo aquilo que não contribui para sua qualidade de vida. Entre esses gastos está o pagamento de juros, que corrói sua renda e seu patrimônio.

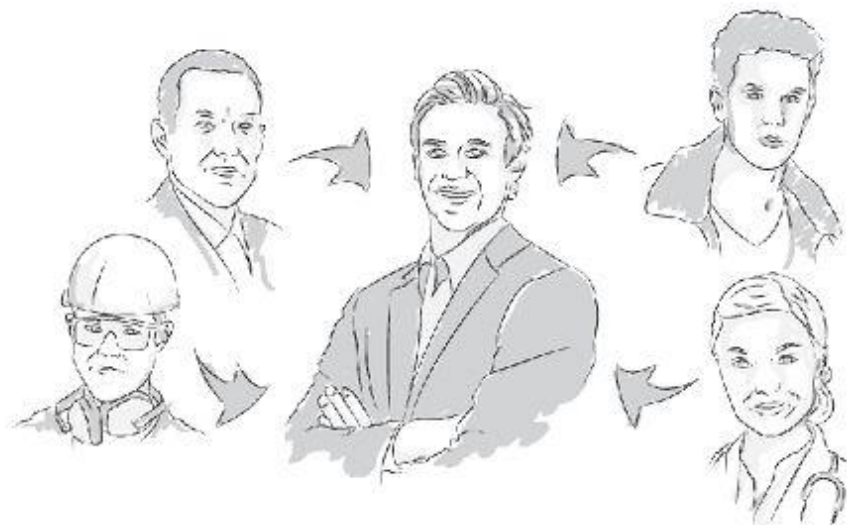
Tome um cuidado especial com os gastos que você faz para obter status. Como vimos, status é uma forma de respeito da sociedade para com seus indivíduos. Porém, o verdadeiro status advém daquilo que somos e não daquilo que temos. Lógico que, se você tem um carro muito caro, um escritório belíssimo e se veste com roupas de grife, as pessoas tendem a tratá-lo melhor. Tente compreender quais as consequências para sua vida em gastar muito tempo tentando ganhar dinheiro para comprar esses símbolos exteriores de riqueza.

As pessoas verdadeiramente ricas não tentam demonstrar riqueza.

Descontrole financeiro e juros

Uma pesquisa descobriu que a maior parte das pessoas pensa que gasta mais do que ganha¹. Ninguém pode fazer isso de modo consistente e sistemático, a não ser que tenha construído um grande patrimônio ou recebido uma herança. O que ocorre, na realidade, é que as pessoas protelam o pagamento de suas obrigações, o que as torna cada vez mais caras.

Lembre-se sempre de que o crédito é limitado e, após esgotar esse limite, você terá que devolver o valor emprestado e ainda pagar todos os juros decorrentes dele. Com isso, você agrega um novo item de despesas a seu orçamento – os juros. Atrás de todo devedor que perde, existe um credor que ganha. Você deve escolher sua posição no jogo – pagador ou ganhador de juros.



A falta de planejamento de finanças adequado é a principal razão do pagamento de juros², que são decorrentes, na maioria dos casos, do descontrole de cartões de crédito e de cheques pré-datados.

¹ Pesquisa realizada pelo website Guia Eletrônico de Finanças Pessoais Financenter (www.financenter.com.br), na qual 60% dos entrevistados afirmaram gastar mais do que ganhavam.

² Entrevista com clientes do Instituto de Educação Financeira (www.edufinanceira.org.br), na qual 43% dos entrevistados afirmaram estar no vermelho por causa do descontrole no cartão de crédito e cheques pré-datados, 15% atribuíram o problema a empréstimos para amigos e parentes e 12% a reformas de casa com gastos acima do planejado. Os demais apontaram gastos excessivos com viagens, troca de carro, doenças na família e jogo como as principais causas do descontrole.

Por que poupar?

Depois de fazer o raio X de sua vida financeira, você se torna capaz de poupar. De certa forma, poupar significa desafiar a morte. Quando você deixa de consumir hoje, em função de um consumo posterior, está acreditando que viverá até esse determinado momento futuro.

Ainda assim, fazer sobrar um pouco todo mês é necessário e interessante por diversas razões. Permite que você acumule dinheiro para um consumo futuro sem pagar juros e que faça reservas para eventuais emergências. Poupar, você terá economias para educação dos filhos, aposentadoria, reforma da casa, compra do primeiro imóvel, bem como para outros projetos.

Além disso, guardar parte da renda regularmente é um instrumento útil para fazer o dinheiro trabalhar para você, em vez do contrário. Isso ocorre porque, ao poupar, você se torna capaz de fazer investimentos e de usufruir a renda que estes geram.

Porém, mais importante do que todos os motivos anteriores, a formação de uma boa poupança o ajuda a ter tranquilidade e paz de espírito para realmente aproveitar as coisas boas da vida.

Se dinheiro não é sinônimo de felicidade, a falta de dinheiro e as dívidas são certamente boa parte do caminho para a infelicidade. Mas tome cuidado: poupar é muito bom, porém, poupar demais é ruim. Pior do que não poupar é poupar demais. Quem poupa mais do que precisa está deixando de aproveitar a vida e, possivelmente, gerando forte fonte de preocupação para o futuro. Além do mais, pode ser que o poupador não viva o suficiente para aproveitar suas economias.

De acordo com pesquisa publicada na revista Money, 25% dos norte-americanos poupam para a aposentadoria. No Brasil, apenas uma em cada seis pessoas tem o hábito de poupar, seja para qual objetivo for. Economizar dinheiro é como se exercitar: no início pode ser chato, mas depois vira uma necessidade. Se você adotar esse costume, verá que poupar é ferramenta útil para a realização pessoal porque tornará possível que você execute seus

projetos de vida. Mas, para isso, você deve determinar claramente quais são esses projetos.

A poupança é a semente do seu trabalho. Quando investe, você está plantando seu futuro e construindo sua árvore do dinheiro. Se adubá-la corretamente, poupando de forma sistemática e investindo, você poderá ter renda para sempre sem depender da venda do seu tempo para ganhar dinheiro. Poderá trabalhar e fazer aquilo que realmente o faz feliz.



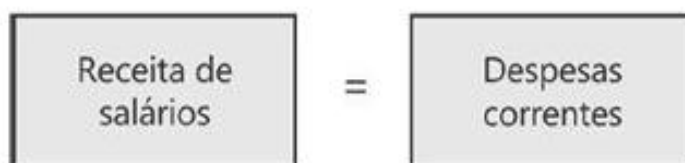
Caso real

A família de um engenheiro desejava conhecer a Disneylândia. Para realizar o sonho, todos entraram em um acordo de que, se poupassem bastante, conseguiriam fazer a viagem ao final de um ano. Nesse período, além da economia feita em todas as despesas, as refeições passaram a incluir um ritual diferente. Antes do café da manhã e do jantar, o engenheiro dividia dois guardanapos de papel em quatro partes, uma para cada membro da família. Em menos de um ano, a família conseguiu poupar o suficiente e fez a tão sonhada viagem. Na manhã seguinte ao retorno, o pai pôs a mesa do café e distribuiu quatro guardanapos para a família. Um de seus filhos estranhou e perguntou por que eles iriam usar guardanapos inteiros. O pai respondeu que, uma vez que a família já tinha alcançado o objetivo, não era mais necessário poupar tanto. Pensativo, o garoto, então, questionou quanto custavam os guardanapos. Em sua mente infantil, ele imaginava que esse item deveria ser realmente caro, uma vez que era possível viajar para a Disney só economizando guardanapos. O engenheiro respondeu que guardanapos não eram algo tão caro assim, mas que, em todas as manhãs, ao cortar os guardanapos, ele estava na verdade passando uma mensagem aos filhos de que, para conseguir alcançar o objetivo da viagem, era preciso economizar até mesmo nas pequenas coisas.

Pobre, rico ou classe média?

Para saber em qual situação você se enquadra, retome seu balanço patrimonial e compare-o com os modelos de fluxos de caixa³ a seguir.

Fluxo de caixa dos pobres

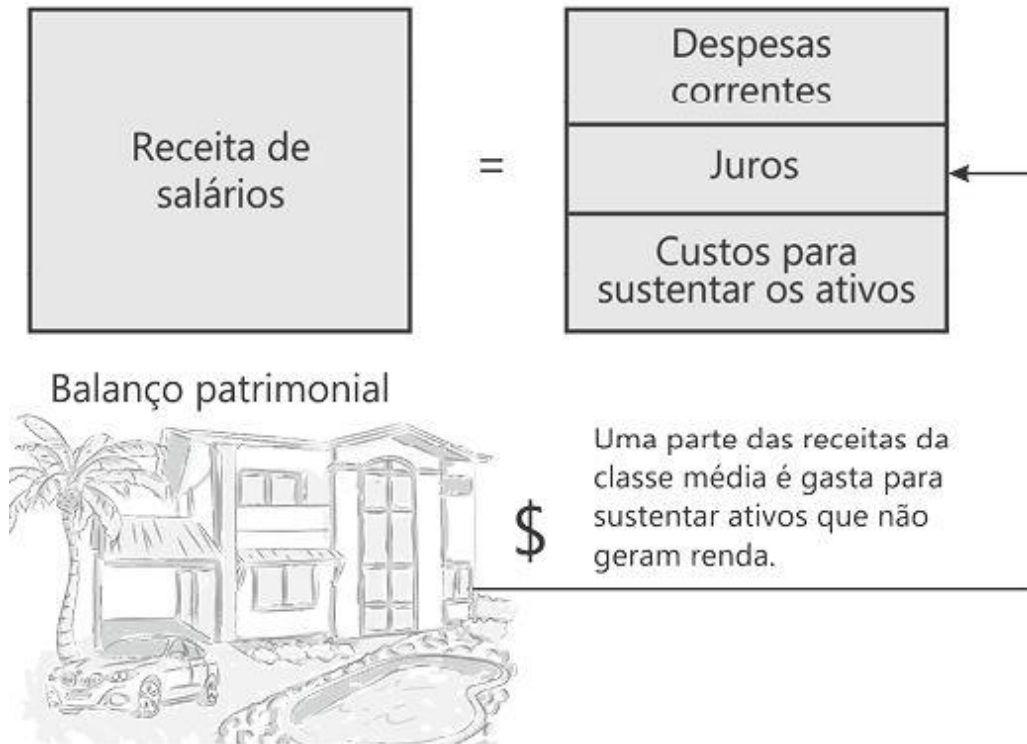


Balanço patrimonial



Os pobres vivem exclusivamente de salário e consomem toda a renda em despesas correntes. Eventualmente, possuem uma casa para constar entre os ativos. Como não têm acesso ao crédito, geralmente a casa própria é construída sem financiamentos e como resultado de pequenas poupanças. O estilo de vida também não permite adquirir passivos.

Fluxo de caixa da classe média



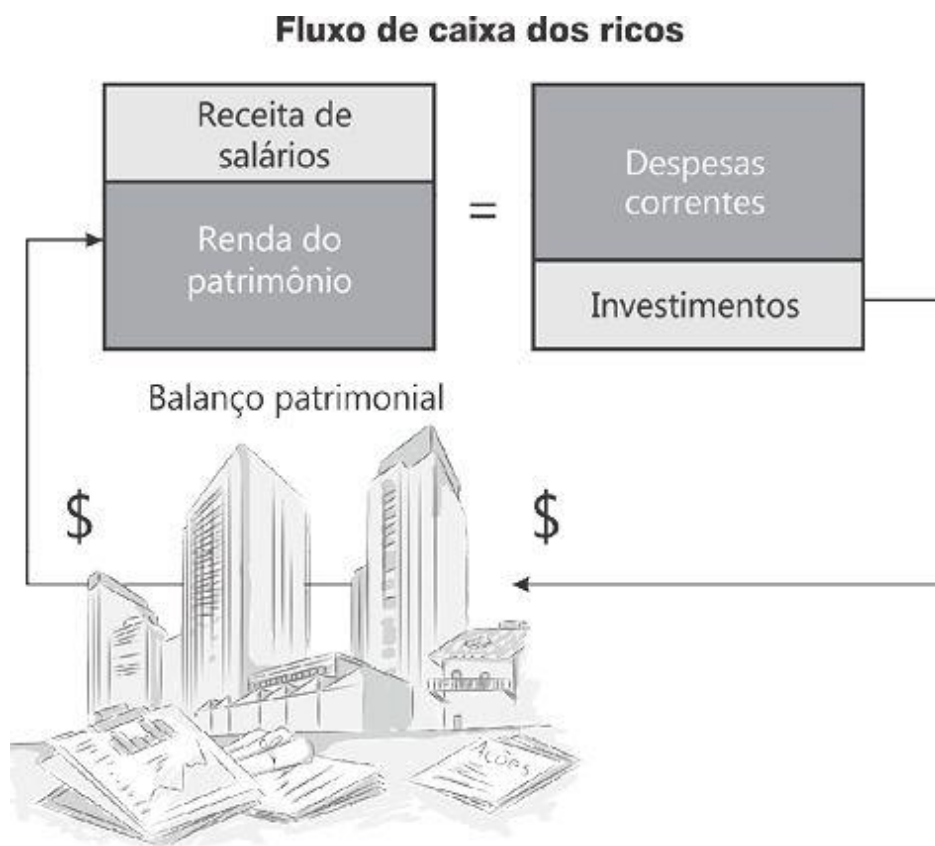
A classe média também tem como renda o salário proveniente de um emprego, a receita de atividades de autônomo ou a renda de pequenas empresas. Essas receitas sustentam suas despesas correntes (bastante superiores às das pessoas pobres) e seus ativos que não geram renda. Esses ativos, como carros caros, casas enormes, apartamentos de praia, barcos, sítios e outros bens de conforto, muitas vezes são adquiridos com financiamento bancário. A lista dos passivos é bastante extensa: são financiamentos e outras dívidas resultantes da construção de seu patrimônio. Os ativos que adquirem, além de não gerarem renda, ainda geram despesas, como empregados que cuidam de suas casas enormes, do condomínio, do apartamento de praia, do sítio, da marina. Enfim, uma longa lista de despesas que faz com que as pessoas da classe média trabalhem tanto, que acabam nem tendo tempo de aproveitar todo o conforto que adquiriram.

Minha casa própria é um ativo que gera renda?

Sim, uma casa própria gera renda, que é equivalente ao aluguel que você deixa de pagar por ela. Muitas vezes é mais rentável alugar do que comprar uma casa, porém, muitas pessoas sonham em ter sua própria casa, pois consideram que ser dono do imóvel onde moram é uma base importante para a família.

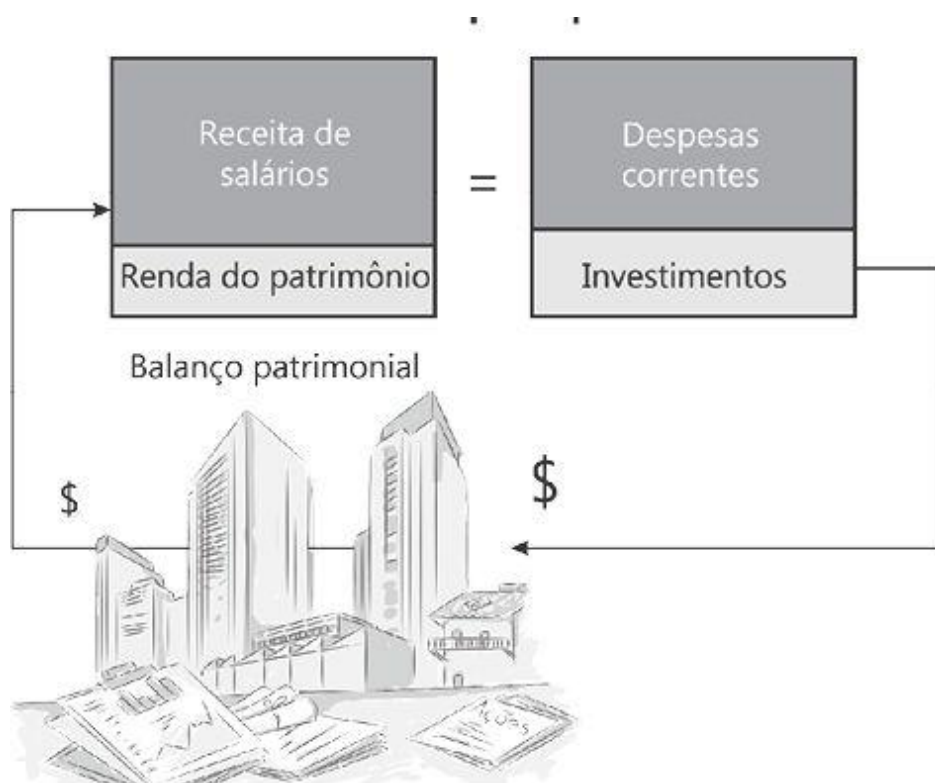
Para a maioria das pessoas, comprar uma casa é um bom investimento. Mas um enorme erro que as pessoas cometem é comprar casas muito grandes ou muito cedo. Um jovem casal que planeja morar junto e procura um imóvel para alugar, normalmente iria se contentar com um pequeno apartamento de um dormitório, perfeito para o jovem casal. Porém, se fossem comprar a casa, já pensariam no quarto do filho, em outro para a filha e, quem sabe, em mais um quarto para as visitas. Logicamente, pensariam em dependências de empregada e muitas facilidades para as crianças, como piscina e parque de diversões.

Então, quando escolhem financiar esse imóvel, passam a pagar enormes juros para ter um patrimônio de que não precisam. Acabam perdendo, assim, a fase mais importante para investir, que é o início da vida adulta.



Parte da renda dos ricos eventualmente provém de um salário, porém a parte mais importante vem do resultado de seus investimentos, como dividendos e juros dos investimentos, participações acionárias e receitas de aluguéis. A maior parte do ativo dos ricos gera renda. A renda dos ativos é parcialmente consumida e parcialmente reinvestida em novos ativos. Muitas vezes alguns ativos de conforto, como carros e casas, são propriedades de suas empresas,

o que gera enormes economias de impostos. Assim, os ricos tendem a ficar cada vez mais ricos.



Se você pretende ficar rico, só existe uma receita: precisa gastar menos do que ganha e investir suas economias. Você deve poupar parte de sua renda e colocá-la para comprar ativos que gerem renda. Não há outra forma de enriquecer que não seja poupar e investir.

2º PASSO DEFINA SEUS OBJETIVOS

Poucas pessoas que consultam um especialista em investimentos têm um plano consistente para a vida financeira. Muitas sequer sabem como gostariam de estar daqui a 10, 20 ou 30 anos. Outras têm sonhos, mas não

fazem nada para viabilizá-los. E você? Já colocou seus sonhos na ponta do lápis para transformá-los em realidade? Veja, na tabela a seguir, os objetivos mais comuns.

VOCÊ QUER...

Ter uma vida com mais conforto e estabilidade.
Pagar dívidas e não voltar a contraí-las.
Conseguir dinheiro para viagens.
Poupar para a educação superior dos filhos.
Reformar a casa.
Comprar casa própria.
Conquistar poder, prestígio, status e reconhecimento na comunidade.
Formar um plano de aposentadoria.
Iniciar seu próprio negócio.
Poupar para trocar de carro.
Proteger o patrimônio para os filhos e netos.

Fonte: Pesquisa do Instituto de Educação Financeira com clientes e planejadores financeiros.

Ter sonhos já é um grande passo, mas só isso não basta. Como você viu, para poupar sem ficar desanimado no decorrer do tempo é necessário traçar metas concretas. Objetivos realistas têm cinco características básicas: são atingíveis, específicos, mensuráveis, previsíveis e priorizados. Você deve se perguntar o que quer, quando e por quanto tempo. Analise o que está a seu alcance. Também escolha o que gostaria de realizar primeiro. Defina suas metas a curto, médio e longo prazos.

Por mais que cada pessoa tenha uma forma específica de pensar o que é o dinheiro, podemos considerar que são quatro os grandes significados que o dinheiro pode ter para as pessoas. Faça o teste a seguir e descubra o que o dinheiro representa para você.

1. Para você, ter dinheiro é:

- a. Ter oportunidade de ir a qualquer parte e fazer o que quiser.
- b. Ter a certeza de que nunca faltará um teto sobre sua cabeça e comida em sua mesa.
- c. Poder comprar todos aqueles itens de luxo que você namora nas vitrines dos shoppings.

d. Um passaporte para a fama, para ganhar a admiração das pessoas e ter um séquito para satisfazer prontamente suas vontades.

2. Seu carro preferido é:

a. Um modelo mais esportivo, espaçoso e com design robusto, porque é ótimo para as trilhas de aventuras que você faz – ou que gostaria de fazer, se tivesse um desses...

b. É um carro popular, de preferência uma minivan. Elas são excelentes para transportar seus filhos para a escola, as compras do supermercado e a família inteira nas férias.

c. É um esportivo conversível e de cor marcante, como amarelo ou vermelho, que nunca passa despercebido no trânsito.

d. É um importado com design conceitual, do tipo que as montadoras expõem em salões de automóveis e que muitos de seus amigos dariam alguma parte do corpo para dirigir ao menos uma vez.

3. Se você ganhasse um prêmio na loteria, iria primeiro:

a. Parar de trabalhar e fazer uma viagem de volta ao mundo, passando por todos os lugares que há tempos você sonha conhecer – como aquele mosteiro no Tibet, por exemplo.

b. Separar uma quantia que pudesse sustentá-lo o resto da vida, para nunca vir a ser um desses ganhadores de loteria que empobrecem na velhice.

c. Comprar uma mansão do tamanho de um hotel e um carro de causar inveja a todos os seus colegas de trabalho.

d. Pedir demissão do emprego para abrir sua empresa. E, claro, jogar na cara do chefe todos os erros da empresa dele – deixando bem claro que agora, com esse dinheiro todo, você será muito mais bem-sucedido do que ele.

4. Quando você economizaria dinheiro?

a. Quando acumulasse o suficiente para viver bem e fazer as coisas que deseja. Dinheiro é feito para aproveitar a vida e não para ser guardado.

b. Sempre! Você até já faz isso. Não é sempre que sobra, mas parte do décimo terceiro e toda a renda extra têm como destino certo o fundo do colchão.

c. Só quando quer comprar aquela bolsa, joia ou carro que não tem como financiar.

d. Quando as dívidas se acumulam muito. Já se a conta-corrente está no positivo, você solta cheques e passa cartões de crédito para tudo – até para pagar contas que não são suas. Sempre tem alguém que está “devendo uma” para você.

5. Se sobra dinheiro no final do mês, você:

- a. Sai com os amigos e se diverte.
- b. Engorda a poupança.
- c. Compra presentes para os parentes e amigos.
- d. Dá um presente caro para si mesmo, como uma joia ou um relógio de grife.

6. Quando você precisa de dinheiro:

- a. Pede para seus pais ou para algum amigo próximo. E sempre devolve.
- b. Sempre tem um dinheiro reservado para emergências. E, se não tiver, sabe que poderá contar com seu crédito junto ao sistema financeiro.
- c. Recorre aos bancos ou financeiras.
- d. Nunca pede emprestado para conhecidos e procura esconder que está no vermelho. Cobra as dívidas que algumas pessoas têm com você e, assim que a situação melhora, dá uma festa.

7. Quando sai com os amigos para um almoço ou happy hour, você:

- a. Espera que alguém divida a conta pelo número de pessoas presentes e paga sua parte.
- b. Já na entrada, pede contas separadas.
- c. Não se importa com a conta e, na saída, passa o cartão de crédito sem olhar direito o valor.
- d. Faz questão de pagar. E deixa claro que, se está pagando, é porque pode.

8. Ao comprar roupas, você:

- a. Procura os modelos com melhor custo-benefício e não se atém muito às marcas.
- b. Vai a lojas que oferecem três itens pelo preço de um e faz questão de não gastar mais do que acha que é justo pagar.
- c. Volta sempre às mesmas lojas (de grife), em que as vendedoras o conhecem e sabem de suas preferências. Elas até telefonam sempre que chega um modelo que é a sua cara.
- d. Prefere que alguém faça isso por você. Mas prefere usar modelos exclusivos e procura estar sempre impecável.

9. Seu sonho de consumo é:

- a. Uma viagem.
- b. Uma casa de campo.
- c. Um carro importado.
- d. Um iate.

10. Se puder escolher, o destino de sua próxima viagem será:

- a. China, Índia ou outro país asiático.
- b. Para algum lugar do Brasil.
- c. Paris.
- d. Para qualquer lugar do mundo, em seu jatinho particular.

RESULTADO

MAIS RESPOSTAS “A” – LIBERDADE.

Se você está nessa situação, parabéns. Para você, o dinheiro significa a possibilidade de fazer o que quiser, na hora em que bem entender. Você geralmente compreende que o dinheiro pode proporcionar prazer e que o prazer ajuda na felicidade.

MAIS RESPOSTAS “B” – SEGURANÇA.

Se conforto e paz de espírito fossem oferecidos em gôndolas de supermercados, esses seriam os itens número 1 em sua lista de compras! Para você, dinheiro é sinônimo de segurança, e essa é uma ótima forma de interpretar esse símbolo. Entretanto, tome cuidado com os possíveis excessos. Pessoas que pensam como você, às vezes, buscam acumular muito dinheiro e passam a ter medo de perder o patrimônio. Não deixe que o dinheiro que você acumulou torne-se uma nova fonte de insegurança.

MAIS RESPOSTAS “C” – STATUS.

Para você, ter dinheiro significa ter o respeito da sociedade. Pessoas assim tendem a achar que só serão respeitadas se tiverem muito dinheiro. Também acham que só ter dinheiro não basta, pois precisam demonstrar aos outros que têm esse dinheiro. Esse hábito pode acabar deixando-o em situação financeira complicada. Se isso estiver acontecendo, lembre-se de que falta de dinheiro não é sinônimo de fracasso pessoal e procure logo ajuda. Saiba que o verdadeiro status é conseguido por aquilo que realmente somos e não pelo que temos. No fundo, você sabe que será bem recebido se chegar a um restaurante com um carro caro, mas sabe também o real motivo desse tratamento diferente, não é mesmo?

MAIS RESPOSTAS “D” – PODER.

Você considera o dinheiro uma forma de fazer com que as outras pessoas se submetam a sua vontade. Normalmente, pessoas assim têm relação desequilibrada com o dinheiro – ora acumulam muito, ora têm grande

dificuldade em poupar. Essa forma de se relacionar com o dinheiro costuma afastar as pessoas de você ou traz dificuldades em seus relacionamentos pessoais? Quem sabe seja a hora de procurar ajuda profissional. Um bom psicólogo ou um planejador financeiro poderão ajudar.

Agora que você já sabe em que situação está, questione como seu cônjuge e seus filhos veem o dinheiro. Observe como diferentes formas de pensar sobre o dinheiro podem gerar conflitos em família.

Lembrete

Meta de curto prazo - aquela que você deseja atingir em até um ano, como comprar um tablet ou um novo smartfone.
Meta de médio prazo - aquela que você deseja atingir nos próximos dois a cinco anos, como comprar um carro.
Meta de longo prazo - aquela que você deseja atingir daqui a cinco ou mais anos, como comprar uma casa.

Ao estabelecer metas, não se esqueça de que a vida é boa e curta para viver pensando somente em acumular dinheiro. Seu planejamento deve estar direcionado a objetivos que estejam de acordo com seus valores pessoais, propiciem melhoria na qualidade de vida e lhe permitam obter tranquilidade financeira. Pior do que não se preocupar com dinheiro é viver apenas para ganhá-lo.

Na prática | SEUS OBJETIVOS DEVEM SER

1. Atingíveis – razoáveis e possíveis para sua situação. Exemplo: Sei que posso poupar 20% do dinheiro que ganho todo mês para atingir minha meta dentro de um ano.
2. Específicos – objetos de consumo definidos o bastante para sugerir uma ação. Exemplo: Vou poupar dinheiro suficiente para comprar uma geladeira.
3. Mensuráveis – a que distância está da meta. Exemplo: Uma geladeira custa R\$ 1 mil e eu tenho R\$ 500 já poupados. As metas que não são mensuráveis, como “eu gostaria de ter mais dinheiro”, são muito mais difíceis de atingir.
4. Previsíveis – data-alvo definida. Exemplo: Minha geladeira não vai durar mais um ano.
5. Priorizados – o que é mais importante. Exemplo: A compra da geladeira agora é mais urgente do que trocar alguns móveis da sala.

DESAFIO

Melhor do que formar um verdadeiro pé de guerra na família, é que cada um de seus membros trabalhe em prol de interesses em comum.

3º PASSO

CRIE METAS DE CURTO PRAZO PARA CADA OBJETIVO

Uma vez definidos seus objetivos, pense no que deverá fazer para atingi-los e em como incluí-los em seu orçamento mensal. Você precisará de um plano que pode envolver a manutenção do curso atual de sua jornada ou a alteração de rota.

Os planos de mudança geralmente envolvem aumento de ganhos ou redução de despesas. Será que precisará cortar gastos ou trabalhar mais? Seja realista e verifique se terá condições efetivas de manter o curso planejado.

Todo mês, recebemos nossos rendimentos. Como você já viu, o segredo para atingir seus objetivos é fazer sobrar. Faça isso e guarde essas quantias como se fossem uma despesa fixa para usar em seus projetos de vida e objetivos.

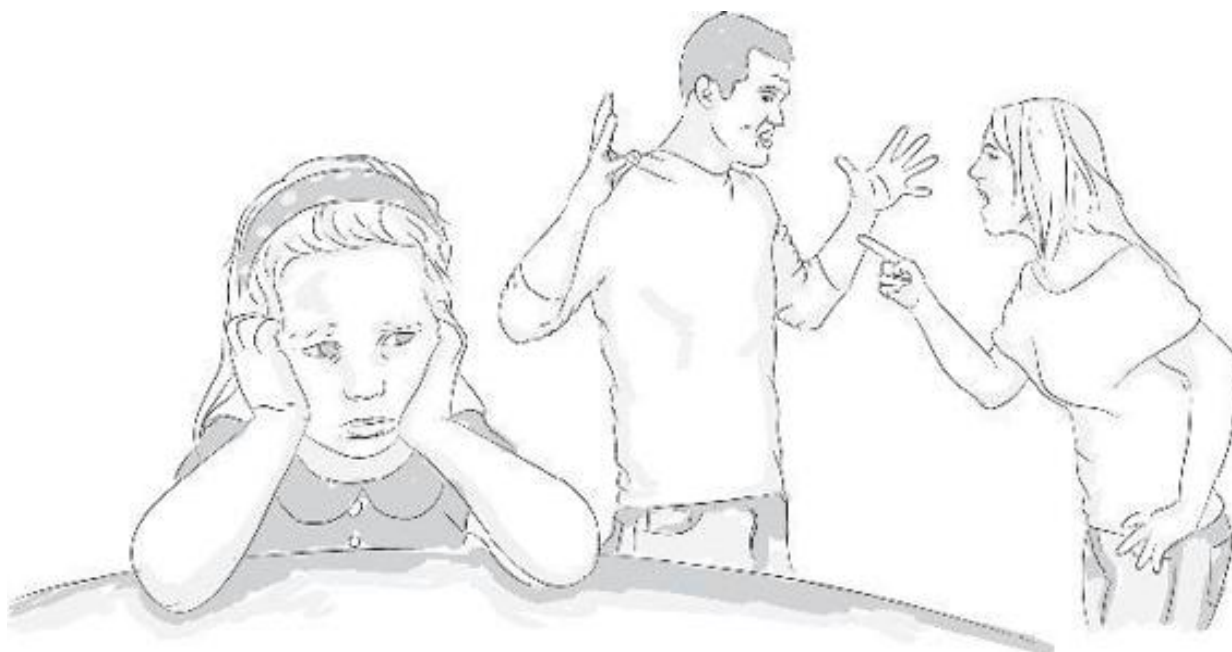
Lembre-se de envolver toda a família no processo. Os casais e os filhos precisam ter objetivos alinhados para que um não anule os objetivos do outro. Se isso não acontecer, o plano precisa ser revisto.

Caso real

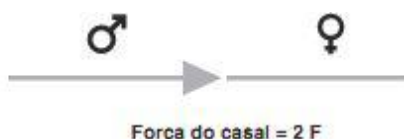
Ela é dentista, e ele, empresário. Ambos são bem-sucedidos profissionalmente e não pretendem ter filhos. O desejo dela é construir uma enorme casa no terreno que compraram em uma das praias mais caras de Florianópolis, Santa Catarina. Já o marido gostaria de construir uma casa charmosa (entenda-se alternativa) em uma praia localizada no litoral sul-catarinense, conhecida pelo surfe. A ideia é que ele se deslocaria de dois a três dias por semana para trabalhar na capital do estado. Resultado: hoje os dois moram em um apartamento na região continental de Florianópolis. Isso mostra que, quando o casal tem metas diferentes e não trabalha para satisfação mútua, fica no meio do caminho e nem um nem outro alcança o objetivo pessoal.

[3](#) Fluxos de caixa criados a partir dos conceitos de Robert T. Kiyosaki.

Pensando em conjunto



Em uma família, cada pessoa, com seus pensamentos, decisões e ações acerca do dinheiro, gera uma força diferente. Essas pessoas, que formam a família, podem escolher unir essas forças ou usá-las de forma independente, cada um a seu favor. Funciona como em um vetor, que é uma força em determinada direção. Para que o planejamento financeiro dê certo, é preciso que todos estejam alinhados no sentido planejado. Se isso não ocorrer, o plano precisa ser revisto.



O exemplo anterior mostra o que seria o casal ideal: seus objetivos estão absolutamente alinhados. É uma ótima situação, mas, infelizmente, esse

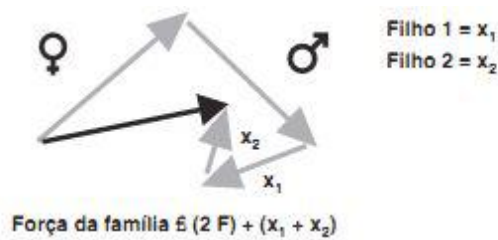
casal não existe.



Esse casal tem objetivos totalmente opostos. Felizmente este casal também não existe.



Este é o casal normal, que compartilha muitos objetivos e metas. Eles gostam de gastar em algumas coisas em conjunto e discordam de alguns gastos do outro. Isso é absolutamente normal. O que precisa ser feito é tentar alinhar ao máximo objetivos e metas, evitando que um boicote as metas do outro. Porém, a maioria dos casais tem filhos, e aí a situação pode se complicar muito.



Em geral, as famílias normais funcionam como nessa figura. O que se deve fazer é tentar aproximar ao máximo os objetivos de todos os membros da família.

Mesadinha do casal

Quando fazemos um orçamento, precisamos entender as diferenças de objetivos dos membros da família. Imaginemos que o pai adora vinhos caros e a mãe pensa que aquilo é um grande desperdício de dinheiro. Entretanto, ela adora comprar cosméticos, e ele acha que comprar esses itens é o mesmo que jogar dinheiro fora.

O que acontece? Ela compra cada vez mais cosméticos, pensando que, assim, ele não “desperdiçará” dinheiro com vinhos caros, e ele faz o mesmo com seus gastos.

Como resolver a situação? Todo orçamento deve conter um percentual, de 3% a 8%, para cada cônjuge gastar segundo sua vontade. Nesse gasto, cada cônjuge precisa garantir que não dará nenhum “palpite” nem fará julgamento de mérito em relação às compras do outro. Porém, é bom tomar cuidado para que a coluna “outros” de seu orçamento não suba muito, pois pode ser o caso de haver outro ou outra...

Para os filhos, a mesada também é muito importante.

Caso real

Um pai de família estava assustado com o aumento da conta de energia elétrica de sua casa. Os filhos pré-adolescentes continuamente deixavam vários aparelhos domésticos ligados ao mesmo tempo, além de demorar horas no banho quente. Quando seu filho caçula pediu uma prancha de surfe de presente, o pai viu nisso uma oportunidade. Negociou com o garoto que cada real economizado da conta de energia seria poupado para a compra da prancha. O caçula não só começou a poupar energia, como logo se transformou em fiscal dos outros membros da família, chamando a atenção de quem esquecesse a luz de algum cômodo da casa acesa ou desperdiçasse energia de outra forma. Em poucos meses, o pai mudou os hábitos da família, economizou na conta de luz e conseguiu dar o presente para o filho. Vendo o sucesso do irmão, a filha mais velha logo passou a querer poupar luz para conseguir fazer uma viagem. O pai aceitou o desafio, mas mudou o objeto da poupança: em vez da conta de luz, a filha passou a controlar a conta do telefone.

Pague-se primeiro

Todos os meses, as pessoas recebem seus rendimentos. A primeira ação a fazer com o dinheiro é pagar as contas – aluguel, luz, água, telefone. Muitos deixam para poupar o que sobra no final do mês – e, em geral, não sobra nada!

Sugestão: antes de pagar qualquer conta com o seu salário, pague-se primeiro. Guarde de 8% a 15% de sua renda assim que você a receber. Faça isso como se fosse uma despesa fixa todo mês.

Claro, não deixe de cumprir seu compromisso com água, luz, gás e assim por diante. Mas priorize VOCÊ a qualquer outra conta. Separe um pouco de seus rendimentos antes que fique tentado a comprar ou fazer novas dívidas com o que sobrou no fim do mês.

Você verá como esse pequeno ato poderá transformar sua vida, aproximar a aposentadoria, comprar um futuro tranquilo e, principalmente, regar sua árvore do dinheiro.

4º PASSO

AVALIE A MELHOR FORMA DE ATINGIR AS METAS

Cada pessoa deve estabelecer a melhor forma de alcançar seus objetivos. Trabalhe para que a forma escolhida inclua pequenas ações em seu dia a dia que, juntas, encurtem o longo caminho que distancia o dia de hoje de seu grande objetivo, que pode ser enriquecer, se aposentar, fazer a viagem dos sonhos e assim por diante.

Pessoas que conseguem economizar dinheiro utilizam basicamente três estratégias:

1. Fazem regularmente um **ORÇAMENTO** e tentam equilibrar receitas e despesas colocando a poupança mensal como meta a ser seguida. Essa estratégia é muito boa e, além de facilitar a construção da poupança, costuma educar os filhos a conviver com o dinheiro.

2. Separam mensalmente uma quantia fixa dos rendimentos e reservam-na para investimentos. É a famosa estratégia do “**PAGUE-SE PRIMEIRO**”. A vantagem desse comportamento é que ele é simples e fácil de executar. É ideal para pessoas

pouco organizadas ou que não querem despende muito tempo com as finanças.

3. Criam uma FALSA NOÇÃO DE ESCASSEZ. Normalmente, um dos cônjuges toma conta do dinheiro e fica alardeando que a situação está extremamente crítica e que a família está à beira da falência. Costuma exaltar-se com os gastos e tende a agir sempre reativamente aos descontroles financeiros. Normalmente, cria-se uma situação pouco proativa. Essa estratégia gera muitos milionários, mas prejudica muito a vida da família. Frequentemente gera filhos que têm relação pouco saudável com o dinheiro, ora copiando o comportamento ou se opondo a ele – e tornando-se grandes perdulários.

Lembrete

O CÁLCULO DA RIQUEZA*

Anote quanto de sua renda mensal você precisa poupar para ficar rico. Se você tem...

25 anos: 10% da renda.

35 anos: 20% da renda.

45 anos: 35% da renda.

50 anos: 50% da renda.

* A partir de 51 anos, consulte um especialista. Leia mais sobre esse cálculo no capítulo 4.

Mas se eu ganho muito pouco, posso ficar rico? Claro que pode. Lembre-se: rico é aquele que pode ser sustentado pela renda de seu patrimônio para

toda sua vida.

Imaginemos uma família que tenha uma empregada doméstica que receba R\$ 1 mil mensais e que poupe 8% do que ganha. Ela investe os R\$ 80 em aplicações com baixo risco, conseguindo um rendimento de 4% ao ano. Ao final de 35 anos, ela poderá complementar o benefício da previdência pública com R\$ 300 mensais por 20 anos, o que tornaria sua aposentadoria bem mais tranquila.

E será que seus patrões que ganham R\$ 30 mil mensais estão se preparando para a aposentadoria? Para garantir a aposentadoria com uma renda de R\$ 30 mil por mês, considerando que vá receber o teto da previdência oficial, essa família precisa de uma poupança líquida de mais de R\$ 4,4 milhões.

O importante para a construção de sua árvore do dinheiro não é quanto você poupa todo mês, mas qual proporção de sua renda é poupada.

5º PASSO

COLOQUE EM PRÁTICA SEU PLANO DE AÇÃO

Comece seu plano logo, não deixe para mais tarde, quando a situação melhorar, caso contrário, é bem provável que você nunca ache tempo para dar o pontapé inicial. Quanto mais cedo começar a se preparar para o estudo dos filhos ou para a aposentadoria, mais fácil será seu caminho. É bom lembrar, porém, que ficar se lamentando por não ter feito isso antes não o ajudará em nada.

Ter um plano de ação exige que você tome atitudes. Muitas vezes, as metas não são alcançadas porque o primeiro passo nunca foi dado. Então, faça seu plano funcionar. Anote suas metas. Vê-las por escrito ajuda a transformá-las em realidade.

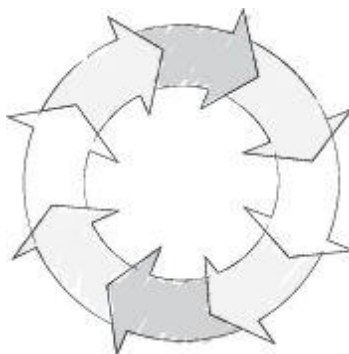
Também nunca se esqueça de plantar sua árvore de dinheiro e construir sua independência financeira. Para isso, crie o hábito de poupar e não se permita desperdiçar dinheiro porque isso, muitas vezes, significa desperdiçar

a vida que você gastou para conquistá-lo. Poupar é como se exercitar. No início pode ser chato, mas, depois, vira uma necessidade.

6º PASSO

REVISE AS ESTRATÉGIAS

Lembre-se de que o planejamento financeiro é um processo dinâmico: você precisa rever regularmente suas decisões e recomeçar.



Se sua vida não o satisfaz, mude logo.

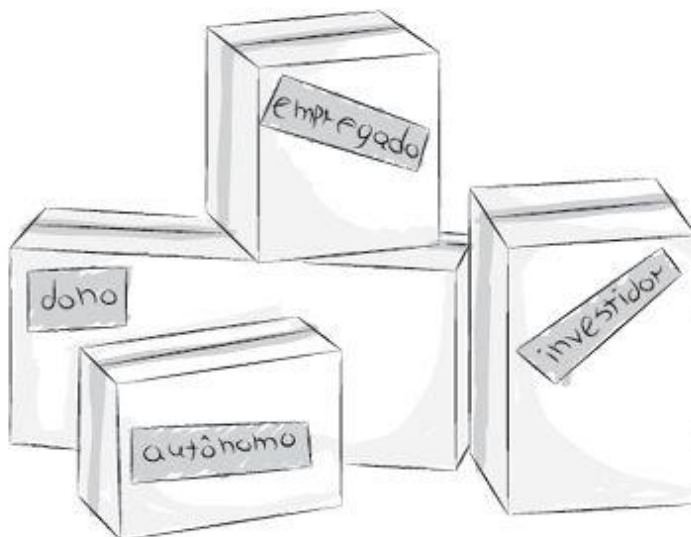
A velha historinha dos sapos nos ensina isso.

Se você colocar um sapo dentro de uma panela com água em temperatura ambiente e aquecê-la gradativamente, o animal vai se acostumar à situação e não perceberá nenhuma mudança. O resultado é que o sapo morre cozido, mas não salta da panela.

Moral da história: pior do que ser jogado para fora de uma situação pouco satisfatória é ser mantido nela por muito tempo.

Empregado ou patrão

É muito comum que as pessoas desejem ser o próprio patrão. Isso pode ser bom ou não, porém poucas pessoas dizem desejar ser investidores. Um empregado vende seu tempo para o patrão para ganhar dinheiro e um patrão vende seu tempo para seus clientes para ganhar dinheiro.



Já o investidor ganha dinheiro sem ter que dar seu tempo em troca.

Na vida, você pode escolher ser empregado, autônomo, dono ou investidor. Se escolher ser empregado, sempre dependerá do patrão. Se sua escolha for ser autônomo, seu negócio sempre dependerá de você. Se quiser ser dono, seu negócio poderá andar um tempo sem você, mas, ainda assim, precisará de sua supervisão⁴.

Já os investidores têm negócios que independem deles. E tanto empregados, autônomos ou donos podem também ser investidores. E só o investidor pode se aposentar, pois sua renda não depende de seu tempo.

O empregado pode guardar uma proporção de seu investimento todo mês para investir. O profissional liberal pode poupar e aplicar parte de sua renda. O dono pode guardar parte do que ganha em sua empresa e investir. A partir do próximo capítulo, veremos como isso é possível.

Lembre-se: quando seu patrimônio puder sustentar seu nível de consumo, você será rico.

⁴ Quando existe um sistema que libere o proprietário do dia a dia a empresa se transforma em investimento.

CAPÍTULO 3

Teoria Financeira

Conhecer as principais correntes de estudo sobre finanças pode ajudar a montar uma estratégia de investimento

“O conhecimento é em si mesmo um poder.”

Aprendendo com o passado

Você acaba de descobrir a importância de organizar suas finanças e começar a poupar parte de seus ganhos. O dinheiro que você poupou é como uma semente. A partir de agora, é preciso regá-la. Para isso, é essencial saber o que fazer com o dinheiro que você irá poupar todos os meses, até porque existe grande diferença entre poupar e investir. Poupar é guardar dinheiro, investir é fazer o dinheiro poupado render.

Só posso investir se poupei ou se outro poupou por mim.

Antes de aprender mais sobre os principais tipos de investimentos, os quais veremos no próximo capítulo, iremos conferir o que a história das finanças pode nos ensinar. É provável que você descubra que muitas de suas dúvidas podem ser respondidas pela teoria financeira.

Por exemplo, se você fica inseguro ao pensar em investir seu dinheiro, saiba que essa é uma questão bastante antiga no mercado financeiro. É natural que surja alguma – ou até muita – insegurança sempre que alguém pensa em começar a investir. Esse assunto tem origem antes mesmo do início dos estudos em finanças.

Geralmente as pessoas têm medo daquilo que não conhecem. Assim, a primeira ideia é entregar a gestão do dinheiro para algum especialista, um gestor competente – o que as pessoas fazem ao contratar um fundo ou diretamente com o gerente do banco. Isso porque se imagina que somente esses iluminados consigam ter alguma chance de sucesso na selva do mercado financeiro.

Ao entregar a gestão de seu dinheiro para outra pessoa, é preciso saber que ela irá cobrar para fazê-lo em seu lugar. Então, é necessário avaliar se esse gestor tem condições de ganhar o suficiente para se remunerar e ainda gerar mais lucro do que você mesmo no investimento de seu dinheiro.

Basicamente, existem quatro grandes categorias de investimentos no mercado financeiro.

1. Empresas que podem ser compradas como cotas ou ações: quando alguém é sócio ou dono de um negócio ou de uma franquia; dono de uma ação, ou ainda, de um consultório ou clínica médica.

2. Títulos de dívida, tanto públicos quanto privados: são os títulos públicos e debêntures, ou direitos de crédito sobre pessoas ou sobre bancos.

3. Imóveis ou títulos de propriedade sobre imóveis: possuir imóveis, como terrenos, apartamentos, prédios ou fazendas ou, ainda, títulos de participação nesses negócios.

4. Direitos e contratos futuros (derivativos): esses são instrumentos mais sofisticados, que dão ao titular o direito de comprar ou vender determinado bem ou mercadoria em data futura.

Você pode ter acesso a esses investimentos de forma direta, ou seja, comprar em seu nome, ou se

associar a um clube ou fundo de investimentos. Antes de aplicar seu dinheiro em um fundo de investimento, é fundamental conhecer onde é aplicado o dinheiro do fundo. Essa é uma decisão importante, sobre a qual trataremos no Capítulo 4.

5. Um fundo é uma associação de investidores gerida por um banco ou uma corretora. Esse gestor é remunerado com parte dos rendimentos dos cotistas, por meio das taxas de administração e performance. Um clube é uma associação de pessoas com algum vínculo de ligação e gerido por seus próprios membros. Alguns clubes são geridos por profissionais que também podem ser remunerados, tornando-os muito próximos de um fundo de investimentos.

DEBÊNTURES

Títulos de dívidas privados, que asseguram a seus detentores o direito de crédito sobre a empresa que o emitiu.

Grande parte dos fundos compra ações e títulos de dívida, o que o investidor pode fazer por conta própria, por intermédio de corretoras de valores. Não o faz por dois motivos principais: ou porque considera os gestores de fundo capazes de obter melhores rendimentos ou por achar que investir no mercado financeiro é algo muito arriscado.

Não é recente a ideia de que o mercado financeiro é lugar inseguro e que os investidores agem por simples impulso. Em 1841, o poeta e jornalista Charles Mackay escreveu sobre o pensamento que foi dominante até o início do século XX: de que os investidores seriam irracionais. Dizia-se até que os investidores valiam-se da interpretação dos sinais emitidos pelos telégrafos

para descobrir o desempenho do mercado. Na época, eram comuns histórias de pânico e histerias no mercado financeiro.

Você sabia?

Um dos casos descritos por Charles Mackay em seu livro *Ilusões populares e a loucura das massas* fala sobre a **especulação** no comércio de tulipas na Holanda no século XVII. Em 1634, um fungo atingiu algumas espécies de tulipas, criando novas cores e padrões. As novas variedades logo passaram a ser muito desejadas, o que aumentou a procura por essas flores. Os preços se multiplicaram de forma alucinante. Como parecia que os preços subiriam sempre, fazia todo sentido comprar tulipas. Quase metade da população passou a investir nessas flores. No auge da mania, um único bulbo chegou a custar o preço de dez casas em Amsterdã. Em 1637 a bolha estourou e, em poucas semanas, as tulipas ficaram 99% mais baratas.

ESPECULAÇÃO

Tentar comprar e vender ativos para tentar ganhar com as variações de preços.

Para saber mais sobre pânico e histerias no mercado financeiro, leia:

› **Salve-se quem puder: uma história de especulação financeira**

Autor: Edward Chacellor – Editora Companhia das Letras

› **Manias, pânico e crashes: um histórico das crises financeiras**

Autor: Charles Kindleberger – Editora Nova Fronteira

› **Exuberância irracional**

Autor: Robert Shiller – Editora Makron Books

BOLHA.COM

Outro caso semelhante ao das tulipas, e bem mais recente, ocorreu na Nasdaq, Bolsa de Valores eletrônica, nos Estados Unidos. No final da década de 1990 e início do ano 2000 houve alucinada busca por ações de empresas de tecnologia por parte de investidores. O índice Nasdaq subiu 86% em 1999, algo impressionante se comparado com a média de crescimento de 20% ao ano alcançada nos dez anos anteriores. O recorde de alta foi batido no dia 10 de março de 2000, chegando a 5.048 pontos, o que representou aumento de 24% em relação a 31 de dezembro de 1999. Nessa época, os investidores previam que as empresas de tecnologia teriam crescimento nas receitas da ordem de 25% ao ano.

Ao final de 2000, entretanto, o que se viu foi uma queda média de 65% no faturamento, segundo dados do banco de investimento UBS Warburg. Em 2001, o mercado caiu ainda mais e diversas empresas faliram. Tudo porque a concorrência e a saturação do mercado impediram que as empresas investissem em produção, o que rebaixou as taxas de crescimento e de lucros das companhias. Em 17 de abril de 2000, cerca de um mês após a maior alta, a Nasdaq fechou a 3.539 pontos e, no final do ano, o índice já tinha caído em mais de 50%, chegando aos 2.470 pontos. Ela nunca mais se recuperou e levou consigo as empresas que estavam supervalorizadas. Atualmente, os analistas de Wall Street acreditam que levará anos para que o índice de 10 de março de 2000 volte a ser atingido.

O princípio da ordem: surgem as análises gráficas

Foi somente depois da quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, que os homens de negócios passaram a tentar entender os fundamentos do valor de uma empresa ou de um título de dívida, ou seja, de que forma os mercados formam o preço para os ativos. Eles queriam conseguir ganhar dinheiro identificando quando os preços das ações se desviavam de seu valor real.

Porém, um pouco antes de 1929, já existiam incipientes tentativas de entender o mercado. Os primeiros estudos começaram com os trabalhos de Charles Dow e Edward D. Jones no início do século XX. Juntos, os analistas publicavam um informativo financeiro que mais tarde seria o *The Wall Street Journal*. Por meio do jornal, Dow apresentava suas observações sobre o comportamento do mercado.

Eles defendiam que, ao examinar os preços anteriores das ações de uma empresa, é possível calcular quanto o papel irá valer no futuro. Esses textos foram reunidos em um livro que deu origem ao que ficou conhecido como teoria Dow.

Essa teoria deu origem à análise gráfica, também conhecida como análise técnica, que estuda os efeitos do movimento de preços do mercado. Os analistas gráficos observam os gráficos para conseguir prever o desempenho futuro da Bolsa de Valores.

Isso quer dizer que os investidores que seguem a análise gráfica costumam buscar informações e monitorar os retornos de seus investimentos continuamente, o que leva a constantes mudanças na carteira de investimentos. Em geral, as análises gráficas incentivam os investidores a trocar suas ações constantemente, de forma a comprar e vender muito – o que costuma resultar em muito lucro para as corretoras.

Você pode notar quantos cursos de análise técnica algumas corretoras oferecem? Alguns são até mesmo

gratuitos. Pense no motivo que leva essas instituições a fazerem isso.

Um contraponto fundamental

Em oposição à análise gráfica, surgiu em 1934 a análise fundamentalista. O ponto inicial para esses estudos foi o lançamento do livro *Security Analysis*, de Benjamin Graham e David Dodd. Por meio dos demonstrativos financeiros publicados trimestralmente pelas companhias de capital aberto, os analistas que seguem a corrente fundamentalista estudam o melhor momento de comprar ou vender ações da empresa.

A análise fundamentalista estuda as causas do movimento de preços do mercado. Segundo essa teoria, só se deve pagar por um ativo o valor presente (ou menos) dos fluxos futuros de juros ou de lucros projetados. Essa escola trabalha com dados provenientes do estudo econômico-financeiro das empresas dentro do cenário micro e macroeconômico.

Isso significa que, para os analistas fundamentalistas, mais importante que avaliar os gráficos de preços das ações é saber questões macroeconômicas como inflação, crescimento econômico ou o quanto a taxa de juros irá subir.

Mas a análise gráfica e a análise fundamentalista têm um ponto em comum. Ambas supõem que o mercado nem sempre está certo e que é possível ganhar dinheiro descobrindo quando o mercado está errado. Isso significa que os investidores devem gerir suas carteiras de forma ativa.

Índices de mercado

CDI (Certificado de Depósito Interbancário): título de renda fixa que representa operações de crédito entre bancos. Um banco emite um CDI , vende esse papel no mercado e, com isso, consegue levantar dinheiro para suas necessidades. A taxa do CDI é divulgada diariamente, para operações de um dia.

CDI

Sigla de Certificados de Depósito Interbancário. São títulos que os bancos emitem diariamente, com a função de manter a fluidez do sistema, ou seja, os bancos que têm dinheiro em excesso emprestam para aqueles que estão precisando.

Ibovespa (Índice da BM&FBovespa): o índice mede a evolução média dos preços dos papéis mais negociados no mercado. Retrata o valor atual, em moeda corrente, de uma carteira teórica de ações, constituída em 1968 a partir de uma aplicação hipotética. Essa carteira representa 80% do volume de ações compradas e vendidas nos 12 meses anteriores. As ações que a compõem devem cumprir outros critérios: apresentar volume de participação superior a 0,1% do total e ter sido negociada em mais de 80% do total de pregões do período. A carteira é reavaliada a cada quatro meses, para manter sua representatividade ao longo do tempo. O Ibovespa é considerado o mais importante índice disponível devido ao rigor metodológico com que é elaborado e ao fato de ser o índice de Bolsa, ainda divulgado, mais antigo do País.

IBrX-50 (Índice Brasil): índice que exprime a variação média diária de uma carteira de 50 ações negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo. O IBrX-50 foi criado em 2002 com o intuito de oferecer uma alternativa ao Ibovespa.



Você sabia?

Os sobrenomes dos pais da análise gráfica deram origem ao famoso índice Dow Jones, que é a taxa utilizada para acompanhar a evolução dos negócios na Bolsa de Valores de Nova York. O índice reflete a valorização média das 30 ações mais negociadas da Bolsa de Nova York. Publicado desde 7 de outubro de 1896, é considerado o indicador mais tradicional utilizado nos mercados financeiros.

Chegaram as Finanças Modernas

Na década de 1950, o economista Harry Markowitz fez uma revolução no estudo de finanças ao apresentar, pela primeira vez, conceitos de risco e retorno em investimentos. Essa teoria ficou conhecida como Finanças Modernas e os estudos anteriores (análise gráfica e análise fundamentalista) passaram a ser chamados de finanças antigas e depois de Finanças Tradicionais.

Markowitz afirmava que existiam dois riscos ao se comprar uma ação. Um é referente à própria empresa e o outro é inerente ao mercado como um todo. O investidor sabe que, quando o mercado cai, o preço da grande maioria das ações também cai. Quando o mercado sobe, o preço das ações também sobe. Entretanto, esses preços não variam na mesma proporção que as alterações do mercado. Assim, ao comprar uma ação, um investidor corre o risco de o mercado cair e, ainda, o risco de comprar uma ação que tenha performance pior que a média das outras ações, sofrendo variação superior à média.

Segundo Markowitz, os preços futuros dos ativos não podem ser previstos. Como considera que o risco não é desejável, ele diz que o investidor deve ter uma carteira diversificada de ativos. Dessa forma, estará correndo o risco de queda do mercado, mas reduzirá o risco da variação relativa entre os preços das ações adquiridas.

A ideia de que o investidor deveria diversificar a carteira, em vez de ficar tentando descobrir a melhor ação para comprar, causou ruptura na teoria tradicional de finanças e marcou o nascimento das finanças modernas. Enquanto as finanças tradicionais dizem que se deve tentar ganhar mais que a média do mercado, as finanças modernas dizem que se deve buscar rentabilidade igual à do mercado. Tentar descobrir qual ação subirá mais que as outras, na visão das finanças modernas, é uma atividade que não gera retorno, ou seja, significa assumir um risco não remunerado.

Mais que uma simples discussão teórica, a suposição de que não se pode ganhar mais do que a média do mercado tem profundo impacto no dia a dia dos investidores. Os fundos passivos, que tentam seguir um índice como o

Ibovespa, por exemplo, seguem as finanças modernas. Aqueles fundos que tentam ganhar mais do que a média do mercado, chamados de ativos, seguem as finanças tradicionais.

Um dos pilares das Finanças Modernas é a Teoria dos Mercados Eficientes, que afirma que os preços dos ativos refletem corretamente, e de forma imediata, todas as informações e expectativas.

Segundo essa teoria, as análises gráfica e fundamentalista são de pouca utilidade, uma vez que os preços já estariam refletindo todo tipo de informação.

Mas, por que motivo os preços tendem a estar sempre certos segundo a Teoria dos Mercados Eficientes? O mercado é composto de pessoas que diariamente procuram comprar e vender ações e outros ativos tentando ganhar dinheiro. Entre esses investidores se encontram milhares de profissionais que trabalham em bancos corretores e gestoras de recursos. Esses profissionais normalmente têm ótima formação universitária e milhares de informações disponíveis. Além disso, eles dedicam todo tempo disponível a analisar os mercados e descobrir um ativo que esteja com preço errado.

Quando descobrem um preço fora do que consideram justo, imediatamente emitem ordens de compra ou de venda, buscando, assim, uma oportunidade de ganho. São milhares de pessoas muito bem preparadas e que dedicam suas vidas a descobrir qualquer erro nos preços dos ativos. Sempre que descobrem, atuam comprando ou vendendo esse ativo para tentar ganhar dinheiro. Essa atividade, por si, também colabora para a correção dos preços.

Mas se esses profissionais conseguem descobrir quando o preço está errado, isso não prova que o mercado é ineficiente?

Para responder essa pergunta, teríamos que investigar a rentabilidade das carteiras desses profissionais. Para isso, basta ver quanto rendem os fundos geridos por essas pessoas. O que acabamos descobrindo é que, na média, eles não são mais rentáveis que os índices médios de mercado.

Agora, vejamos se nós devemos tentar ganhar mais que a média de mercado. Primeiro, analisemos nossas chances. Será que podemos dedicar nossa vida a estudar os mercados? Imaginemos um médico que resolva dedicar sua vida a descobrir ações baratas para comprar ou ações caras para vender. Como ele arranjaria tempo para continuar clinicando? É possível

que, com isso, estejamos perdendo um ótimo médico e ganhando um trader mediano.

Ora, se não podemos dedicar nossa vida a estudar os mercados, não seria mais lógico contratar alguém que dedique sua vida a essa tarefa? É justamente isso o que fazem as pessoas que compram cotas de um fundo de **investimento**. Será que isso é bom? Depende, pois esse gestor cobrará para fazê-lo. Portanto, para valer a pena, esse gestor terá que ganhar mais do que a média do mercado, mais um percentual que compense os custos de sua gestão. Isso muitas vezes não acontece.

Finanças tradicionais: coloque seus ovos em poucas cestas e cuide muito bem delas.

Finanças modernas: coloque seus ovos em várias cestas porque, assim, você estará minimizando seus **riscos**.

Caso real | GESTÃO PASSIVA OU ATIVA?

Uma professora universitária costumava investir, desde a juventude, cerca de 8% de seu salário em ações na Bolsa de Valores. Investia de forma diversificada, em empresas nas quais acreditava, independentemente do setor, e tinha como única estratégia somente comprar papéis que estivessem presentes no Ibovespa. Simplesmente comprava e comparava mais, mês após mês, em pequenas quantidades. Um colega seu, também professor, tinha o mesmo hábito de poupar e investir suas economias em papéis de empresas na BM&FBovespa. A grande diferença entre os dois era que o professor gostava de especular e se divertia comprando e vendendo ações, seguidamente, num jogo arriscado, mas que era muito prazeroso para ele. Depois de vinte anos, a professora pôde se dar ao luxo de aposentar-se aos 50 anos. Ela tem respeitável patrimônio investido em ações, capaz de sustentá-la, mantendo o atual estilo de vida, pelos próximos trinta anos. O professor também lucrou nesse período, mas ganhou um pouco menos e dedicou muito mais tempo ao mercado. Na visão da professora, ele se incomodou muito mais, porém, na visão dele, ele se divertiu muito nesse tempo. Moral da história: especular pode ser muito divertido, mas se seu objetivo é investir e ganhar dinheiro em longo prazo, essa pode ser a estratégia errada.

INVESTIMENTOS

Compra de ações para ser sócio das empresas, ou compra de títulos para ganhar os juros que estes prometem pagar.

Resumindo...

GESTÃO PASSIVA é aquela em que o gestor de um fundo possui uma estratégia de investimento buscando acompanhar ou rebater um índice de referência, mantendo o desempenho do fundo próximo à sua variação. Se for um fundo de ações, ele pode, por exemplo, tentar acompanhar o Ibovespa e, se for um fundo de renda fixa, provavelmente ele tentará acompanhar o CDI. É fundamentada nas Finanças Modernas.

GESTÃO ATIVA é a que busca obter rentabilidade superior à de determinado índice de referência (CDI ou Ibovespa). É fundamentada na análise gráfica ou na análise fundamentalista (Finanças Tradicionais).

Na prática | O PESCADOR

Um grupo se reunia periodicamente para pescar. Um dos pescadores tinha a intenção de apanhar apenas peixes graúdos e, para isso, usava anzóis de tamanho grande. Ele voltava todos os dias para o acampamento carregando apenas sua vara de pesca, enquanto seu colega retornava diariamente com vários peixes, de tamanho médio. Isso se repetiu por várias pescarias, até que, num fim de tarde, o pescador, que gostava de correr riscos, retornou para o acampamento com uma garoupa de 80kg, comemorando. Esse evento ocorreu uma vez apenas, mas seu colega não retornou da pescaria sequer um dia com as mãos abanando. Qual deles você considera o melhor pescador?

Um especulador vive procurando grandes peixes. Um investidor se preocupa em conseguir peixes sempre.

Explicando melhor

Se você seguir as recomendações das finanças modernas, deverá investir constantemente em uma carteira diversificada de ativos sem se preocupar com os movimentos do mercado. Nossa recomendação, se você for bastante conservador, é que você utilize a regra dos 70. Se você tiver perfil moderado ou arrojado, use a regra dos 100.

Conservadores: REGRA DOS 70

Número 70 – sua idade = percentual de sua renda que deve ser investido em ações.

Arrojados: REGRA DOS 100

Número 100 – sua idade = percentual de sua renda que deve ser investido em ações.

O restante você divide ao meio, colocando parte em renda fixa e parte em imóveis, se tiver recursos suficientes para isso. Assim, quanto mais velho você for, menos risco deve correr.

Dessa forma, se você tem 40 anos e perfil conservador, deve investir 30% em ações (70 – 40). Com os 70% restantes, você deve comprar imóveis (35%) e títulos de renda fixa (35%).

O importante é que você entre na Bolsa de Valores lentamente e também saia lentamente. A Bolsa é muito volátil – como você pode acompanhar diariamente no noticiário, ela sobe e desce a cada momento. Quando você entra lentamente, comprando aos poucos, reduz significativamente as chances de entrar em um momento em que os preços estão muito elevados. Quando sai lentamente, também vendendo aos poucos, reduz significativamente as chances de vender tudo em um momento em que os preços estão muito baixos.

Para você maximizar seus retornos e reduzir seus riscos, deve reservar uma quantia mensal para colocar na Bolsa. Faça isso constantemente: reserve um percentual de sua renda e aplique todo mês. Quando você quiser se aposentar, poderá receber continuamente os dividendos das empresas das quais você tem ações.

Vários estudos demonstram que, se você investir lentamente por um longo período, estará reduzindo significativamente seu risco no mercado de renda variável. Observando o mercado americano, podemos ver que, em mais de 140 anos, nenhum investidor que aplicou lentamente durante 20 anos seguidos perdeu dinheiro com a estratégia. No Capítulo 6, que tratará de Bolsa de Valores, mostraremos uma pesquisa para o mercado brasileiro.

Se você está começando a investir, reserve o percentual resultante da regra dos 70 e aplique em ações. Dê preferência às ações que compõem o Ibovespa, que são mais negociadas e tendem a ter seus preços muito mais próximos do valor considerado correto.

Se você já tem um percentual de investimentos em imóveis e em renda fixa, a dica é não direcionar grande montante imediato para a Bolsa. Pare de investir nesses ativos e comece a investir em ações, até atingir a proporção ideal.

Mas será tão fácil seguir essa regra? Como veremos a seguir, suas emoções atrapalharão um bocado.

Nem tudo são números...

Mas será que somente o resultado financeiro das empresas influencia no desempenho do mercado? E os investidores, quando decidem investir nessa ou naquela empresa, são sempre movidos apenas pelos números que constam nos gráficos, nos balanços, nos juros e no percentual de rendimento?

Na década de 1970 surgiu uma teoria que diz NÃO a essas duas perguntas. As Finanças Comportamentais analisam mais a fundo a questão do processo de decisão e afastam o antigo pressuposto de que os investidores agem sempre racionalmente nas decisões do mundo financeiro.

Como você viu no Capítulo 1, muitos estudos mostram que o aumento da renda e do consumo não é diretamente proporcional ao aumento da felicidade. Apesar disso, muitas pessoas continuam tomando decisões sobre suas finanças baseadas em critérios nada objetivos, como consumir para ser feliz, para ser amado ou ser aceito em algum grupo social.

Esse novo campo de estudos em finanças discute os erros que as pessoas cometem quando o assunto é seu orçamento, suas economias e seus investimentos. As Finanças Comportamentais possibilitam conhecer mais as tendências do comportamento humano, o que pode ajudar ou prejudicar os investimentos e outras questões.

Com a ajuda da Psicologia Cognitiva e dos avanços da tecnologia, que permitem observar o cérebro em funcionamento, as Finanças Comportamentais verificaram que existem dois processos que afetam as decisões econômicas: são os processos automáticos de decisão, conhecidos como atalhos mentais, e os processos de interferências do sistema afetivo nas decisões das pessoas.

DECISÕES	RACIONAIS	EMOCIONAIS
DELIBERATIVAS	I	II
AUTOMÁTICAS	III	IV

Enquanto as Finanças Tradicionais e as Finanças Modernas se ocupam com as decisões deliberativas e racionais, representadas no quadrante I da figura anterior, as Finanças Comportamentais procuram compreender as decisões econômicas que as pessoas tomam de forma automática e emocional. O campo de estudo dessa nova teoria corresponde aos quadrantes II, III e IV da figura.

Isso porque apenas parte das decisões é racional e deliberativa – aquelas que você toma após refletir e nas quais procura não se deixar levar pelos sentimentos. Outra parte importante de nossas decisões é automática ou afetada pelas emoções das pessoas. Essa proporção também é válida para as decisões econômicas.

Quando um pai de família endividado opta por pagar juros do cheque especial em vez de resgatar o dinheiro da caderneta de poupança dos filhos, ele está tomando uma decisão deliberativa emocional, que se encaixa no segundo quadrante da figura. Já quando você entra no supermercado e compra creme dental porque estava faltando na despensa de sua casa, essa costuma ser uma decisão automática, mas que é certamente racional, sem a influência das emoções.

Também quando um investidor se propõe a investir constantemente sem se preocupar com os movimentos do mercado, pode, em um dia de forte baixa, ficar apavorado e liquidar seus investimentos no pior momento possível.

Novas descobertas sobre o funcionamento do cérebro humano ajudam a explicar por que as pessoas tomam decisões de forma automática e por que se deixam influenciar pelas emoções. É que estruturas mais primitivas do cérebro também influenciam no processo de tomada de decisões. Elas são mecanismos que outros animais menos evoluídos também possuem.

Observe como as principais estruturas do cérebro podem influenciar no processo de decisão.

› O JACARÉ: no alto da medula espinhal, bem no centro do cérebro, ficam as estruturas mais primitivas, que o homem compartilha com os répteis e peixes. Essas estruturas controlam funções básicas de sobrevivência, como respiração e fome. O réptil só se

move para se defender, se alimentar ou reproduzir. Quando você planeja ir a uma academia e se exercitar, seu jacaré protestará dizendo para ficar parado na cama. Se você for ao supermercado com fome, é provável que compre muito mais itens do que realmente precise. Isso porque a parte “réptil” de seu cérebro avisa da necessidade que você tem de se alimentar.

› O TIGRE: em torno dessa estrutura primitiva se localiza o sistema límbico, compartilhado por nós com outros mamíferos. Os mamíferos desenvolveram esse sistema afetivo para poder se dedicar às suas crias. Sem sistema afetivo, nenhuma mãe amamenta os filhotes e nenhum pai acorda no meio da noite para trocar as fraldas do filho. É o sistema límbico do cão que faz com que ele fique feliz quando o dono chega em casa. Essa parte do cérebro controla emoções básicas como medo, agressividade, satisfação, repulsa e raiva.

› O HOMEM: envolvendo as estruturas mais antigas está o córtex, massa cinzenta e ondulada. Cães e chimpanzés também têm córtex, porém o córtex humano tem tamanho bem maior. O córtex frontal controla os processos superiores, como raciocínio e

pensamento abstrato. As decisões que você toma usando essa parte do cérebro são aquelas mais ponderadas, que podem até levar certo tempo para serem tomadas, mas das quais dificilmente você se arrepende.

Inúmeras evidências têm demonstrado que o processo de decisão das pessoas não é regulado apenas pelo córtex pré-frontal.

Na prática | JOGO DO ULTIMATO

Podemos ver o sistema límbico tomando decisões em um famoso experimento denominado jogo do ultimato. Os pesquisadores dão uma quantia para uma dupla, vamos supor um valor de R\$ 100. Se eles entrarem em acordo sobre a divisão do montante, poderão ficar com os R\$ 100, caso contrário os dois ficam sem nada. O normal seria que cada um dos dois ficasse com R\$ 50, em uma divisão meio a meio, porém algumas vezes os pesquisadores colocam um ator como um dos sujeitos da pesquisa. O ator diz que só aceita uma divisão de, digamos, 80/20. Nesses casos, a maioria dos participantes prefere não receber nada a ficar com apenas R\$ 20. Ou seja, os participantes testados deixam-se levar pelas emoções, preferindo sair de mãos abanando por sentirem-se ofendidos com a proposta do parceiro e por quererem punir a atitude injusta do outro.

As Finanças Comportamentais não negam que muitas decisões econômicas são tomadas pelo córtex, à luz da racionalidade ampla, porém têm duas objeções:

1. Acreditam que o comportamento humano está sempre sob a influência frequentemente não percebida de um sistema afetivo (emoções).
2. Consideram que a mente humana também foi feita para dar apoio a processos automáticos de decisão (atalhos mentais).

Na prática | NADA OU MUITO POUCO?

Em pesquisa com estudantes universitários, foi colocada a seguinte situação: um caminhoneiro estava levando uma carga de bananas para vender em uma central de abastecimento. Lá, ele pretendia obter R\$ 8 mil, mas uma ponte quebrou em seu caminho e só lhe restava a alternativa de vender a carga para uma indústria de doces onde, normalmente, só obteria R\$ 4 mil. Ao chegar à fábrica, o proprietário, sabendo de sua situação, disse que só pagaria R\$ 200. No lugar do caminhoneiro, você aceitaria os R\$ 200 ou jogaria a carga fora? A maioria dos entrevistados (88,1%) disse que jogaria a carga fora. Como normalmente uma pessoa não joga R\$ 200 fora, conclui-se que a maioria dos participantes da pesquisa respondeu à pergunta usando seu sistema límbico, afetada pela emoção de raiva.

Em geral, os atalhos mentais servem para acelerar o processo de decisão. Alguns especialistas acreditam que, embora nossos cérebros estejam adaptados ao mundo moderno, muitos processos ainda sofrem influências de épocas remotas. Um exemplo é o metabolismo de gordura nos seres humanos.

Em um passado não muito distante, morria-se de fome. A melhor forma de agir frente a uma fonte de proteínas e gordura era comer tudo o mais depressa possível. Guardar comida representava um duplo desafio. Primeiro, não se conseguia armazenar os alimentos sem que estes estragassem rapidamente. Segundo, animais oportunistas, como as hienas, poderiam roubar todo o fruto de uma caçada.

Naquele tempo, quanto mais gordura corporal um indivíduo tivesse, maiores seriam suas chances de sobrevivência e procriação. Atualmente, porém, mais pessoas morrem por excesso de comida do que por falta dela.

Mesmo assim, os indivíduos mantêm um comportamento semelhante a seus antepassados diante da comida. O cérebro está treinado a querer consumir tudo que estiver ao alcance. Nas savanas africanas, a regra sempre foi consumir tudo o que puder o mais rápido possível.

Com o dinheiro, o comportamento é semelhante. Na incerteza de que se irá viver para usufruir desse valor no futuro, o cérebro logo nos instiga a consumir o quanto antes. Por um lado, as pessoas têm forte tendência a acumular gordura corporal, por outro, também têm enorme dificuldade de formar uma poupança financeira.

Gratificação instantânea

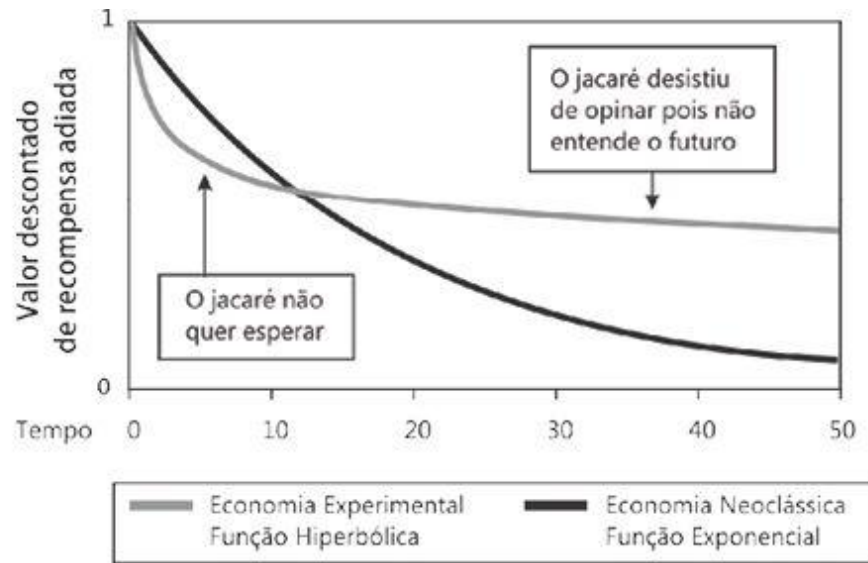
Não é à toa que poupar seja algo tão difícil. A decisão de deixar de consumir agora para consumir no futuro representa duplo desafio. Em primeiro lugar, é preciso que você acredite que viverá até o futuro para consumir aquele item ou para desfrutar daquela quantia. Segundo, é necessário acreditar que o objeto do consumo ainda estará disponível no futuro.

Para compensar, os juros representam um duplo prêmio: pela postergação do consumo e pelo risco corrido. Mesmo que o córtex processe essas vantagens, o cérebro humano tende a conferir valor excessivo para o AGORA. A maioria das pessoas é extremamente afetada pelo efeito da gratificação instantânea.

Em pesquisa, 74% dos alunos da graduação de uma universidade federal brasileira consultados responderam que preferem ter R\$ 600 hoje a ter R\$ 1 mil em dois anos. Somente 26% dos entrevistados saberiam aproveitar a taxa de juros de 30% ao ano.

Quando a questão era receber R\$ 600 dentro de dois anos ou R\$ 1 mil depois de quatro anos, a situação se inverteu. Cerca de 78% dos entrevistados disseram preferir esperar para receber a taxa de juros de quase 30% ao ano.

Isso ocorre porque o sistema límbico, a parte do cérebro que o ser humano compartilha com os outros mamíferos, controla a preferência pelo imediato. Já quem comanda o desconto exponencial (os juros) é o córtex.



Pense em perguntar a um jacaré ou a um tigre se ele prefere um pedaço de carne hoje ou dois pedaços amanhã. Eles querem agora e ponto. As partes tigre e jacaré de seu cérebro não entendem o futuro. Eles querem gratificação imediata, por maior que seja o prêmio pela espera.

Você só aceitará esperar pelo prêmio dos juros se fizer com que o córtex assumo o comando da decisão.

É justamente por isso que somos tão afetados pelo desejo de imediatismo. A influência do sistema límbico do cérebro fará com que, se você precisar optar entre conseguir o que quer hoje ou amanhã, escolherá a data mais próxima.

Faça um teste. Você prefere uma viagem a Paris na próxima semana ou uma viagem daqui a quatro anos? Escolha uma das opções tendo em mente que a viagem deste ano será realizada em classe econômica, terá a duração de uma semana e você terá €80 para gastar por dia, ao passo que a viagem quatro anos mais tarde será feita em primeira classe, terá o dobro de tempo no local de destino e €200 diários para gastar. O que você prefere? Guarde a resposta para daqui a pouco.

Agora vamos mudar um pouquinho a situação. Responda: você prefere uma viagem para Paris daqui a quatro anos ou uma viagem dentro de oito anos? Dados: a viagem em quatro anos durará uma semana, será feita em classe econômica e com €80 diários para gastar. A viagem em oito anos será de duas semanas, voo em primeira classe e €200 diários para gastar. E agora? O que prefere?

Essa pesquisa foi feita com alunos de uma universidade federal brasileira cuja média de idade era de 22,3 anos. Na primeira situação, 81% dos entrevistados preferiram viajar o quanto antes. Na segunda situação, 78% dos alunos optaram por esperar para ter uma viagem melhor.

Os resultados ilustram a forte tendência que todo mundo tem de gratificação instantânea. Essa mesma tendência faz com que as pessoas não descontem todas as utilidades futuras a uma taxa constante.

Isso pode levá-lo a pagar juros enormes para ter hoje o carro novo. Além disso, tarefas que não são muito agradáveis, mesmo que necessárias, fazem com que você deixe sempre para amanhã o início de um plano de aposentadoria ou a poupança para comprar a casa própria. Não permita que isso aconteça.

Em quem acreditar?

Enquanto as Finanças Tradicionais e as Finanças Modernas atribuem decisões econômicas somente aos aspectos puramente racionais, as Finanças Comportamentais defendem a existência de influências das emoções e dos atalhos mentais nas decisões financeiras.

As Finanças Tradicionais dizem que se você se dedicar muito, poderá descobrir quando os preços dos ativos estão baratos e quando estão caros. Para isso, você pode utilizar a análise dos fundamentos das empresas ou os gráficos de preços passados dos ativos.

As Finanças Modernas dizem que você deve investir lentamente, poupando um pouco todo mês e investindo o dinheiro em uma carteira diversificada de ativos.

Você deve estar se perguntando: “qual o comportamento correto? Em quem acreditar?”.

O interessante de finanças é que nem as tradicionais nem as modernas podem estar 100% corretas, pois suas hipóteses são excludentes, porém, estas dependem uma da outra.

Se todos acreditassem que os preços não podem ser previstos, ninguém iria gastar seu tempo estudando os mercados e, com isso, as empresas e os preços dos ativos iriam flutuar aleatoriamente. Já se aceitassem a ideia de que os preços não estão corretos, todos dedicariam muito tempo estudando os preços. Se isso ocorresse, os preços estariam sempre corretos, portanto nenhum novo investidor teria vantagem em gastar tempo e dinheiro tentando descobrir o preço correto. O melhor a fazer seria comprar qualquer ativo.

Na realidade, é muito bom que muitos tentem o tempo todo descobrir quando os preços estão errados e que se tente corrigir esses preços comprando e vendendo ativos. Porém, o investidor não profissional terá chance muito pequena de descobrir um preço errado e, quando descobrir, seu poder de investimentos provavelmente não será suficiente para conseguir um rendimento que compense os gastos que teve para descobrir essa oportunidade.

Em resumo, se você quer ganhar dinheiro sem muito risco, invista de forma passiva, compre mensalmente ações e títulos de empresas de que você goste e em que confie. Agindo assim, na aposentadoria você poderá viver com a divisão dos lucros dessas empresas ou com os juros pagos por seus títulos. Mas se você é um amante do risco e se diverte investindo, continue a especular.

Mesmo que você confie nas finanças modernas, saiba que suas emoções conspirarão o tempo todo para que não cumpra seu plano de investir um pouquinho todo mês sem se preocupar com o mercado.

Cada vez que você olhar sua carteira de investimentos e notar um bom lucro, será tentado a vender logo aquele ativo, colocar o dinheiro no bolso e se premiar com um objeto do consumo desejado.

Quando cometer um erro, a tendência é que seu cérebro faça tudo para que você não sofra. Assim, é possível que você logo esqueça que errou. Seu cérebro tentará converter a perda em ganho.

Seu sistema infracortical (o tigre e o jacaré) dirá o tempo todo para você viver o momento e esquecer o futuro, pois esses sistemas não entendem essa preocupação desmedida do córtex com o passado e com o futuro.

Por isso, lembre-se de que o jacaré e o tigre sempre dirão para você liquidar seus investimentos na primeira queda do mercado ou que você se recompense com os belos lucros de sua carteira, comprando um carro novo para mostrar aos amigos o quanto você é inteligente.

Como o mercado financeiro pode ajudar na construção de seu patrimônio

Considerando que um investimento constante e diversificado pode, facilmente, fazer o investidor ganhar dinheiro, pergunte-se: por que o mercado financeiro continua sendo um lugar tão hostil para o investidor individual?

Responda com sinceridade: você se considera capaz de ter um rendimento na Bolsa de Valores idêntico ao de um investidor que é expert em mercado financeiro?

Pois saiba que, segundo as Finanças Modernas, um investidor comum e um investidor experiente têm chances semelhantes de ganho especulando no mercado de ações. Como vimos, as Finanças Modernas dizem que um especialista não pode prever o mercado.

Ainda assim, é bom levar em conta que, nos bancos e nas corretoras, existem milhares de economistas, engenheiros e outros especialistas dedicando todos os seus dias na busca de entender o mercado de ações, de descobrir quando os preços estão errados para conseguir ganhar dinheiro com isso. Você se acha mais capaz do que esse time de profissionais?

Resumindo: suas chances de ganho no mercado de ações são maximizadas se você decidir investir em uma carteira diversificada, investir aos poucos e retirar também lentamente. Caso decida tornar-se especulador, saiba que os competidores são fortes e preparados. Você vai gastar seu tempo em uma atividade que promete pouco retorno financeiro, mas que algumas pessoas consideram bastante divertida.

CAPÍTULO 4

Fundos e Clubes de Investimento

Descubra as melhores opções para quem está dando os primeiros passos no mercado financeiro

“O que você sabe não tem valor. O valor está no que você faz com o que sabe.”

– BRUCE LEE, ATOR E DIRETOR.

Unindo forças

No início do capítulo anterior falamos sobre a insegurança que as pessoas sentem quando começam a investir suas poupanças. Veremos agora que uma forma de minimizar as incertezas é optar por não entrar sozinho no mercado financeiro. E você pode fazer isso ingressando em um investimento coletivo.

Essas modalidades são administradas por gestoras profissionais de recursos (empresas de *asset management*), corretoras e outras instituições autorizadas. São associações de aplicadores com um objetivo comum: adquirir carteira diversificada de investimentos. E existem algumas diferenças entre fazer isso sozinho ou coletivamente.

Quando você investe seus recursos diretamente no mercado, é recomendável que acompanhe o desempenho dos diferentes ativos e que esteja bem informado sobre os mais diversos assuntos de economia e política que possam afetar seu investimento. No entanto, se você investe em conjunto pode se beneficiar das oportunidades disponíveis no mercado sem muito esforço, uma vez que terá administradores trabalhando para você.

Outra vantagem é poder participar de modalidades de investimentos mais seletivas (e mais caras), sem precisar ter muito dinheiro. Com isso, você poderá atuar no mercado em condições de igualdade com os grandes investidores.

Existem duas formas principais de investimentos coletivos: os fundos e os clubes de investimento. Vamos conhecer mais de perto cada uma delas.

Fundos de investimento

Quem você acha que consegue melhores condições no mercado financeiro: um investidor que aplica R\$ 1 mil ou outro que possui R\$ 1 milhão? O mais comum é que grandes investidores consigam taxas melhores do que os pequenos.

Mas o que você diria se, mesmo dispondo de um pequeno valor, pudesse obter as mesmas vantagens de quem investe muito alto? É exatamente isso que os fundos proporcionam.

Eles são condomínios que reúnem recursos de um conjunto de investidores, com o objetivo de obter ganhos financeiros a partir da compra de uma carteira de títulos ou valores mobiliários. É como se você e outros mil investidores iguais a você tivessem o mesmo poder de quem aplica R\$ 1 milhão no mercado, só que precisariam dispor de apenas R\$ 1 mil, por exemplo.

Todo fundo tem uma instituição que administra seus recursos. O gestor é responsável pelas aplicações dos recursos do fundo no mercado, conforme um objetivo e política de investimento definida pelo fundo.

Você sabia?

Os fundos de investimento surgiram na Bélgica, no século XIX. Logo depois propagaram-se pela Holanda, pela Inglaterra e pela França. O primeiro fundo mútuo dos Estados Unidos, o Massachusetts Investor Trust, foi instituído em 1924 e continua em operação. No Brasil, em 1957 foi criado o Crescincó, primeiro fundo aberto do País. Esse fundo tinha como objetivo investir em projetos para o desenvolvimento, principalmente aqueles ligados à nascente indústria automobilística brasileira.

Existem milhares de fundos de investimento no mercado brasileiro. Cada um possui política de investimento e composição às mais arrojadas. Os fundos podem investir em ações, **CDBs** (títulos de crédito emitidos por bancos), debêntures, títulos públicos e derivativos.

VALOR MOBILIÁRIO

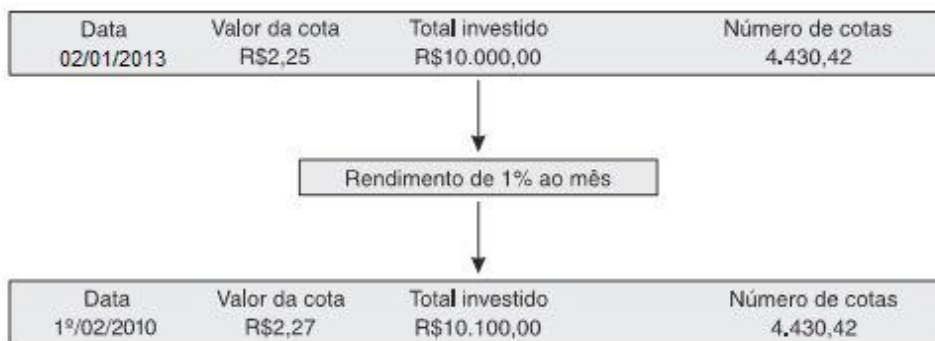
Expressão que caracteriza papéis e títulos com valores móveis, como ações, títulos da dívida, CDBs, títulos de renda fixa ou variável.

Você pode escolher o fundo que tenha política de investimento adequada a seus objetivos. Mas é indispensável acompanhar os investimentos do fundo de tempos em tempos, para avaliar se eles continuam atendendo suas necessidades, que podem mudar com o passar do tempo.

Os fundos são fracionados em cotas. O patrimônio de um fundo é a soma de cotas que foram compradas pelos investidores. Quando você aplica seu dinheiro no fundo, está comprando determinada quantidade de cotas.

As instituições gestoras informam o valor das cotas dos fundos nos principais jornais ou na internet. O valor da cota se altera diariamente, mas a quantidade de cotas é sempre a mesma – a não ser que você venda, compre mais ou que o Imposto de Renda seja recolhido.

Veja, por exemplo, um fundo que tenha o valor de sua cota estabelecido em aproximadamente R\$ 2,25, em 2 de janeiro de 2013. Se algum investidor aplicasse R\$ 10 mil nesse fundo naquele dia, ele adquiriria cerca de 4.430,42 cotas. Supondo que o fundo obtenha rentabilidade de 1% no mês de janeiro, o valor de cada cota passaria a ser R\$ 2,27 no dia 1º de fevereiro. Assim, multiplicando esse valor pelo número total de cotas que o investidor possui, ele passaria a ter um capital de R\$ 10.100 aplicados no fundo.



Custos

Cada fundo tem suas taxas de administração. Além disso, a tributação que incide sobre seu investimento também pode variar. Você deve estar atento a esses valores. A taxa de administração de um fundo é o valor cobrado pelo gestor que o administra para pagar por todos os serviços prestados – é o preço que você paga pela administração do fundo.

As taxas podem variar de acordo com a instituição e o serviço que ela irá lhe prestar. Vale dedicar um tempo para pesquisar as opções disponíveis no mercado. Considere outros fatores, além do valor cobrado: avalie também a idoneidade da instituição, os serviços prestados e as características do fundo. Procure não tomar sua decisão baseada apenas em uma única informação.

Nem tudo são flores

Como quase tudo na vida, os fundos de investimentos possuem vantagens e desvantagens. Quando você resolve delegar suas decisões de investimentos a um terceiro, está dando a ele um mandato, ou seja, você diz ao gestor o que ele pode ou não fazer com seu dinheiro. A CVM e a Anbima criam classificações-padrão para esses mandatos. Assim, antes de aplicar seu dinheiro, procure saber se seu gestor pode ou não aplicar em ações, em renda fixa ou em outras opções.

Mas, infelizmente, poucas pessoas compreendem e fazem escolha adequada de qual mandato devem dar ao gestor. Lembre-se dos princípios das Finanças Modernas e da eficiência dos mercados, que vimos no Capítulo 3. Nenhum gestor tem a capacidade de ganhar sempre, o que ele faz é adequar risco e retorno para tentar ganhar mais, dado um nível de risco preestabelecido.

CVM

Comissão de Valores Mobiliários. É uma entidade que regula o mercado financeiro brasileiro e protege os investidores de possíveis irregularidades e atos ilegais por parte de empresas ou administradores de carteiras de investimento. Acesse www.cvm.gov.br.

ANBIMA

Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. Trata-se de uma entidade de classe que autorregula as atividades de seus associados com a adoção de normas rígidas. Mais informações no site www.anbima.com.br/.

Muitas pessoas pensam que basta escolher um fundo de um grande banco para garantir que seu dinheiro seja bem aplicado, porém isso não é assim tão simples. Todos os fundos cobram para fazer a gestão do dinheiro. A cobrança é feita basicamente de duas formas: taxa de administração e taxa de performance.

A taxa de administração é um percentual fixo sobre o patrimônio do fundo. Sendo assim, um fundo que cobra 2% ao ano de taxa de administração descontará 2% de seu patrimônio anualmente. Se você tiver, por exemplo, R\$ 10 mil investidos, pagará R\$ 200 por ano, independentemente do desempenho de seu gestor. Imagine o quanto você pagará se aplicar seu dinheiro nesse fundo por períodos longos.

Já a taxa de performance normalmente se estabelece sobre um referencial como o Ibovespa, por exemplo. Sempre que o gestor supera essa marca, ele cobra percentual sobre os rendimentos excedentes. Um grave problema que costuma ocorrer é que alguns gestores cobram a taxa de performance quando superam o objetivo, mas não devolvem o que cobraram quando o rendimento fica aquém do referencial. Apenas alguns fundos têm políticas de compensação das taxas de performance.

Se você avaliar as taxas cobradas, verá que muitos fundos têm ganhos bem menores do que você mesmo poderia conseguir se investisse seu dinheiro diretamente, sem depender de um gestor. Isso ocorre principalmente no caso de fundos que aceitam aplicações de pequeno valor.

Dica

Não é razoável pagar mais de 1% ao ano pela administração do gestor – considerando as taxas elevadas cobradas pelos fundos brasileiros.

Quem tem R\$ 1 mil para investir, pagaria cerca de R\$ 200 se deixasse seu dinheiro aplicado por 10 anos em um fundo que cobra 2% ao ano de taxa de administração, mesmo que o fundo não tivesse nenhum rendimento no período.

Você também tem que saber onde o gestor está aplicando seus recursos. A maioria dos gestores publica em seus sites a composição da carteira de investimentos do fundo. Lá você sabe se o fundo aplica em títulos públicos, títulos privados, ações ou instrumentos de derivativos. Se seu gestor não divulgar onde está aplicando seu dinheiro, fuja dele.

Na história recente, tanto no Brasil quanto em países como os Estados Unidos, vários fundos chegaram a perder todo ou quase todo seu patrimônio. Fundos que aplicam em mercados de derivativos, classificados como

multimercado, têm mais possibilidades de grandes perdas. Por isso, não deixe de avaliar o tipo de fundo ideal para seu perfil, ler o prospecto e acompanhar seu fundo de investimentos. Veja, a seguir, a classificação dos fundos e identifique o tipo ideal para você.

Classificação dos fundos

Curto Prazo: são considerados os mais conservadores, com cotas menos sensíveis às oscilações das taxas de juros. Investem em títulos públicos federais ou privados de baixo risco com prazo máximo a decorrer de 375 dias. O prazo médio da carteira é de, no máximo, 60 dias. Podem ser títulos de renda fixa, pós ou prefixados, e geralmente sua rentabilidade está atrelada à taxa de juros usada nas operações entre os bancos, o CDI.

Referenciado: os mais conhecidos são os referenciados DI, que acompanham a variação diária das taxas Selic e CDI e se beneficiam em um cenário de alta de juros. Esses fundos investem, no mínimo, 80% em títulos públicos federais ou em títulos de renda fixa privados de baixo risco. No mínimo, 95% de sua carteira é composta por ativos que acompanham a variação de seu indicador de desempenho.

Renda Fixa: ao contrário dos fundos Referenciados DI, estes se beneficiam em um cenário de redução das taxas de juros. Aplicam, no mínimo, 80% de seu patrimônio em títulos de renda fixa prefixados (que rendem uma taxa de juro previamente acordada) ou pós-fixados (que acompanham a variação da taxa de juros ou um índice de preço).

Multimercados: combinam investimentos nos mercados variados como renda fixa, câmbio, ações, entre outros. São fundos com alta flexibilidade de gestão, por isso dependem mais do talento do administrador na escolha do melhor momento de selecionar os ativos da carteira e decidir o percentual do patrimônio que será investido em cada um dos mercados.

Ações: mais indicados para investimentos de longo prazo. São fundos que investem, no mínimo, 67% de seu patrimônio em ações negociadas em

Bolsa. Dessa forma, estão sujeitos às oscilações de preços das ações que compõem sua carteira. Alguns fundos dessa classe têm como objetivo de investimento acompanhar a variação de um índice do mercado acionário, tal como o Ibovespa, IBrX 50 ou IBrX 100.

Cambial: esses fundos mantêm, no mínimo, 80% de seu patrimônio investido em ativos que sejam relacionados à variação de preços de uma moeda estrangeira ou a uma taxa de juros (cupom cambial). Os mais conhecidos são os fundos Cambiais Dólar, que seguem a variação da cotação da moeda norte-americana. Como estão sujeitos aos custos de taxa de administração, Imposto de Renda e variação da taxa de juro, esses fundos não refletem exatamente a cotação da moeda estrangeira em questão.

Dívida Externa: aplicam, no mínimo, 80% de seu patrimônio em títulos brasileiros negociados no exterior. Os 20% restantes podem ser aplicados em outros títulos de crédito transacionados no mercado internacional.

Investimento imobiliário: Investem em empreendimentos imobiliários, como edifícios comerciais, shopping centers e hospitais. O retorno do capital investido se dá por meio da distribuição de resultados (com o aluguel pago, por exemplo) ou pela venda de cotas. Além da oscilação do mercado financeiro, esses fundos também são afetados pela redução da taxa de ocupação imobiliária e queda de preço dos imóveis.

Há ainda os fundos de Previdência e fundos de Índices (ETFs), que veremos em detalhes nas próximas páginas.

Fonte: Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Para mais detalhes, consulte o site da Anbima <http://www.comoinvestir.com.br/>.

Sempre leia o prospecto do fundo antes de investir.

Saiba mais

A economia brasileira passou por períodos de **inflação**, indexação da economia e choques econômicos entre as décadas de 1980 e 1990. Nessa época, a indústria de fundos praticamente não cresceu no País. Até 1992, os fundos de investimento possuíam data de aniversário no lugar de liquidez diária. Naquele ano, surgiu o Fundo de Commodities, considerado o precursor dos Fundos DI. Esses fundos ofereciam rentabilidade diária após 30 dias, indexada ao Certificado de Depósito Interbancário (CDI). Em 1995, a criação do Fundo de Investimento Financeiro trouxe mais flexibilidade para a criação de estratégias de aplicação e estabeleceu um divisor de águas na indústria de fundos.

Resumindo, existem fundos muito bons e fundos muito ruins. Infelizmente, aos aplicadores de pequenas quantias, normalmente são oferecidos os piores fundos. Se esse é o seu caso, uma alternativa é fazer aplicações diretas em ações ou títulos públicos, conforme demonstraremos nos próximos capítulos.

O importante é ter cautela, pois aplicar em um fundo não é garantia de ganho seguro.

Para saber mais sobre seu fundo busque o portal do investidor - www.portaldoinvestidor.gov.br/ - mantido pela CVM com o intuito de dar transparência e fornecer informações sobre o mercado financeiro. No link <http://consultafundos.portaldoinvestidor.gov.br/swb/> você pode ter informações detalhadas sobre o desempenho e a composição da carteira do seu fundo de investimentos.

Fundos de previdência

Os fundos de previdência também são um tipo de fundo de investimento, com a diferença de que seus recursos destinam-se especificamente à acumulação de renda para a aposentadoria.

INFLAÇÃO

Aumento persistente dos preços que resulta em perda do poder aquisitivo da moeda.

Eles podem ser patrocinados por empresas, que oferecem os planos a seus trabalhadores (são os chamados fundos fechados ou fundos de pensão) ou podem ser comprados por qualquer pessoa interessada que procure uma seguradora ou outra instituição que os ofereça (esses são os fundos abertos).

Antes de aderir a um fundo de previdência aberto, preste bastante atenção. Você deve lembrar de que essa é uma decisão importante, com implicações de longo prazo e que pode afetar toda a sua vida.

Nada impede que você acumule renda para sua aposentadoria adquirindo qualquer outro tipo de fundo de investimento. Até porque os fundos de previdência também têm seus rendimentos tirados a partir de aplicações em fundos de renda fixa, fundos de ações, fundos cambiais, fundos imobiliários e multimercados.

Assim como outros fundos, os de previdência também cobram taxa de administração. Mas, nos planos de previdência complementar, a taxa de administração compreende ainda a taxa de gestão financeira, o que pode aumentar o valor que você paga – e diminuir seus ganhos.

Alguns fundos também cobram taxa de carregamento sobre a contribuição do segurado para cobrir as despesas administrativas, de corretagem e de colocação do plano. A cobrança máxima permitida pela lei é de 10% de carregamento para os planos estruturados na modalidade de contribuição variável. Você deve evitar ao máximo pagar taxas de carregamento. Procure com cuidado e você encontrará bons fundos que não cobram taxa de

carregamento ou que devolvem a taxa cobrada se você permanecer investindo no fundo por longo período.

Como as aplicações de fundos de previdência normalmente são feitas a prazos muitos longos, os custos são extremamente importantes. Em alguns fundos, o valor das taxas pode significar custos de mais de 30% de toda a poupança acumulada em períodos superiores a 20 anos.

Existem dois tipos principais de fundos de previdência, o Plano Gerador de Benefício Livre (PGBL) e o Vida Gerador de Benefício Livre (VGBL). Em comum, os dois permitem o acúmulo de recursos por prazo determinado. Durante esse período, suas aplicações são alocadas pela seguradora em cotas de fundo de investimento. Você recebe os rendimentos das aplicações financeiras integralmente, sem garantia de lucratividade mínima. A taxa de carregamento normalmente é de até 5% a 10% nos planos tradicionais e no PGBL ela gira em torno de 2%.

Veja as principais diferenças entre o PGBL e o VGBL.

PGBL	VGBL
Voltado para pessoas físicas que declaram Imposto de Renda no formulário completo.	O público-alvo é: Pessoas físicas isentas do Imposto de Renda ou que declaram no formulário simplificado; Investidores que querem fazer aplicações em longo prazo; Investidores que já têm um PGBL.
Tem por objetivo a formação de fundo de investimento para garantir a aposentadoria complementar.	É um plano de previdência privada que oferece cobertura para morte e invalidez. Permite resgate dos valores aplicados.
O benefício fiscal é limitado a 12% da renda bruta no ano sobre as contribuições pagas.	Não oferece benefício fiscal.
O Imposto de Renda incide sobre o recebimento total do benefício.	O Imposto de Renda incide apenas sobre os rendimentos.
O resgate pode ser feito a cada 60 dias. Você também pode sacar de uma só vez ou transformar o montante em renda mensal.	O primeiro resgate pode ocorrer entre dois meses e em até dois anos. Depois, a retirada pode ser feita a cada 60 dias.

Seja sua escolha pelo PGBL ou VGBL, o importante mesmo é entender a estrutura de um fundo de previdência. Antigamente, existiam os fundos de previdência chamados de “benefício definido”. Neles, o participante definia um percentual fixo de seu salário, que era depositado mensalmente. Quando o participante se aposentava, ele tinha garantido o recebimento, por todo seu período de vida, de uma renda que geralmente era equivalente a seu último salário ou a um percentual desse salário.

Os atuários, profissionais que calculam a expectativa de vida média de um grupo, avaliavam quanto o fundo precisava ter para sustentar todos os participantes até o final de suas vidas, garantindo a tranquilidade financeira. Claro que calcular quanto tempo uma pessoa tem de vida é tarefa impossível. Mas calcular quanto tempo em média um grande grupo de

peças viverá não é tarefa assim tão complexa – e é exatamente isso que fazem os atuários.

Isso funcionou bem durante algum tempo, mas, com os avanços da medicina, vieram as exceções. Hoje nossa expectativa de vida é cada vez maior, ano após ano. E o que aconteceu aos fundos? Vários deles tiveram problemas, porque sua poupança acumulada já não era suficiente para sustentar a todos os participantes até o final da vida.

Foi então que os gestores viram que é muito difícil garantir uma renda definida aos participantes do fundo. Partiram então para uma modalidade de contrato que não garantisse renda vitalícia definida, ou seja, fundos em que o participante não tivesse a renda definida de aposentadoria no momento da adesão ao plano. E como a maioria das pessoas se negaria a comprar fundos chamados de “benefício indefinido”, foram criados os planos de “contribuição definida”.

Esses planos funcionam da seguinte maneira: mês a mês você aplica parte de seu salário para ser administrado por um gestor do fundo. O gestor vai investindo esse dinheiro e criando um pecúlio, que é sua poupança. No dia da aposentadoria, você procura o gestor do fundo. Só então será calculado o valor da renda que você poderá retirar mensalmente para poder viver.

Existem algumas seguradoras que negociam uma renda vitalícia. Vamos pensar, como exemplo, no caso de um homem de 70 anos que resolva se aposentar e procure uma seguradora para comprar uma renda vitalícia. O atuário da seguradora verificará o perfil daquele cliente e definirá uma tábua de mortalidade adequada para o grupo daquele participante.

Supondo que ele more no sul ou sudeste do Brasil, pertença à classe A ou B e goze de boa saúde, é provável que o atuário escolha a tábua de mortalidade AT2000. Segundo essa tabela, esse homem viverá mais 15 anos e 10 meses.

É claro que é difícil precisar o quanto esse homem viverá, mas é possível fazer a média de expectativa de vida de mil homens que estejam na mesma situação que ele. E, em média, esses homens devem viver até os 85 anos e 10 meses. Alguns morrerão antes; outros se tornarão centenários.

Quando negocia a renda vitalícia com a seguradora, o participante abre mão de deixar herança a seus descendentes. Quando ele morrer, sua poupança será usada para gerar renda àqueles que viverem mais. Em outra modalidade, o participante pode escolher um percentual mensal de retiradas.

Na data em que ele morrer, o que sobrar de seu pecúlio irá para seus descendentes.

Porém, se ele viver mais e seu pecúlio acabar, ele pode ter sérios problemas no final da vida.

QUAL A EXPECTATIVA DE VIDA EM ANOS SEGUNDO A AT2000										
Idade	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Homens	80,1	79,3	78,3	77,4	76,4	75,4	74,4	73,5	72,5	71,5
Mulheres	84,34	83,49	82,56	81,59	80,61	79,63	78,65	77,66	76,67	75,68
Idade	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
Homens	70,5	69,6	68,6	67,6	66,7	65,7	64,7	63,7	62,8	61,8
Mulheres	74,69	73,70	72,71	71,72	70,73	69,75	68,76	67,77	66,79	65,81
Idade	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
Homens	60,8	59,9	58,9	57,9	57,0	56,0	55,1	54,1	53,1	52,2
Mulheres	64,82	63,84	62,86	61,88	60,90	59,92	58,94	57,96	56,99	56,01
Idade	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39
Homens	51,2	50,3	49,3	48,3	47,4	46,4	45,4	44,5	43,5	42,6
Mulheres	55,04	54,06	53,08	52,11	51,14	50,16	49,19	48,21	47,24	46,27
Idade	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49
Homens	41,6	40,6	39,7	38,7	37,8	36,9	35,9	35,0	34,1	33,2
Mulheres	45,30	44,33	43,36	42,39	41,43	40,47	39,51	38,55	37,60	36,65
Idade	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59
Homens	32,3	31,4	30,5	29,6	28,7	27,9	27,0	26,2	25,3	24,5
Mulheres	35,71	34,77	33,84	32,90	31,98	31,06	30,14	29,23	28,33	27,43
Idade	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69
Homens	23,6	22,8	22,0	21,2	20,3	19,5	18,8	18,0	17,2	16,5b
Mulheres	26,53	25,64	24,76	23,89	23,02	22,17	21,32	20,48	19,65	18,83
Idade	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79
Homens	15,8	15,1	14,4	13,7	13,0	12,4	11,8	11,2	10,6	10,1
Mulheres	18,02	17,22	16,43	15,65	14,89	14,14	13,41	12,70	12,02	11,35
Idade	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89
Homens	9,5	9,0	8,5	8,1	7,6	7,2	6,8	6,4	6,0	5,7
Mulheres	10,70	10,08	9,48	8,90	8,35	7,82	7,32	6,85	6,41	6,00
Idade	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99
Homens	5,4	5,1	4,8	4,5	4,2	4,0	3,7	3,5	3,3	3,1
Mulheres	5,62	5,27	4,94	4,65	4,38	4,13	3,90	3,68	3,46	3,25

Os planos de previdência atuais nada mais são do que fundos de investimentos administrados por um gestor contratado visando formar uma poupança, que, nesse caso, é chamada de pecúlio. O fundo visa permitir que, no futuro, os participantes consigam viver da renda dessa poupança.

Para pessoas muito organizadas, melhor do que aderir a um plano de previdência é criar um sistema próprio de acumulação, ou seja, mensalmente a pessoa pode aplicar uma quantia para criar reserva que lhe permita se aposentar no futuro.

Mas atenção: antes de criar esse sistema independente, é bom você se assegurar de que é uma pessoa bastante metódica, disposta a alocar um tempo para estudar o mercado financeiro, capaz de poupar todos os meses e também de manter um seguro de vida, caso tenha dependentes. Como

existem poucas pessoas com o perfil, para a maioria a adesão a um bom plano de previdência é uma decisão extremamente acertada.

Em geral, vale a pena aderir a um plano de previdência nas seguintes situações:

1. Se você tem algum benefício fiscal ao investir (para aqueles que declaram no formulário completo do Imposto de Renda).
2. Se a empresa em que você trabalha ajuda com uma parte dos depósitos.
3. Se, como a maioria das pessoas, você não tem disciplina rígida para estudar o mercado e ter autocontrole para fazer depósitos mensais regulares em um plano pessoal de poupança com objetivos de aposentadoria.

Existem algumas pessoas que aderem a um plano de previdência e acabam pedindo dinheiro emprestado ao banco quando se desorganizam financeiramente. Acabam pagando uma taxa de juros no cheque especial oito a dez vezes superior ao rendimento que conseguem com sua poupança, no fundo de previdência.

Outras pessoas aderem a um plano, resolvem sacar o dinheiro antes do período de carência e têm, então, que pagar multas pela saída antecipada.

Reflita bastante antes de aderir a um plano. Não compre por impulso. Consulte especialistas certificados¹ ou converse com pessoas de sua confiança. Saiba também que o gerente do banco é comissionado para lhe vender o fundo. Desconfie de seus conselhos.

Mesmo sabendo que você pode conseguir melhor rendimento aplicando por conta própria do que aderindo a um plano de previdência, saiba que você terá grande dificuldade para cumprir um plano de depósitos mensais constantes. Lembre-se do desconto hiperbólico que vimos no capítulo 3. É muito fácil decidir aplicar um percentual do seu salário nos próximos meses, mas é muito difícil aplicar todo mês nesse fundo para aposentadoria. Seus sistemas infracorticais irão tentar sabotar seus planos de investir para um futuro longínquo.

Você terá que travar uma enorme batalha com seu “jacaré” interior cada vez que tiver de tomar a decisão de transferir um valor da sua conta-corrente para uma aplicação financeira.

Sabendo de que o jacaré muitas vezes é mais rápido do que o homem racional, representado pelo nosso córtex pré-frontal, se você não estiver absolutamente seguro de que é organizado e racional, talvez seja uma boa alternativa aderir a um plano de previdência que exija depósitos mensais automáticos e multas para retiradas antes do prazo definido.

1, 3, 6, 9... E PRONTO!

Juntos, esses números são um conjunto fundamental para assegurar uma aposentadoria tranquila. É que, infelizmente, poucas pessoas se preparam adequadamente para a velhice. Em geral, passam anos imaginando que o momento ainda está distante e, lá pelos 40, apavoram-se e sentem que está tarde para pensar no problema. Mesmo quem já contribui ou está decidido a começar tem dúvidas se está no caminho certo ou se está poupando o suficiente.

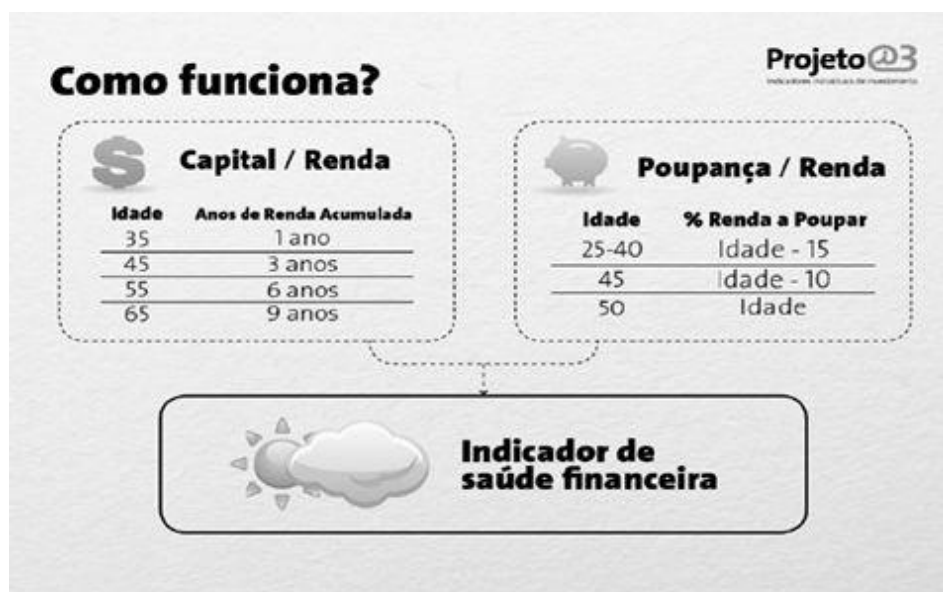
“1, 3, 6, 9”² é justamente o nome de uma metodologia desenvolvida pela equipe de educação para investidores do Itaú Unibanco, sob coordenação de Martin Iglesias, para ajudar a solucionar essas dúvidas. Cada número significa a quantidade ideal de anos em salários poupados até as idades de 35, 45, 55 e 65 anos, respectivamente.

Isso quer dizer que, aos 35 anos, o trabalhador precisa ter o equivalente a um ano de salário em alguma aplicação financeira. Aos 45, precisa ter três anos de salários poupados. Aos 55, seis anos e, aos 65, pelo menos nove

anos de salários para se aposentar com essa idade e assegurar o mesmo padrão de vida que manteve enquanto trabalhava.

Muitas pessoas se assustam ao descobrir que a poupança para aposentadoria está abaixo do valor ideal para a idade que têm. Por essa razão, a equipe do Itaú Unibanco criou outra regra: se você tem entre 25 e 40 anos e ainda não começou a poupar, deve guardar o equivalente a sua idade menos o número 15. Ou seja, quem tem 30 anos deve poupar 15% da renda (30-15) até a aposentadoria.

Já quem está com 45 anos e ainda não começou a se planejar precisa poupar o equivalente à idade menos 10 e quem está com 50 anos precisa poupar um percentual igual à idade que tem, até a hora de se aposentar. Pessoas que estiverem fora dessa curva ou que acharem que não vão conseguir poupar o valor recomendado devem buscar ajuda de um especialista para uma avaliação mais precisa.



Começar a cuidar da aposentadoria aos 25 anos é uma tarefa semelhante a um passeio no parque. Aos 45, é como subir ao campo de base do Aconcágua e, após os 55, é como escalar o próprio Aconcágua, com seus quase sete mil metros de altitude. Que tal começar agora?

ETFs

Exchange Traded Funds (ETF) são fundos com cotas negociadas na bolsa de valores. Ao investir em um ETF, você está aplicando em um fundo e adquire uma carteira de ações de diferentes companhias. É possível acessar essa opção diretamente, comprando as cotas dos ETFs na bolsa. Para resgatar o dinheiro, basta vendê-las através do mesmo procedimento. Essas operações só podem ser realizadas através de corretoras de valores. Nesse sentido, os ETFs funcionam como as ações, que conheceremos em detalhes no capítulo 6.

Esses fundos têm baixo custo de administração, pois o gestor não precisa comprar ou vender os ativos a cada depósito ou saque. Além disso, o gestor não tenta ganhar mais do que a média do mercado, apenas busca acompanhar um determinado índice de ações. Sabe as Finanças Modernas que vimos no capítulo 4? As ETFs são o exemplo prático dessa teoria. É a chamada gestão passiva da carteira. A vantagem para o investidor é a previsibilidade do retorno em relação ao índice que cada ETF busca replicar.

Existem duas marcas comerciais mais conhecidas de gestão de ETFs, It Now e iShares. Elas são geridas, respectivamente, pelo Banco Itaú e pela Black Rock Brasil.

Sob a marca It now estão agrupados seis ETFs:

1. FIND11: baseado no Índice Financeiro, composto pelas ações dos principais bancos e empresas financeiras. A taxa de administração é de 0,60% a.a.
2. ISUS11: baseado no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), reflete o retorno de uma carteira composta por ações de empresas

comprometidas com a responsabilidade social e sustentabilidade empresarial. A taxa de administração é de 0,40% a.a.

3. GOVE11: composto pelas ações do índice de governança corporativa, que seleciona as empresas que têm práticas de gestão transparentes e igualitárias no tratamento com acionistas. A taxa de administração é de 0,50% a.a.

4. MATB11: baseado no índice de materiais básicos, composto pelas empresas produtoras de matéria-prima para outras indústrias, como, por exemplo, empresas de mineração, siderurgia, celulose e papel, químicas, entre outras. A taxa de administração é de 0,50% a.a.

5. DIVO11: baseado no índice de dividendos, que é composto por empresas que se destacaram pela maior remuneração aos acionistas na forma de dividendos ou juros sobre capital próprio. A taxa de administração é de 0,50% a.a.

6. PIBB11: baseado no Índice Brasil – 50 (IBrX-50), que mede o retorno das 50 empresas mais

negociadas na bolsa. Tem uma das menores taxas de administração do mundo: 0,059% a.a. O PIBB11 foi premiado como o ETF mais eficiente das Américas em 2010 e 2011, pelo exchangetradefunds.com, um site dedicado a acompanhar ETFs do mundo todo.

Já sob a marca iShares estão agrupados oito ETFs:

1. BOVA11: baseado no Ibovespa, que contempla as ações que representam 80% do volume negociado na BM&FBOVESPA. A taxa de administração é de 0,54% a.a.

2. BRAX11: baseado no IBrX-Índice Brasil – 100 (IBrX-100), que mede o retorno de um investimento em uma carteira teórica composta por 100 ações selecionadas entre as mais negociadas na BM&FBOVESPA em termos de liquidez. A taxa de administração é de 0,54% a.a.

3. MILA11: baseado no índice BM&FBOVESPA MidLarge Cap, que mede o retorno de um investimento em uma carteira composta pelas ações emitidas pelas companhias com os maiores

valores de capitalização, as chamadas blue chips. A taxa de administração é de 0,54% a.a.

4. SMAL11: baseado no índice BM&FBOVESPA Small Cap, que mede o retorno de um investimento em uma carteira composta pelas ações emitidas pelas companhias com os menores Valores de Capitalização listadas na Bolsa. A taxa de administração é de 0,69% a.a.

5. CSMO11: baseado no índice BM&FBOVESPA de Consumo, que mede o retorno de um investimento em uma carteira composta pelas ações das empresas representativas dos setores de consumo cíclico e não cíclico. A taxa de administração é de 0,69% a.a.

6. ECOO11: baseado no Índice Carbono Eficiente (ICO2), que é composto por empresas que fazem parte do IBrX-50 e que controlam ou reduzem emissão de gases causadores do efeito estufa. A taxa de administração é de 0,38% a.a.

7. MOBI11: baseado no índice BM&FBOVESPA Imobiliário, que é composto por empresas de

construção civil, intermediação imobiliária e exploração de imóveis. A taxa de administração é de 0,69% a.a.

8. UTIP11: baseado no índice de Utilidade Pública, composto por empresas representativas do setor, principalmente energia elétrica, saneamento e gás. A taxa de administração é de 0,69% a.a.

Mas, como já vimos, nem tudo são flores. Infelizmente os ETFs não contam com a isenção de Imposto de Renda para vendas de até R\$ 20 mil mensais, como ocorre com as ações.

¹ Você pode obter uma lista dos Planejadores Financeiros Certificados no site www.ibcpf.org.br.

² Para saber mais sobre essa metodologia, assista ao vídeo explicativo: <http://youtu.be/vfnuIC8ZRrc> e acesse o site www.italu.com.br/invista.

Como criar uma carteira própria de previdência

Lembre-se da regra dos 70 que foi mostrada no Capítulo 3. Calcule 70 menos a sua idade para descobrir o quanto investir em ações. Se você tiver 30 anos, vai encontrar como resultado um percentual de 40%. Então, mensalmente, pode direcionar 40% de sua poupança para comprar cotas do PIBB11. Isso significa que você comprará uma carteira de ações diversificada, composta por papéis de 50 empresas. O restante de sua poupança você pode direcionar para títulos públicos, que veremos no próximo capítulo, e para imóveis que lhe garantam rendimento futuro.

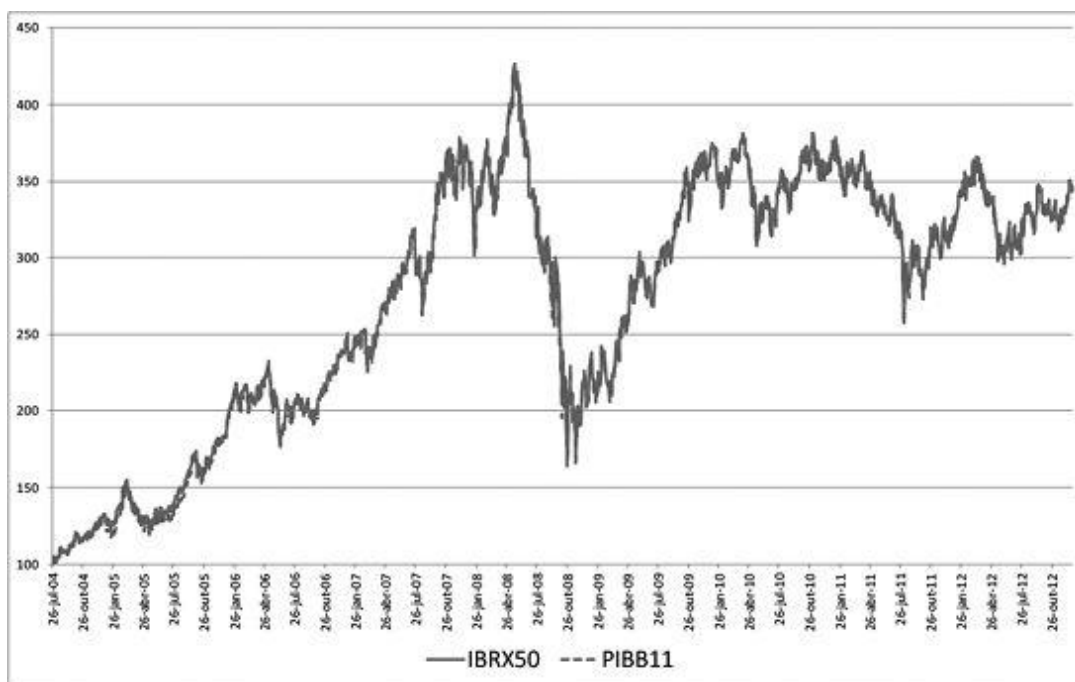
Veja mais em www.itau.com.br/itnow

Você sabia?

Apesar de ainda serem novidade, os ETFs já têm uma história de sucesso internacional. A primeira tentativa de estruturar um fundo com as características dos atuais ETFs foi feita nos Estados Unidos, mas um processo aberto pela Chicago Mercantile Exchange conseguiu suspender a comercialização de cotas em território americano. Depois dessa tentativa frustrada, o primeiro fundo de ETF foi autorizado a operar na Toronto Stock Exchange, no Canadá, em 1990.

Percebendo a viabilidade econômica do produto, a American Stock Exchange conseguiu autorização da Comissão de Valores Mobiliários americana para lançar seu primeiro ETF, em janeiro de 1993. A partir de então, o produto desenvolveu consideravelmente e hoje mais de 750 fundos diferentes operam nos Estados Unidos. As negociações de suas cotas representam atualmente mais de 20% do volume negociado em bolsa.

No Brasil, a instrução CVM 359, de 22 de janeiro de 2002, abria a possibilidade de existência de fundos ETFs, porém foi só em agosto de 2004 que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em conjunto com o Itaú, lançou o primeiro ETF nacional: o PIBB11. A trajetória do PIBB11 tem sido de extremo sucesso, com desempenho praticamente idêntico ao do índice que ele se propõe a acompanhar. Veja o gráfico:



Quem tivesse investido R\$ 100 em PIBB 11 em 2004 teria no dia 31 de dezembro de 2012 R\$ 346,81. O valor corrigido pelo IBRX50 é de R\$ 345,72 e, pelo IBOVESPA, de R\$ 285,93.

Clubes de investimento

É uma aplicação financeira criada por um grupo de pessoas que desejam investir seu dinheiro em ações. Essas pessoas costumam ter alguma afinidade: podem ser empregados de uma mesma empresa, professores, metalúrgicos, médicos, universitários, donas de casa, moradores de um condomínio, aposentados e assim por diante.

Assim como os fundos, os clubes de investimento também possuem um administrador, que pode ser alguma corretora de valores credenciada na BM&FBovespa ou membros do próprio clube.

Para quem quer começar no mercado de ações, os clubes costumam ser um bom caminho. Veja as principais vantagens de se participar de um clube de investimento:

- › Você pode influenciar a gestão da carteira – se você optar por um fundo, sua participação na gestão dos investimentos será bem mais restrita.
- › Qualquer pessoa pode aplicar, mesmo que não tenha alto valor de recursos. São, no mínimo, três e, no máximo, 150 participantes. Quando os clubes são criados por pessoas com elo em comum como funcionários de uma empresa, por exemplo, não é estipulado limite de participantes.

- › A carteira é mais flexível e bastante diversificada, podendo ser ajustada a seu perfil e ao de seus colegas investidores.

- › A taxa de administração é mais baixa porque a estrutura de gestão é mais simples que a de um fundo.

- › Os custos são menores, pois não há encargos com auditorias e fiscalização da CVM.

O participante do clube recebe um extrato, semelhante ao bancário, com toda a movimentação do clube. O extrato contém informações, como o valor do patrimônio do clube, o número de cotas, o valor da cota, o rendimento da cota no período, a participação do acionista no total do clube.

Você também pode montar seu próprio clube de investimento.

Veja como é fácil:

1. Procure uma corretora de valores. O site da BM&FBovespa (www.bmfbovespa.com.br) traz uma listagem de todas as credenciadas. Essas instituições dão todas as orientações sobre como criar o clube e também orientam na escolha das ações a serem compradas. Todas as decisões do clube serão concretizadas por meio da corretora que você escolher.

2. Defina a quantidade e o valor de cada cota do clube. Os participantes decidem quantas cotas cada um tem que comprar e quanto dinheiro cada membro pode investir no clube. Ninguém pode ter mais de 40% das cotas.

3. Prepare o estatuto do clube com o auxílio da corretora. Cada participante do clube preenche um cadastro e anexa cópia de seus documentos. Esses dados devem ser enviados à BM&FBovespa.

4. Se tudo estiver correto, o Clube é registrado na BM&FBovespa e, depois, na Receita Federal. A partir de então, vocês podem começar a operar. Os membros do clube decidem onde o dinheiro será aplicado, com a assessoria da corretora, que realizará a transação. De tempos em tempos o clube de investimentos faz uma assembleia para decidir as novas estratégias de aplicação. O participante que quiser sair do clube pode fazer isso no momento em que desejar; basta comunicar à corretora. O valor recebido em cada cota é pago em quatro dias, referente ao preço do dia seguinte ao do pedido de desligamento.

Para ter vantagens fiscais, os clubes de investimento devem seguir as regras estipuladas pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Para pagar apenas 15% de Imposto de Renda, por exemplo, é necessário que o clube tenha 67% do patrimônio investido em ações. Os clubes também podem investir 49% do seu patrimônio em fundos de renda fixa ou títulos públicos e até 30% do patrimônio no **mercado futuro**.

A principal vantagem de se aderir a um clube de investimentos é o aspecto do aprendizado que ele pode gerar. Os bons clubes são aqueles em que os participantes tomam parte nas discussões e decisões de investimentos. Quando a gestão é terceirizada, o aspecto de aprendizagem é comprometido.

Dica

Muitas corretoras ou gestoras de recursos oferecem cotas em clubes de investimentos em que as próprias instituições decidem onde e como aplicar. Nesses grupos, as pessoas não se conhecem e não se encontram para tomar as decisões. Os gestores cobram uma taxa de administração para gerir os investimentos. Então, o clube passa a ser muito parecido com um fundo de investimentos em ações, só que menos fiscalizado.

Alguns gestores costumam movimentar demais a carteira, comprando e vendendo ações constantemente. Isso gera muitas taxas de corretagens, que algumas vezes são divididas entre os gestores e as corretoras.

Os clubes de investimentos são muito bons quando se transformam em uma comunidade de aprendizagem mútua para os participantes, quando todos estão juntos e estudando as decisões a serem tomadas. Se apenas um pequeno grupo tomar as decisões é porque o clube não está cumprindo suas funções. Nesse caso o melhor a fazer é dissolver o clube e cada um cuidar do seu dinheiro de forma individual ou entregar a gestão para um profissional em um fundo de investimentos

MERCADO FUTURO

Mercado futuro | Compra e venda de contratos de commodities, ou ativos financeiros, realizadas em pregão para liquidação em data futura prefixada.

Dica

Os clubes que incentivam investimentos mensais regulares, e não de uma só vez, proporcionam melhores resultados, diminuindo os riscos!

No Capítulo 6 você encontrará mais dicas de como investir em ações, tanto para o caso de você entrar na Bolsa de Valores sozinho quanto no caso de optar por aderir a um clube de investimento.

CAPÍTULO 5

Investimentos em Renda Fixa

Aprenda a comprar títulos da dívida, perca o medo de investir e comece já a acumular seu patrimônio

“Nunca tenha medo de tentar algo novo. Lembre-se de que um amador solitário construiu a arca. Um grande grupo de profissionais construiu o Titanic.”

Sem medo de investir

Muitas vezes nos referimos a gastos como sendo investimentos porque achamos que determinada despesa traz algum tipo de retorno para nós, seja em termos pessoais, seja em termos profissionais. Assim, é comum ouvir um pai dizer que, ao comprar um pacote de viagem para a família, está fazendo um investimento. O pai pensa, logicamente, nos benefícios em termos da experiência de vida que a viagem pode proporcionar. O conceito mais preciso de investimento, porém, é outro. Para a economia, investimento é apenas aquilo que traz retorno financeiro.

Claro que viajar pode ser um excelente destino para seu dinheiro. Gastar não é ruim. O principal motivo para ganhar dinheiro é poder gastar, mas gastar não é investir.

Dessa forma, o objetivo de se investir vai além do que simplesmente manter seu patrimônio. Significa multiplicá-lo. Como vimos nos Capítulos 2 e 3, isso é possível por meio da poupança, que nada mais é do que a semente de sua árvore do dinheiro. Porém, só ter a semente não resolve; você precisa plantar essa semente em terra boa, ou seja, para fazer essa poupança-semente frutificar, é preciso investir seu dinheiro. Fazer sobrar possibilita que você realize investimentos capazes de render juros – e lucros. É uma forma de fazer o dinheiro trabalhar para você, em vez de o contrário.

Talvez você esteja pensando: “ah, mas isso não é para mim. É arriscado demais e eu também não sou rico.” Não se preocupe. Isso é normal. Todos nós temos medo daquilo que nos é desconhecido. Mas nem tudo que não conhecemos representa necessariamente um perigo, não é verdade?

Tendo isso em mente, este capítulo foi especialmente elaborado para você desmitificar muitos de seus conceitos sobre o assunto. Você entenderá que é possível fazer aplicações sem ter rios de dinheiro ou se expor a RISCOS elevados.

Agora que você já aprendeu a se organizar financeiramente e a poupar, verá novas alternativas de investimentos disponíveis no mercado e será capaz de identificar qual delas se enquadra em seu perfil. Diferentemente do

Capítulo 1, que coloca a você o desafio de se conhecer melhor, a proposta neste momento é outra: conheça o **mercado financeiro** e se beneficie disso!

Investir é uma forma de fazer o dinheiro trabalhar para você.

Existem diversos tipos de investimento. Um dos mais conhecidos e utilizados é a compra de um imóvel, que pode gerar lucro por meio de sua valorização ou aluguel. No capítulo anterior, vimos as aplicações coletivas, como fundos de investimentos, planos de previdência e clubes de investimentos. Outra forma, um pouco menos popular, são as aplicações financeiras que você pode fazer diretamente, isso é, sem a intermediação de um gestor de investimentos. Entre essas, pode-se incluir a compra de títulos e ações.

Os investimentos realizados no mercado financeiro geralmente são divididos em duas categorias: renda fixa e renda variável. A primeira refere-se a títulos emitidos pelo governo ou por uma empresa, e a segunda, a ações. Ao realizar a compra dos papéis de renda fixa, você está, na verdade, emprestando dinheiro para seu emissor, que o pagará com juros no dia do título. Já ao adquirir ações, você está comprando pedacinhos da propriedade de uma empresa, que pode ter lucros e dividir isso com você (dividendos) ou ter suas ações valorizadas.

RISCO

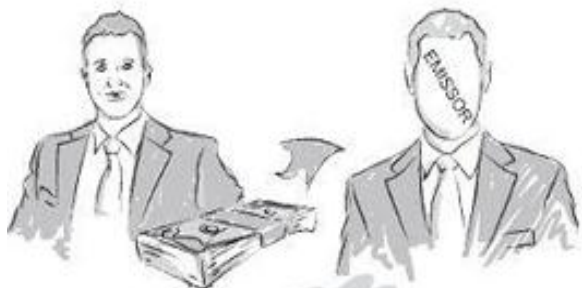
Quanto que um retorno pode variar ao longo do tempo. Risco em finanças não é a possibilidade de algo dar errado, mas a variação ou volatilidade dos possíveis resultados de uma aplicação. Assim, risco pode ser a possibilidade de você perder ou ganhar muito dinheiro.

MERCADO FINANCEIRO

Sistema composto por instrumentos financeiros responsáveis pela troca de recursos entre pessoas, empresas e governos, equilibrando as necessidades de cada um.

Se você investe em...

Renda fixa...



Empresta dinheiro



Recebe juros

Renda variável...



Compra ações de uma empresa



Recebe lucros

Os investimentos de renda fixa podem ter seu ganho dimensionado no momento da aplicação, ao contrário dos ativos de renda variável, cujo retorno não pode ser estimado no instante da compra. Assim, as aplicações em renda fixa são mais estáveis que as de renda variável e, por isso, são consideradas mais conservadoras, ou seja, de menor risco.

Como vimos nos capítulos anteriores, o risco, nesse caso, está associado à volatilidade, ou seja, a quanto um investimento sobe e desce de preço ao longo do tempo. Se você aplicar R\$ 1 mil em ações, a cada dia verá um valor diferente de seus investimentos. Já se aplicar em um título de dívida, raramente terá grandes flutuações no valor de sua aplicação.

Os derivativos são outro tipo de investimento. Tratam-se de ativos em que o preço deriva de outro ativo; por exemplo: o direito de comprar ou vender uma ação ou uma saca de soja por determinado preço em data futura.

Além dos fundos de investimento que vimos no capítulo anterior, existem outras formas de investir em renda fixa, por isso vamos analisar, neste capítulo, formas fáceis e simples de investir, que se tornaram acessíveis e interessantes ao investidor individual nos últimos anos, por oferecer um bom equilíbrio entre rentabilidade, liquidez e segurança: caderneta de poupança, Tesouro Direto, CDB e debêntures. Além disso, dedicamos o próximo capítulo a explicar melhor como funciona a Bolsa de Valores e a como comprar ações via homebroker. Prepare-se para se tornar um investidor sofisticado!

Resumindo...

TIPOS DE INVESTIMENTO	
A) Imóveis	Casa, apartamento, terreno
B) Aplicações financeiras	Renda fixa (mais conservador): títulos públicos e privados; prefixados e pós-fixados; fundos de investimento em renda fixa
	Renda variável (menos conservador): ações fundos de investimento em renda variável
C) Outros	Derivativos

O ideal é que você diversifique seus investimentos e os distribua entre títulos, imóveis, ações e outros, eventualmente.

Na prática

Antes de iniciar um plano de investimentos defina:

1. Seu horizonte de tempo – em quantos meses ou anos você quer acumular o suficiente?
2. Seus objetivos – quanto é suficiente para você? Para que você quer acumular: uma viagem, a casa própria, a aposentadoria? Diferentes objetivos requerem diferentes estratégias.
3. Sua tolerância ao risco – você é capaz de dormir tranquilo com seu dinheiro aplicado em um ativo que aumenta e diminui de preço diariamente, como ocorre com as ações, por exemplo? Existem pessoas que sabem que estão ganhando ao investir, mas não suportam a insegurança de não saberem o exato valor futuro de seus investimentos.
4. Como você irá distribuir seus investimentos — lembre-se da regra dos 70 mostrada no Capítulo 3 para dividir suas aplicações entre ações, renda fixa, imóveis ou outros.

Caderneta de poupança

A caderneta de poupança é uma das mais tradicionais instituições nacionais. Surgiu quando Dom Pedro II criou a Caixa Econômica Federal, por meio do Decreto no 2.723 de 1861 e, na sua esteira, também criou a caderneta de poupança. Desde aquele tempo, já tinha por finalidade “receber, a juro de 6%, as pequenas economias das classes menos abastadas e de assegurar, sob garantia do Governo Imperial, a fiel restituição do que pertencer a cada contribuinte, quando este o reclamar”.

Desde o início, a poupança era o socorro das camadas menos favorecidas da população, para os momentos difíceis ou a reserva para a aposentadoria. Aos escravos também foi dado o direito de ter uma caderneta de poupança.

A caderneta foi um dos poucos portos seguros da poupança no longo período inflacionário brasileiro. Entre agosto de 1964 e junho de 1994, a caderneta de poupança repunha a inflação do período passado e pagava ainda juros de 0,5% ao mês. Ou seja, quem tivesse dinheiro na poupança estava protegido da inflação.

Esse instrumento de indexação da poupança pode ter servido para prolongar a inflação, mas certamente também foi fundamental para a sobrevivência das economias das camadas mais humildes da população durante aqueles anos difíceis. A credibilidade da poupança só foi arranhada com a redução da correção monetária durante o Plano Cruzado. E, depois, pelo duro golpe do congelamento da liquidez durante o Plano Collor.

Mesmo com esses pequenos percalços, a caderneta ainda mantém a aura de porto seguro da poupança dos mais humildes. Mas sempre atraiu também um pequeno percentual de pessoas do topo da pirâmide social, devido à qualidade e segurança – garantida pelo Fundo Garantidor de Crédito até o limite de R\$ 60 mil por CPF.

Os milhões de poupadores que depositam as economias na caderneta de poupança, em geral, têm menos informação e disposição para buscar investimentos mais arrojados. São aplicadores que raramente fazem grandes movimentos de entrada e saída de recursos.

Esse comportamento estável dos pequenos poupadores não se repete nas camadas mais abastadas e informadas da população. Os grandes investidores normalmente mudam rapidamente de uma aplicação para outra quando as condições da economia se alteram. Quando a poupança se torna atrativa, grandes volumes de dinheiro migram para esta aplicação. E se a condição muda, esses recursos saem rapidamente em busca de melhor remuneração.

Como os recursos da poupança devem ser aplicados preponderantemente no financiamento imobiliário, que é tipicamente uma aplicação de longo prazo, essa entrada e saída de grandes somas de recursos pode desestabilizar o sistema.

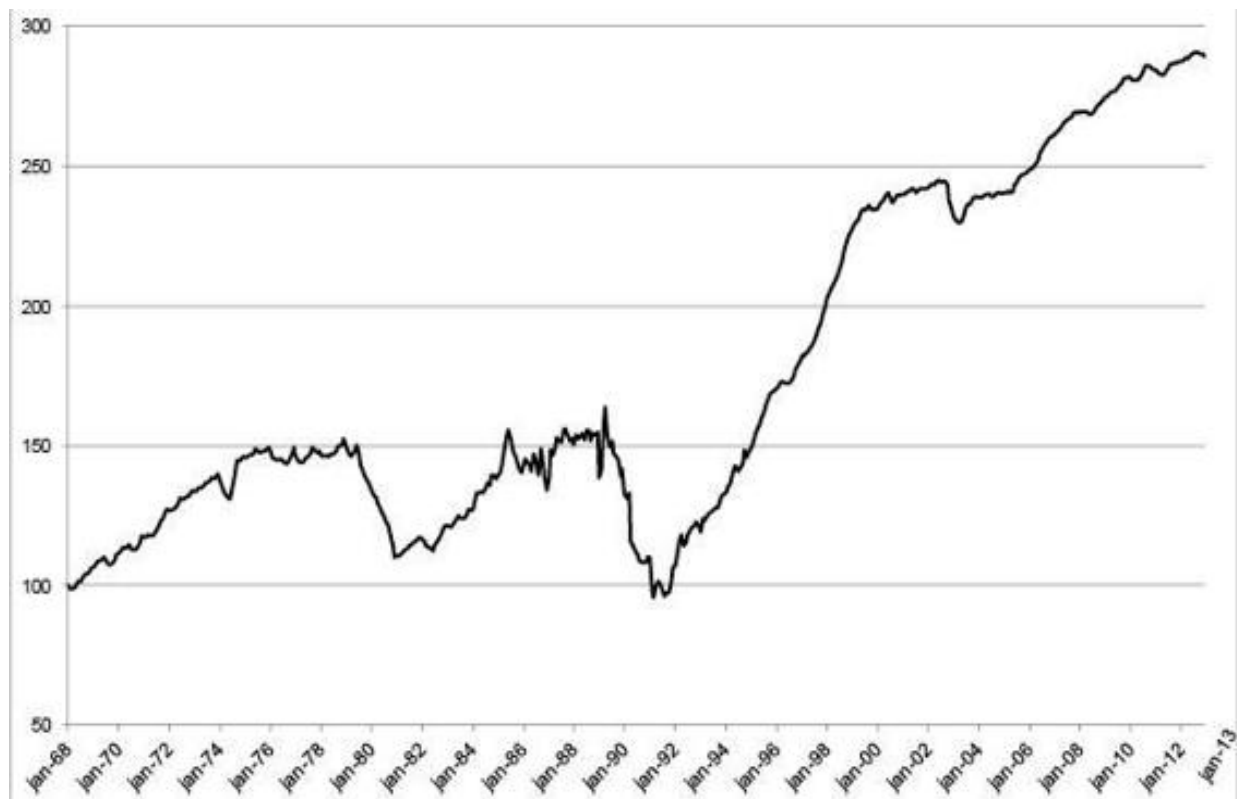
Isso ocorreu em 2009. Com a grande queda das taxas de juros, a caderneta de poupança passou a competir com fundos de investimentos e títulos públicos.

A existência de uma aplicação com mais liquidez, mais segurança, mais simplicidade e maior rentabilidade que as demais categorias de investimentos faz com que todos os investidores a procurem. É o que em finanças se denomina de “investimento dominante”. Isso gera instabilidade no sistema de financiamento habitacional e dificulta o financiamento público.

Em 2012 a forma de remuneração da caderneta de poupança foi alterada. Em vez dos fixos 6,17% ao ano mais TR, sempre que a Selic estiver em 8,5% ou menos a poupança remunera a 70% do valor da taxa Selic, mais TR.

No gráfico seguinte pode-se ver o que aconteceria com o dinheiro de alguém que tivesse investido R\$ 100,00 na caderneta de poupança em janeiro de 1968. Para efeito de comparação, foi subtraída da moeda brasileira a inflação medida pela fundação Getulio Vargas por meio do Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) de janeiro de 1968 a dezembro de 1979 e IGP-M do IBGE após esta data¹.

Rentabilidade acumulada da caderneta de poupança deflacionada IGPDI-FGV – 01/1968 até 12/1979 e IPCA IBGE 01/1980 até 12/2012



Ao longo dos últimos 45 anos, a rentabilidade real (já descontada a inflação) foi de 289% ou 3,06% ao ano em média.

No geral, a caderneta paga os juros na data de aniversário, definida em determinado dia do mês. Só irá render aquele dinheiro que ficou parado na conta entre dois aniversários, ou um mês completo. Mesmo os bancos que oferecem cadernetas com múltiplos aniversários somente pagam os juros se o dinheiro ficar depositado desde o último aniversário da conta. Você pode sacar o dinheiro da poupança antes do aniversário, mas não receberá os juros mensais referentes à aplicação do valor sacado. O rendimento da caderneta de poupança costuma ser igual em todos os bancos.

A caderneta de poupança sempre foi um instrumento simples e seguro. Por essa razão, é a aplicação mais popular do País. Seu uso é indicado principalmente para a formação da chamada reserva de emergência. Como ninguém está livre de ter imprevistos financeiros na vida, manter uma pequena quantia na caderneta de poupança permite ter dinheiro disponível para o saque imediato em caso de emergência. Assim, a reserva de três a seis vezes o valor de seus gastos mensais na poupança pode ser uma boa

alternativa para evitar empréstimos de última hora, que, geralmente, custam muito caro.

Muitos adquirem cadernetas de poupança para os filhos, acreditando que é a melhor forma de investir o dinheiro do estudo deles. A julgar pelos dados de longo prazo, essa não é a melhor aplicação, pois existem alternativas mais atraentes, como veremos a seguir.

¹ Para efeito de comparação: usando os mesmos critérios do exemplo demonstrado no gráfico, se a aplicação dos R\$ 100,00 tivesse sido feita na Bolsa de Valores, o investimento teria crescido 47 vezes – tomando como base o Ibovespa.

Tesouro Direto

1. O que é?

Tesouro Direto é um programa de venda de títulos públicos a pessoas físicas via internet, desenvolvido pelo Tesouro Nacional em parceria com a Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia. Comprando esses papéis, o governo passa a ser seu devedor e se compromete a pagar o empréstimo mais os juros decorrentes dele na data de vencimento ou de resgate do título. Essa é uma forma de a União regular a oferta de moeda no mercado e também de conseguir recursos para financiar atividades do governo federal, como educação, saúde e infraestrutura.

Antes do sistema ser criado, em 2002, as pessoas físicas compravam títulos públicos apenas indiretamente, por meio da aquisição de cotas de fundos de investimento. Apenas instituições financeiras, ou seja, grandes especialistas no mercado podiam comprar títulos do governo. Hoje, temos essa opção de investimento sem a necessidade de intermediação de um gestor profissional nas negociações. Com a administração direta de seus recursos, por meio de um banco ou corretora de valores, você mesmo pode adequar os prazos e indexadores dos títulos a seus interesses e ficar livre das altas taxas de administração.

Veja outras vantagens do Tesouro Direto:

› Baixo custo – alguns títulos custam menos de R\$ 1 mil. Mas o valor mínimo que você precisa desembolsar para investir no Tesouro Direto é inferior a R\$ 100, porque você pode adquirir apenas uma

fração de, no mínimo, 10% do preço total de um título – desde que o valor mínimo da compra seja R\$ 30.

› Liquidez do investimento – o resgate dos títulos é feito automaticamente na data do vencimento, mas estes podem ser colocados à venda antes, pelo preço do mercado. Você poderá vender seus títulos todas as quartas-feiras, também em frações.

› Rentabilidade elevada – os rendimentos, para investimentos de valores não muito elevados, são superiores aos das demais aplicações financeiras equivalentes disponíveis no mercado.

› Segurança – o risco de que a União não pague os títulos é muito baixo, ou seja, esse investimento é 100% garantido pelo governo federal.

› Opções de investimento – cinco tipos de títulos, com taxas pré ou pós-fixadas e datas de vencimento a curto, médio e longo prazos.

› Diferencial – reduzidas taxas de administração e de custódia e Imposto de Renda cobrado somente no momento da venda, vencimento do título ou pagamento dos juros intermediários.

› Comodidade e fácil acesso – tudo realizado com segurança via internet.

2. Como começar?

Os pré-requisitos são simples: viver no Brasil, ter Cadastro de Pessoa Física (CPF) e uma conta-corrente. Depois de atender a essas exigências, você precisa se cadastrar em um dos chamados agentes de custódia habilitados pelo Tesouro. Há uma lista dessas instituições no site www.tesourodireto.gov.br. Entre elas, estão o Itaú, Bradesco, Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal, além de várias corretoras de valores.

Você deve contatar o agente de sua preferência, dizer que gostaria de investir em Tesouro Direto, passar a documentação solicitada para ser cadastrado no sistema e abrir uma conta investimento. A maioria dos agentes de custódia permite que você se cadastre diretamente no site da instituição.

Atenção

As taxas de custódia cobradas por cada agente variam.

Itaú – 0,5%
Banco do Brasil – 0,5%
Caixa Econômica Federal – 0,4%
INVESTSHOP – 0,35%
Demais corretoras – de 0% a 2%

Atenção: dados de janeiro de 2013. Valores passíveis de alteração. O Ranking Mensal de Taxas dos Agentes de Custódia é publicado no site do Tesouro Direto.
*Valores referentes ao ano e incidentes sobre o valor da aplicação no momento de compra.

Cuidado

Alguns **agentes de custódia** cobram valores extremamente elevados, que destroem a rentabilidade dos investimentos. Pesquise bem o valor dessas taxas antes de começar a aplicar.

Caso você tenha escolhido um banco, não fique assustado se, na hora de conversar com o gerente, ele nem mesmo souber do que trata o Tesouro Direto. É normal isso acontecer. Além de ser uma opção de investimento relativamente nova, os bancos não têm tanto interesse em que seus clientes migrem para esse tipo de aplicação e, assim, fujam das lucrativas taxas que podem ganhar de você caso decida comprar fundos de investimentos ou um plano de capitalização, por exemplo.

AGENTES DE CUSTÓDIA

Banco ou corretora que irá custodiar, ou seja, guardar, tomar conta de seu investimento. Em troca, o agente recebe um pagamento pelo serviço, chamado de taxa de custódia.

Na prática

Uma vez já cadastrado no agente de custódia, este o habilita a entrar no programa do Tesouro Direto. Em seguida, o sistema envia um e-mail a você, comunicando sua senha para entrar no programa. Depois de confirmá-la no primeiro acesso ao site, você está pronto para operar no Tesouro Direto.

Dica

Na hora de escolher seu agente de custódia, você pode começar por procurar um banco em que já tenha conta-corrente. Lembre-se de verificar quanto seu banco cobra de taxa de custódia. Se a taxa for muito elevada, vale a pena buscar alternativa mais barata para investir em títulos públicos.

Pode ser que, neste momento, você já esteja ficando um pouco cansado de tantos detalhes técnicos e pensando “isso é muito complicado”. Nada disso. Pense em como é complicado andar de bicicleta, subir uma escada ou dirigir

para quem nunca fez essas atividades antes. E você não faz isso todos os dias com enorme facilidade?

Para quase todas as coisas da vida, a primeira vez é sempre um desafio. Entretanto, vencida a barreira inicial, tudo se torna muito simples. A rigor, qualquer pessoa que consiga comprar um livro pela internet é capaz de comprar um título público.

Vamos pensar que você estivesse entrando em uma livraria pela primeira vez e não conhecesse nenhum autor ou título disponível. No caso de comprar um livro, qual seria seu primeiro desafio? Escolher qual livro comprar, não é?

Da mesma forma, com os títulos públicos esse será seu primeiro desafio. Só que, diferentemente das livrarias, você não precisará escolher dentre milhares de títulos. O Tesouro Direto oferece apenas duas dezenas de títulos diferentes, agrupados em quatro categorias².

3. Como escolher um título?

Existem duas grandes categorias de títulos à venda, a dos prefixados e a dos pós-fixados. Os do primeiro tipo são aqueles que permitem a você saber exatamente quanto irá pagar e quanto irá receber no futuro, ou seja, a taxa de juros é conhecida no momento da compra. Com os títulos pós-fixados, a rentabilidade depende da taxa básica de juros da economia (**Selic**) ou de uma taxa de inflação futura.

Na categoria prefixados, existem as LTN (Letras do Tesouro Nacional) e as NTN-F (Notas do Tesouro Nacional – série F). Uma característica desses títulos é que, comprando

um deles, você sabe exatamente a rentabilidade que receberá até a data do vencimento. Por outro lado, você fica sujeito à perda de poder aquisitivo em caso de alta da inflação e pode obter rentabilidade inferior à prevista caso precise vender seu título antes do vencimento. Se a taxa de juros de mercado sobe, você ganha menos. Já com a queda dos juros, a rentabilidade aumenta.

São aplicações para quem tem perfil menos conservador e acredita que pode ganhar mais que o mercado. Esse ganho acima do mercado ocorre

quando se compra um título prefixado e os juros caem mais do que o mercado estava prevendo. No entanto, esse título pode gerar perdas se os juros sobem ou caem menos do que o mercado previa.

Também são uma boa compra para quem tem planos específicos e com data marcada, como uma viagem, e quer saber exatamente quanto terá no final do período. Vamos ver mais sobre eles, um a um.

SELIC

Sigla do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia. É a taxa que reflete o custo do dinheiro para empréstimos bancários, com base na remuneração dos títulos públicos. Também é conhecida como taxa média do over, que regula diariamente as operações interbancárias.

² No dia 1º de janeiro 2013, existiam dez títulos diferentes para a venda.

LTN

As LTN são lançadas sempre tendo R\$ 1 mil como valor de face, que é o valor que o tesouro vai pagar por este título em uma data futura. Então, se você comprar uma LTN 010117, saberá que, no dia primeiro de janeiro de 2017, irá receber do tesouro nacional o valor de R\$ 1 mil.

E você emprestaria R\$ 1 mil hoje ao governo, para receber os mesmos R\$ 1 mil dentro de dois ou três anos? Claro que não. Por isso, o valor que você empresta deve ser menor que R\$ 1 mil. Só assim valerá a pena o empréstimo. Isso quer dizer que as LTN são vendidas por um valor menor do que R\$ 1 mil para poder pagar uma taxa de juros aos aplicadores. Esse desconto entre o valor futuro e o valor atual é o chamado deságio.

Para saber de quanto é o valor que você aplicará para receber R\$ 1 mil no futuro, consulte o site do Tesouro Direto (<https://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto>). Nesse endereço, o Tesouro divulga diariamente o valor das LTN, bem como a taxa de juros que você ganhará se esperar até o dia do vencimento para receber o dinheiro.

Veja um exemplo do preço desses títulos no dia 4 de fevereiro de 2013:

Título	Vencimento	Taxa (a.a.)	Preço Unitário Dia
Prefixados			
LTN 010116	01/01/2016	8,63%	R\$ 786,27
LTN 010117	01/01/2017	8,98%	R\$ 715,01

Como você pode adquirir apenas uma fração de 10% do preço divulgado, precisaria desembolsar no R\$ 71,50 ($R\$ 715,01 \times 10\% = R\$ 71,50$) para comprar a LTN 010117, que vimos no exemplo anterior.

Por serem títulos prefixados, as LTN são boas para investir as economias de quem tem um objetivo concreto em futuro próximo, como aquela poupança para trocar a televisão da sala ou para uma viagem de férias.

Perceba que, como os títulos estão sempre variando de preço, caso você não possa esperar até o vencimento para resgatar o dinheiro do título, poderá ter rentabilidade maior ou menor que aquela que estava prometida no dia da compra.

NTN Série F

Assim como as LTN, as NTN-F valerão R\$ 1 mil no dia do vencimento. A diferença é que esse título paga juros proporcionais a cada semestre. Ou seja, as NTN-F garantem rendimentos fixos de aproximadamente 10% ao ano, mas esse rendimento pode se alterar, uma vez que os títulos podem ser negociados com ágio ou deságio. Isso quer dizer que as NTN-F podem ser vendidas por valor maior ou menor que R\$ 1 mil.

Veja um exemplo do preço destes títulos no dia 4 de fevereiro de 2013:

Título	Vencimento	Taxa (a.a.)	Preço Unitário Dia
Prefixados			
NTNF 010123	01/01/2023	9,54%	R\$ 1.039,13

As NTN-F são ideais para pessoas que já estão consumindo sua poupança. Por exemplo, devem comprar esses títulos aquelas pessoas que buscam complementação da renda com o lucro de seus investimentos e que acreditam que os juros da economia tendem a cair no futuro.

Um problema desses títulos é que, como eles pagam juros semestrais, o Imposto de Renda é cobrado com alíquota elevada nos primeiros pagamentos, como veremos na sequência.

Nos pós-fixados existem três categorias: as LFT (Letras Financeiras do Tesouro Nacional) e as NTN (Notas do Tesouro Nacional) das séries B e B Principal. Esses títulos são ideais para as pessoas que não querem correr riscos de flutuações na inflação ou na taxa de juros futura. Conheceremos mais de perto as LFT e as NTN-B e NTN-B Principal.

LFT

As LFT são títulos que garantem a seus detentores uma remuneração equivalente à taxa Selic, ou seja, terá a mesma taxa que o governo cobra de um banco que pede dinheiro ao Banco Central ou a mesma taxa que um banco cobra ao emprestar algum valor para o governo.

Esses títulos são uma boa opção para investidores conservadores, que não toleram aplicações que variam muito. Se você pretende comprar a casa própria, por exemplo, e não quer sofrer com flutuações no valor de suas economias, esses títulos são a melhor alternativa de investimento.

Veja um exemplo do preço destes títulos no dia 4 de fevereiro de 2013:

Título	Vencimento	Taxa (a.a.)	Preço Unitário Dia
Indexados à Taxa Selic			
LFT 070317	07/03/2017	-0,01%	R\$ 5.487,11

NTN-B e NTN-B Principal

São títulos corrigidos pelo **IPCA**, indicados para quem quer se proteger da inflação. Apresentam apenas a desvantagem da incerteza quanto à evolução de seu **indexador**. São ideais para quem deseja fazer poupança de médio ou longo prazo, porque são investimentos conservadores.

IPCA

Sigla para Índice de Preços ao Consumidor Ampliado. É o índice de inflação oficial utilizado pelo governo brasileiro.

INDEXADOR

Indicador da variação do poder aquisitivo da moeda (inflação ou deflação), usado para corrigir monetariamente seu valor.

Para quem já acumulou sua reserva financeira, está se aposentando e quer colher os frutos da árvore do dinheiro, é melhor comprar as NTN-B, que pagam juros semestrais. Funciona como se você tivesse um imóvel e recebesse a renda de um aluguel a cada seis meses, por exemplo – e ainda tem a vantagem de ser um patrimônio que não sofre **depreciação**, ao contrário dos imóveis.

Já as pessoas que estão construindo a árvore do dinheiro, ou seja, acumulando para a aposentadoria, e para quem deseja construir um fundo para o estudo dos filhos, a melhor opção é adquirir as NTN-B Principal. Esses títulos acumulam o rendimento e pagam os juros somente na data do vencimento.

Veja um exemplo do preço destes títulos no dia 4 de fevereiro de 2013:

Título	Vencimento	Taxa (a.a.)	Preço Unitário Dia
Indexados ao IPCA			

NTNB Principal 150519	15/05/2019	3,29%	R\$ 1.834,05
NTNB 150820	15/08/2020	3,34%	R\$ 2.695,07
NTNB Principal 150824	15/08/2024	3,79%	R\$ 1.464,30
NTNB 150535	15/05/2035	3,88%	R\$ 2.970,90
NTNB Principal 150535	15/05/2035	4,02%	R\$ 935,97
NTNB 150850	15/08/2050	4,00%	R\$ 3.166,97

Algumas pessoas podem ficar admiradas com os prazos longos de alguns títulos. É normal que você estranhe comprar um título que só vencerá em 2050. Porém, pense na seguinte hipótese: se você decidisse comprar um apartamento para alugar, quando venceria esse investimento? Nunca, ou seja, receberia os aluguéis mensais e, se quisesse o dinheiro de volta, precisaria vender o apartamento. Com os títulos de longo prazo é a mesma coisa: você pode receber seus rendimentos mensais e vender o título quando quiser o dinheiro de volta.

A vantagem é que os títulos não depreciam. E você também pode recuperar pequenas frações do montante total de seu investimento, vendendo partes dos títulos, o que não seria possível fazer se seu dinheiro estivesse aplicado em um imóvel.

DEPRECIÇÃO

Quanto um bem se desvaloriza com o passar do tempo. Por exemplo, um apartamento de 100m² com 20 anos pode custar menos da metade do preço do mesmo imóvel novo. Isso se deve à depreciação que o imóvel sofreu.

Dica

Independentemente do título que você escolher, leve sempre em conta seu horizonte de tempo e seus objetivos. Sempre escolha títulos cujo vencimento esteja próximo da data de realização de suas metas. Se suas metas permitirem, prefira títulos que vencem depois de dois anos, pois, assim, você pagará menos Imposto de Renda

RESUMINDO... ENTENDA CADA UM DOS TÍTULOS

GRUPO	TIPO	CARACTERÍSTICAS
Prefixados (rentabilidade definida no momento da compra)	LTN – Letras do Tesouro Nacional	Cada título é adquirido com deságio e possui o valor de resgate de R\$ 1 mil no vencimento. Forma de pagamento: no vencimento do título.

	NTN-F – Notas do Tesouro Nacional – série F	Os juros são pagos semestralmente e o valor principal, na data do vencimento.
Pós-fixados (rentabilidade definida no vencimento)	LFT – Letras Financeiras do Tesouro	Rentabilidade vinculada à taxa Selic. Forma de pagamento: no vencimento.
	NTN-B – Notas do Tesouro Nacional – série B	Rentabilidade vinculada à variação do IPCA, acrescida de juros definidos no momento da compra. Forma de pagamento: semestralmente (juros) e no vencimento (principal).
	NTN-B Principal – Notas do Tesouro Nacional – série B Principal	Rentabilidade vinculada à variação do IPCA, acrescida de juros definidos no momento da compra. Forma de pagamento: no vencimento (principal e juros).

4. Como comprar?

Agora que você já está habilitado a operar no sistema, pode entrar e sair dele quando quiser. Basta acessar o site do Tesouro Direto em “Invista Já” e digitar seu nome de usuário ou login (seu CPF) e senha, quando solicitados.

Feito isso, o sistema mostra a você uma tela com as opções: consulta de saldo, operações realizadas, compra e venda de títulos.

Não deixe de se cadastrar e conhecer o Tesouro Direto. O cadastro é totalmente gratuito.

TESOURO NACIONAL
Entrada no sistema

Área de acesso exclusivo para investidores cadastrados. Caso você ainda não seja cadastrado, procure alguma das corretoras ou bancos habilitados para comprar títulos públicos.

[Instituições Financeiras Habilitadas](#) [Ranking das Instituições Financeiras](#)

Digite o CPF sem pontos e traços.

Autenticação

CPF/Usuário:

Senha:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	0
!	@	#	\$	%	/	*	-	+	?
Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	P
A	S	D	F	G	H	J	K	L	Ç
Z	X	C	V	B	N	M	limpar	OK	
-	contraste		+	ampliar teclado					

[» Como acessar?](#) [» Problemas para visualizar o teclado?](#) [» Esqueci minha senha](#)

Rentabilidade do título = Variação do indexador + Taxa de juros

Para montar sua carteira de investimentos, basta escolher os títulos, a quantidade a ser comprada em múltiplos de 0,1 e confirmar a compra. Depois disso, não há como cancelar a negociação. Logo em seguida, o sistema do Tesouro Direto informa a data-limite em que o dinheiro para pagar os títulos deve estar na conta de seu agente de custódia. Por isso, é bom entrar em contato com o agente antes para verificar seus dados. Tomando essas medidas, em dois dias úteis depois do pagamento os títulos são seus.

Dica

Para fazer a simulação da rentabilidade dos títulos, consulte a calculadora do Tesouro Direto disponível no site <https://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto>.

Dica

Alguns bancos e corretoras criam dentro de seus sites uma parte dedicada à compra e à venda de títulos públicos. Um exemplo é o Banco do Brasil, maior operador de Tesouro Direto. Esses sites são bastante semelhantes à página do Tesouro Direto. Verifique junto ao agente de custódia escolhido se ele opera dessa forma.

Lembrete

Se você não tem acesso à internet, não se preocupe. É possível comprar e vender títulos da mesma forma. Para isso, você apenas precisa autorizar seu agente de custódia a operar no site do Tesouro Direto em seu nome, solicitando as operações pessoalmente ou por telefone.

Variação de preços

Embora os títulos tenham seus preços fixados no momento da compra, seu valor costuma variar até a data de seu vencimento. Nos títulos prefixados, como as LTN, o preço cai quando os juros aumentam. Ainda assim, o valor do resgate continuará sendo de R\$ 1 mil. Contudo, se os juros caem, os preços das LTN aumentam.

Com os títulos pós-fixados, ocorre o contrário. O preço das LFT não se altera com o aumento dos juros, pois estão diretamente atrelados à Selic. Sendo assim, se você acha que a economia irá se estabilizar (que os juros cairão), compre títulos prefixados. Caso contrário, compre títulos pós-fixados. Vale lembrar que quem define os preços é a média do mercado, segundo as teorias que vimos no Capítulo 3.

Quanto maior o prazo dos títulos públicos prefixados, mais o valor presente do título varia quando os juros se alteram.

Vejamos um exemplo da NTN-B Principal com vencimento em 15/08/2024.



Sendo assim, mais importante do que tentar adivinhar qual título renderá mais, é adequar o título às suas metas. Lembre-se de que o preço é resultado de milhares de negócios – em sua imensa maioria executados por gestores de fundos de investimentos e previdência. Dessa forma, é bastante difícil achar um título com preço incorreto e que permita ganhos especulativos.

5. Como vender?

O Tesouro Direto realiza recompras toda semana, entre as 9h das quartas-feiras e 5h das quintas-feiras. Você pode esperar o vencimento de seus títulos ou vendê-los pelo preço do mercado antes da data de resgate. Essa última opção pode ser vantajosa se sua aplicação já atingiu rentabilidade considerada suficiente por você para alcançar seus objetivos.

EXEMPLO:

Carlos comprou 48 títulos LTN por um valor unitário de R\$ 786,27 (valor total R\$ 37.740,96) e pagou as taxas de seu agente de custódia e da CBLC no valor de R\$ 301,97. O objetivo de Carlos era conseguir R\$ 48 mil para trocar de carro em três anos, porém se daqui a dois anos ele encontrar o carro de seus sonhos em promoção por R\$ 44 mil, por exemplo, Carlos poderá vender suas LTN antecipadamente e realizar o sonho.

6. Controle

O sistema do Tesouro Direto armazena um histórico de todas as compras que você já fez e mostra um extrato mensal para você ter controle sobre suas operações com os títulos. O acesso a esses dados também pode ser feito pelos sites de bancos e corretoras que fazem o mesmo papel do sistema do Tesouro.

7. Custos

Os custos dessas operações são os seguintes:

- a. No momento da compra do título, é cobrada uma taxa de negociação de 0,10% sobre o valor da operação.

- b. Há também uma taxa de custódia da BM&FBovespa de 0,30% ao ano sobre o valor dos títulos, referente aos serviços de guarda dos títulos e às informações e movimentações dos saldos, que é cobrada semestralmente, no primeiro dia útil de janeiro ou de julho, ou na ocorrência de um evento de custódia (pagamento de juros, venda ou vencimento do título), o que ocorrer

primeiro. Essa taxa é cobrada proporcionalmente ao período em que o investidor mantiver o título, e é calculada até o saldo de R\$ 1,5 milhão por conta de custódia. No caso em que, no semestre, a soma do valor da taxa de custódia da BM&FBovespa e da taxa do Agente de Custódia for inferior a R\$ 10, o valor das taxas será acumulado para a cobrança no semestre seguinte, no primeiro dia útil de janeiro ou de julho, ou na ocorrência de um evento de custódia (pagamento de juros, venda ou vencimento do título), o que ocorrer primeiro. contratação. A maior parte dos agentes cobra entre 0,25% e 0,50% ao ano. Mas existem agentes que cobram muito mais do que isso e também agentes que não cobram custódia nos títulos, como forma de tentar conquistar clientes para outras aplicações. Assim, no momento da operação de compra, o investidor pagará o valor da transação (preço unitário do título vezes a quantidade adquirida) mais 0,10% sobre o valor da transação (taxa de negociação BM&FBovespa), mais a taxa do Agente de Custódia referente ao primeiro ano de custódia. Caso o título tenha vencimento inferior a um ano, a taxa do agente de custódia será proporcional ao prazo do título. A taxa de custódia da BM&FBovespa (0,3% ao ano) será provisionada diariamente a partir da liquidação da operação de compra (D+2).

Imposto de Renda (sobre o lucro):

22,5% em aplicações com prazo de até 180 dias.

20% em aplicações com prazo de 181 dias até 360 dias.

17,5% em aplicações com prazo de 361 dias até 720 dias.

15% em aplicações com prazo acima de 720 dias.

Vale a pena fazer investimentos com prazo superior a dois anos.

Há também o IOF, que é cobrado somente quando o período de aplicação é inferior a 30 dias.

Viu como é vantajoso e simples investir? Como você percebeu, não é preciso ser um analista financeiro, nem ter muito dinheiro.

No final de 2012 existiam 328 mil investidores cadastrados no Tesouro Direto. Estes investidores detinham um estoque de títulos no valor de R\$ 9,58 bilhões. Desde sua criação, o número de investidores no Tesouro Direto não parou de crescer. Agora é sua vez!

COMPANHIA BRASILEIRA DE LIQUIDAÇÃO E CUSTÓDIA (CBLC)

Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia (CBLC)

É uma empresa pertencente aos participantes do mercado brasileiro. É a CBLC que liquida as operações para o mercado de ações e de títulos de renda fixa privada no Brasil. Também é responsável pela administração e operação dos sistemas do Tesouro Direto.

Saiba mais

O longo processo inflacionário brasileiro e, posteriormente, o Plano Real direcionaram a maior parte da poupança interna para os títulos públicos. Esse tipo de aplicação dominou o mercado por seu baixíssimo risco e elevada remuneração. Durante os anos 90, os fundos de renda fixa e os fundos de pensão tinham suas carteiras quase integralmente compostas por esses títulos.

Os bancos lançaram fundos lastreados em títulos públicos que cobravam elevadas taxas de administração, mas, como os títulos ofereciam boa remuneração, as pessoas que compravam cotas desses fundos não se preocupavam muito em pagar taxas elevadas aos bancos.

Com a consolidação da estabilidade econômica e o equacionamento das dívidas interna e externa brasileiras, as taxas de rentabilidade dos títulos públicos diminuíram. Com isso, a taxa de administração dos fundos passou a ter peso muito importante na remuneração final dos títulos. Foi então que surgiu o Tesouro Direto.

Agora, com a queda dos juros dos títulos públicos, muitos instrumentos privados de dívidas surgirão. Novos instrumentos de captação privados são muito bons para o País, porém comprar títulos privados é algo que exige mais atenção e conhecimento dos aplicadores sobre os riscos.

CDB

Os Certificados de Depósito Bancário (CDB) são títulos emitidos pelos bancos, que pagam taxas de juros no vencimento. Comprar CDBs é como emprestar dinheiro ao banco. O banco paga determinada taxa de juros para você e usa esse dinheiro para conceder empréstimos para outras pessoas, cobrando delas uma taxa de juros maior. A taxa de juros pode ser pré ou pós-fixada.

CDB prefixado: você sabe antecipadamente qual taxa de juros irá receber no vencimento desse papel. São títulos com prazo mínimo de 30, 60 ou 90 dias, podendo ser negociados antes do vencimento.

CDB pós-fixado: o valor do ganho é determinado no final do período e as taxas de juros têm como referência os juros praticados entre os bancos, nos Certificados de Depósitos Interbancários (CDI), os quais os bancos usam para emprestar dinheiro entre eles. A remuneração do CDB pós-fixado costuma ser de 80% a 100% do CDI, variando de acordo com o porte do banco e com o relacionamento do cliente. Como o CDI oscila de acordo com a taxa Selic, quanto maior essa taxa, maior o seu rendimento mensal. Esse papel é mais adequado para quem espera o aumento da inflação.

CDB com Swap: são títulos que podem ser negociados com remuneração tanto prefixada quanto pós-fixada. Variam de acordo com o desempenho de indicadores como taxa Selic, taxa cambial ou CDI. Os montantes mínimos de investimento costumam ser superiores às modalidades anteriores, geralmente acima de R\$ 100 mil.

Custos

Quem investe em CDB paga o Imposto de Renda sobre uma porcentagem do rendimento que varia de 15% a 22,5%, da mesma forma como o título público.

Como investir

Você pode comprar CDBs diretamente em sua agência bancária ou nos canais de comunicação de seu banco, como telefone e internet. É comum os bancos pagarem juros maiores para as maiores aplicações. As taxas prefixadas têm relação com a expectativa de juros futuros, em geral um pouco abaixo da Selic. Os juros são calculados com base em dias úteis.

Debêntures

Quando as empresas precisam tomar empréstimos no mercado, emitem esses títulos de renda fixa. Se você compra debêntures, está emprestando dinheiro para a empresa que as emitiu. As companhias podem fazer lançamentos de debêntures de forma particular ou pública. O prazo de vencimento e a remuneração são preestabelecidos e os ativos da empresa que emitiu os títulos podem ser dados como garantia.

O principal atrativo são os juros que as empresas pagam, que normalmente são altos. Mas os riscos também são grandes, pois a empresa pode vir a não quitar a dívida. Quando se trata de uma grande empresa de capital aberto (que tem suas ações na Bolsa), as chances disso ocorrer são poucas. É que essas companhias emitem balanços trimestrais que são divulgados para o conhecimento de todos. Assim, é possível saber se a empresa anda bem ou não. As debêntures não dão direito aos lucros da empresa, como acontece com as ações.

Como comprar

Se você adquirir os títulos em bancos, corretoras e outras instituições financeiras, por intermédio de oferta pública, há a possibilidade de negociar o papel com outros investidores. Já na venda direta, você deve ficar com o papel até a data estipulada para o vencimento.

A remuneração pode ser prefixada ou composta por juros estabelecidos, mais um índice de referência como juros mais a inflação definida pelo **IGP-M**, por exemplo. A valorização dos títulos também interfere na rentabilidade.

Quando você compra o título, ele tem prazo estipulado para vencer, normalmente de dois a três anos. Se você quiser resgatar o valor antes desse período, dependerá do interesse de outros investidores em comprar a debênture. Também existem tipos de debêntures que podem ser convertidas em ações da empresa emitente

Tributação

Caso você resgate o valor do título em menos de 30 dias, também pagará o Imposto sobre Operações de Crédito, Câmbio e Seguro (IOF). Esses impostos são descontados diretamente de sua conta bancária.

IGP-M

Sigla para Índice Geral dos Preços do Mercado. É outro índice de inflação, bastante utilizado.

Comece já!

Agora que você aprendeu mais sobre renda fixa, não deixe para depois o investimento de sua poupança e comece logo a regar sua árvore do dinheiro. Os títulos de renda fixa deverão representar parte importante de suas aplicações. Se você esqueceu da regra dos 70, volte ao Capítulo 3 e verifique o percentual de investimento em renda fixa ideal para sua carteira.

Veremos no próximo capítulo que, além de investir em renda fixa, você deve aplicar em renda variável para fazer com que o dinheiro trabalhe por você. Confira como comprar partes de empresas pode fazer crescer bons frutos em sua árvore!

CAPÍTULO 6

Investimentos em Renda Variável

Veja como é fácil investir na Bolsa de Valores e comece já a multiplicar suas economias

“Um investimento em conhecimento sempre oferece o melhor retorno.”

– BENJAMIN FRANKLIN, FILÓSOFO E POLÍTICO AMERICANO.

Renda variável – Bolsa de Valores

Existe um mito de que apenas grandes investidores podem negociar em Bolsa de Valores. Se, no passado, comprar ações era coisa de tubarão grande, hoje a cena mudou. Com o advento da internet e o maior acesso à informação, entrar nesse mercado tem mais a ver com seu grau de interesse nele do que com profundos conhecimentos. Por outro lado, entender alguns conceitos básicos sobre o assunto irá mostrar a você que o mundo financeiro não é nenhum bicho de sete cabeças como parece. Confira!

1. O que é uma Bolsa?

Durante muitos anos, as bolsas se organizaram como associação civil sem fins lucrativos, cujo objetivo principal era manter uma estrutura adequada para o encontro e a interação de seus membros – as **sociedades corretoras**. Em uma bolsa, são realizadas transações de compra e venda de ações em mercado livre e aberto, organizado e fiscalizado pelas próprias corretoras e autoridades monetárias, como a CVM – Comissão de Valores Mobiliários. No Brasil, a única Bolsa de Valores Mobiliários é a BM&FBovespa – Bolsa de Valores de São Paulo. A BM&FBOVESPA é uma companhia de capital aberto formada em 2008 a partir da integração das operações da Bolsa de Valores de São Paulo e da Bolsa de Mercadorias & Futuros. Desde 20 de agosto de 2008 as ações da BM&FBovespa S.A. são negociadas com código BVMF3. Ela é hoje uma das mais modernas e ativas bolsas de valores do mundo, uma das maiores em valor de mercado, a segunda das Américas e líder no continente latino-americano.

CORRETORAS DE VALORES

Sinônimo de corretoras de valores mobiliários. São instituições financeiras que utilizam o espaço virtual da Bolsa para intermediar as negociações entre investidores e empresas.

Você sabia

Segundo alguns historiadores, as Bolsas nasceram em Roma. Para outros, sua origem está na Grécia Antiga, onde comerciantes se reuniam nas maiores praças públicas para tratar de negócios. A primeira Bolsa com as características atuais, porém, surgiu na cidade belga de Bruges, na casa de um senhor chamado Van Der Burse.

De forma romanceada, podemos dizer que a primeira Bolsa surgiu porque vários comerciantes se reuniam em praça pública para negociar títulos de dívida e cotas de empresas e projetos. Quando chovia e fazia frio, o senhor Van Der Burse convidava esses comerciantes amigos seus para a casa dele, onde servia comidas e bebidas.

Imagine o cansaço da anfitriã, a senhora Burse... Supõe-se que, em algum dia, ela tenha protestado de forma veemente contra aquela situação. Qual foi a solução então? Os comerciantes se reuniram e decidiram comprar a casa dos Burse, em forma de condomínio. A família Burse, então, mudou-se e foi inaugurado em sua antiga casa um local privado de negociações. Só podiam entrar na casa aqueles comerciantes que fizessem parte do condomínio – ou seja, somente quem pagou pela residência tinha direito de negociar naquele local.

Atualmente não se negociam mais ações de forma presencial, e sim por meio de um instrumento eletrônico de negociações. E, nesse meio eletrônico, somente as corretoras podem atuar.

Se quiser comprar uma ação, a primeira coisa a fazer é se tornar cliente de uma corretora. Você pode estar perguntando: “não posso comprar ações por intermédio de meu banco?”. A resposta é “não”. Você só pode comprar ações se for cliente de uma corretora. Porém, a maioria dos grandes bancos também possui corretora própria. Assim, uma alternativa é você se tornar cliente da corretora de seu banco.

Dica

Confira uma listagem das corretoras no site da BM&FBovespa: www.bmfbovespa.com.br

Como escolher uma corretora?

Não existe corretora ideal. Cada uma tem suas particularidades e elas precisam ser consideradas. A seguir você encontra algumas dicas de como escolher uma corretora.

1. Solidez e segurança vêm em primeiro lugar. Só aceite negociar com uma corretora membro da BM&FBovespa.

2. Preste atenção nos custos cobrados. Cada corretora tem seus próprios custos. Geralmente cobra-se taxa para manutenção mensal da conta e taxa de corretagem a cada compra ou venda de títulos. Algumas corretoras não cobram pela manutenção da conta. Isso é particularmente importante se você está iniciando seus investimentos, pois esses custos podem comprometer seu rendimento. Há casos de corretoras que cobram percentual decrescente sobre o volume negociado. Assim, quanto maior a quantia negociada, menor o percentual cobrado.

Outras corretoras cobram um valor fixo, independentemente da quantia negociada – algo em torno de R\$ 15 por cada negócio.

3. Comodidade. Escolher a corretora vinculada ao banco do qual você já é cliente pode facilitar as transferências de dinheiro entre a conta-corrente e a conta da corretora.

4. Segregação. Escolher uma corretora diferente da de seu banco dificulta a retirada de dinheiro de seus investimentos quando você se desorganizar em suas contas. Isso pode ser bastante positivo, porque faz você pensar bem mais antes de retirar seus investimentos para cobrir o orçamento mensal ou para consumir algum item supérfluo por impulso.

Escolher uma corretora é como escolher um banco, cada um tem suas vantagens e desvantagens. Existem corretoras que são especializadas em grandes clientes e outras mais especializadas em clientes iniciantes. Algumas oferecem mais serviços com preços maiores, e outras, serviços menos personalizados com preços menores. Escolha com calma, analise bem. Se possível, converse com pessoas que já são clientes da corretora em questão e veja o que elas acham dos serviços prestados.

Após abrir a conta na corretora, você precisa fazer um depósito inicial para poder comprar ações. Essa transferência pode ser feita por um Documento de Ordem de Crédito (DOC), Transferência Eletrônica de Disponível (TED) ou por uma ordem direta, caso a corretora seja vinculada a seu banco.

Tão logo o dinheiro esteja em sua conta da corretora, você já estará pronto para a primeira compra. E então...

Chega a hora de escolher!

Será que você está pronto para iniciar sua vida de investidor?

Esse momento deixa muitos investidores apavorados – e muito provavelmente esse será seu caso.

A primeira coisa a fazer é saber que uma ação é o pedacinho de uma empresa. Ao comprar uma ação, você se torna sócio da empresa em questão. Simples? Nem tanto... Muitas pessoas negociam anos com ações e não aprendem essa poderosa lição. Comprar uma ação é se tornar sócio de uma empresa. Uma ação não é um papel.



2. O que são ações?

Para uma empresa crescer, ela abre seu capital ao mercado por meio da venda de ações. O objetivo disso é fazer com que a empresa conquiste mais sócios ou consiga mais dinheiro para investir.

Ação é um pedaço de uma empresa.

Sendo assim, uma boa estratégia é comprar ações de empresas que você admire. No site da BM&FBovespa (www.bmfbovespa.com.br) existe uma lista das empresas que possuem ações na Bolsa.

Classificação das ações

As ações podem ser:

- › Ordinárias (ON): concedem àqueles que as possuem o poder de voto nas assembleias deliberativas da companhia.
- › Preferenciais (PN): oferecem preferência na distribuição de resultados ou no reembolso do capital em caso de liquidação da companhia. Não concedem ou restringem o direito de voto.

2.1. Por que comprar?

Por dois motivos:

1. Para vender as ações por um preço maior do que quando as comprou.

2. Para participar dos lucros da empresa, que distribui a seus acionistas pelo menos 25% desse valor líquido. São os famosos dividendos.

Em geral, os investidores iniciantes tendem a se concentrar no primeiro motivo. Querem logo descobrir qual a melhor empresa para comprar e qual ação subirá de preço em breve, para poder vender por um valor muito maior do que o que foi pago por ela.

É normal que você também queira comprar a empresa mais barata entre todas e que queira encontrar e comprar a ação que terá maior aumento de preço nos próximos meses.

Saiba que esse não é um desejo apenas dos novatos, mas de muitos investidores. Diariamente, milhares de gestores de fundos de investimentos, muito bem formados e informados, acordam pensando em descobrir de quais empresas devem comprar ações e de quais devem vender.

Depois de muito trabalho de análise, esses gestores passam o dia comprando e vendendo ações. Em grandes bancos, é comum que o gestor de um fundo acabe vendendo algumas ações para gestores de outros fundos da mesma instituição.

E será que esses gestores profissionais sabem qual a melhor empresa para comprar? Se soubessem, os rendimentos dos fundos administrados por eles deveriam ser muito superiores à média do mercado. Mas não é isso o que acontece. Lembre-se do que foi tratado no Capítulo 3 sobre a eficiência do mercado de capitais.

Imagine um mercado de carros onde diariamente ocorrem centenas de milhares de negócios. Nesse lugar todos ficam sabendo instantaneamente os valores das transações e têm informações completas e disponíveis sobre cada carro. Agora imagine que você tivesse que ganhar dinheiro comprando e vendendo carros nesse mercado. Não seria nada fácil, não é?

Assim é o mercado da Bolsa de Valores. Milhares de pessoas tentam ganhar dinheiro comprando e vendendo ações uns para os outros para obter lucros rápidos.

Entretanto, a maior parte dos investidores não está na Bolsa para comprar e vender ações – ou, como em nosso exemplo, para comprar e vender carros. O que a maior parte dos investidores quer é ser dono de partes de algumas

empresas para poder ganhar dinheiro quando estas tiverem lucros. É como se a maior parte das pessoas que fossem ao mercado de carros só quisesse comprar um automóvel para utilizar no seu dia a dia.

Existem dois tipos de negociantes que atuam na Bolsa. O especulador é aquele que compra e vende para lucrar rapidamente. O investidor é alguém que compra para poder aproveitar os frutos das empresas, ou seja, seus dividendos.

Tornar-se investidor é muito fácil, mas ser um bom especulador é algo bastante difícil. Mesmo os grandes especuladores, com vasta experiência, podem algum dia perder quase tudo o que ganharam ao longo da vida.

Sendo assim, será que a melhor forma de você entrar no mercado é tentando ser um especulador? É provável que você concorde que não. A seguir, veremos como você pode se tornar um investidor e lucrar, sendo acionista de grandes e sólidas empresas.

2.2. Por que vender?

Para obter liquidez, ou seja, converter as ações em dinheiro. Uma ação também pode ser vendida quando o investidor avalia que suas perspectivas a médio e longo prazos são relativamente menos favoráveis em comparação com outras ações ou opções de investimento.

A compra e a venda de ações são realizadas por meio de um **pregão**.

PREGÃO

Sessão durante a qual se negociam as ações por meio de transações eletrônicas (pregão eletrônico).

Como se forma o preço

Uma característica que assusta muitas pessoas é a flutuação dos preços das ações. Essa característica afugenta da Bolsa muitos possíveis investidores. Claro que não é fácil, depois de muito esforço e sacrifício para poupar, aceitar ver suas economias caindo 10% ou 15% em um só mês. Porém, a flutuação é resultado da liquidez do investimento, outra característica do mercado de ações.

Imagine que você compre um apartamento e, depois de algum tempo, resolva vender o imóvel. É comum admitir uma espera de vários meses até que se possa converter esse apartamento em dinheiro novamente. Se o preço que você quiser por seu imóvel estiver acima do valor de mercado, é possível que tenha que esperar até mesmo alguns anos para ter o dinheiro na mão.

Na Bolsa de Valores, em todos os dias há ofertas de compra e venda de ações. As ações de empresas consideradas de maior liquidez são negociadas milhares de vezes por dia. Assim, você sempre pode saber quanto conseguiria por seu investimento naquele dia. Isso faz com que os preços fltuem e causem, assim, sensação de insegurança.



Agora imagine que exista um prédio com 1 milhão de apartamentos, todos idênticos. Você compra um desses apartamentos para morar e paga por ele R\$ 150 mil. No elevador desse prédio existe um painel onde são registrados todos os negócios feitos por qualquer proprietário. Por uma regra especial, todos os preços dos apartamentos negociados devem ser publicados naquele espaço. E todas as ofertas de compra e venda também devem ser listadas, antes, no painel.

Suponha que, um dia, você chega à sua casa e vê que um apartamento foi vendido por R\$ 140 mil. O que você faz? Coloca seu apartamento à venda por R\$ 138 mil ou continua morando nele e vivendo sua vida normalmente? E se, em outro dia, você vir que outro apartamento foi vendido por R\$165 mil? Será que você abre um champanhe para comemorar a valorização do investimento?

Depois de algum tempo, a maioria dos proprietários possivelmente não prestaria mais atenção à flutuação dos preços. Mas se em determinado dia você visse uma oferta muito barata e resolvesse comprar o apartamento para vender em um momento mais propício? Você estaria se tornando alguém que comprou o apartamento não para morar ou alugar o imóvel, mas para ganhar com a oscilação dos preços. Você seria, então, um especulador.

Será que a existência da cotação diária tornaria o investimento nesses apartamentos mais arriscado do que em outros edifícios? Claro que não. Porém, a sensação dos proprietários de imóveis seria de um leve desconforto ao ver que, em certos dias, um apartamento igual ao seu estaria sendo vendido por um preço muito inferior ao que seu imóvel valia quando foi comprado.

Esse exemplo hipotético ilustra como funciona a formação de preços na Bolsa de Valores. Muitos investidores não se preocupam com as flutuações de preços, pois estão mais interessados em ser sócios dos lucros das empresas. Diariamente, em média apenas um em cada mil investidores negocia suas ações. É como se, naquele prédio imaginário, apenas dez apartamentos fossem negociados todo dia.

Assim como no prédio havia o painel no elevador com as cotações dos preços dos apartamentos, na Bolsa de Valores existe um sistema para negociar ações.

PETR4		19,22		+2,40%	
Volume do dia: 524.575.964		Nº Negócios: 34.831			
Livro de Ofertas - PETR4		Papel: PETR4		CONSULTAR ATUALIZAR	
Ofertas de Compra			Ofertas de Venda		
Corretora	Quantidade	Compra	Venda	Quantidade	Corretora
227	7.900	19,21	19,23	200	40
3	1.000	19,21	19,23	5.000	45
227	1.000	19,21	19,23	400	8
45	5.900	19,21	19,23	600	8
77	100	19,21	19,23	200	40
92	2.900	19,20	19,23	500	40
129	5.000	19,20	19,23	400	8
129	5.000	19,20	19,23	400	8
735	1.000	19,20	19,24	300	23
77	200	19,21	19,24	500	115
8	1.400	19,21	19,25	6.100	45
8	2.000	19,21	19,27	10.000	8
45	6.000	19,16	19,28	8.000	8
54	2.000	19,15	19,29	10.800	45

Veja nesse exemplo as negociações das ações da Petrobras PN. O último negócio foi feito a R\$ 19,22, a maior oferta era para comprar 7.900 ações ao preço unitário de R\$ 19,21 e para vender a menor oferta era feita a R\$ 19,23. Nesse momento não ocorre negócio, pois existe uma diferença entre a maior oferta de compra e a menor oferta de venda. O negócio é fechado sempre que essas cotações se igualam.

No lado esquerdo, as ofertas de compra são colocadas na tabela em ordem decrescente, do maior valor que alguém esteja disposto a pagar até ao menor valor ofertado. Já no lado direito, nas ofertas de venda, os preços são alinhados do menor para o maior. Os menores preços sempre vêm à frente da coluna de venda. Se alguém colocasse uma oferta de venda a R\$ 19,22, ficaria no primeiro lugar da fila, e se colocasse a oferta a R\$ 19,21 venderia no mesmo instante, pois encontraria uma oferta de compra no mesmo valor.

Observe que, se na próxima negociação as ações da Petrobras forem vendidas a um valor menor que no negócio anterior – ou seja, se a próxima venda for feita a R\$ 19,21 – a impressão que se teria é de que todo o valor de mercado da empresa caiu. Na realidade, isso não é de todo verdadeiro.

Voltando ao exemplo do prédio, suponha que uma pessoa precise muito vender um apartamento e que tenha que aceitar uma proposta de R\$ 140 mil. Será que poderíamos comprar todos os apartamentos pelo mesmo valor? Não. Mas o preço de mercado de todos os apartamentos ficaria sendo de R\$ 140 mil. E, assim, os demais proprietários teriam a impressão de que seu investimento desvalorizou e também de que é muito arriscado.



Os donos dos apartamentos daquele prédio são como grande parte dos proprietários de ações. Muitos gostam apenas de morar lá ou de ter uma renda mensal com o aluguel do imóvel, assim como muitos investidores da Bolsa querem, simplesmente, ganhar os dividendos que as empresas pagam e participar do crescimento das empresas.

Para essas pessoas, as cotações da Bolsa não geram sobressaltos diários. Para eles, as cotações são meros indicadores de longo prazo. Quando as cotações de suas empresas começam a cair, enquanto as outras sobem, eles verificam se há algo errado com a empresa. Caso vejam algum problema, avaliam se não está na hora de sair do investimento. Para os investidores, grandes quedas nas cotações não são momento de pavor, mas momento de ir às compras.

Você sabia

A duas quadras da Bolsa de Valores de Nova York (New York Stock Exchange – NYSE) fica a estátua de um touro de bronze. A escultura, de 3,2 toneladas, é conhecida como Charging Bull e foi criada pelo artista Arturo di Modica. Ele gastou 360 mil dólares com a obra e decidiu instalá-la em frente à bolsa de valores de Nova York em 1989. A prefeitura da cidade preferiu remover a escultura e a depositou duas quadras ao sul, na praça Bowling Green, onde permanece até hoje.

O touro simboliza o mercado em alta. Já a figura de um urso simboliza o mercado em baixa. Esses símbolos se originaram no início de século XX, quando eram realizadas lutas entre ursos e touros nos Estados Unidos. Nessas lutas, o touro ataca com movimentos de baixo para cima. Já o urso ataca com movimentos de cima para baixo. Assim, quando predomina a oferta e o preço dos papéis sofre queda, é comum os analistas dizerem que é o mercado do urso (“bear market”) em ação. Já se a demanda predomina e a Bolsa sobe, é o mercado do touro (“bull market”) que está prevalecendo.

Investindo em ações

O primeiro passo para entrar na Bolsa é criar uma conta em uma corretora. Tenha o cuidado de escolher uma corretora cadastrada na CVM e na Bolsa de Valores. Depois de vinculado a uma dessas sociedades, você terá acesso a informações confiáveis sobre as empresas e poderá fazer seus negócios via internet, por meio do homebroker. Outra medida essencial, antes de investir, é estudar o mercado e montar uma estratégia.

Para entrar na Bolsa, você pode escolher entre as duas estratégias típicas dos negociantes de ações, que já foram apresentadas nesse capítulo: ser um investidor ou ser um especulador.

As estratégias mais recomendadas para um investidor são:

1. Investir regularmente – todo mês você deve comprar ações, pois assim sua carteira refletirá a média dos custos passados. Se sua corretora tiver um mecanismo de investimentos programados automáticos, esta tarefa fica muito mais fácil.

2. Reinvestir todos os lucros e dividendos – enquanto estiver construindo seu patrimônio, você deve, além de investir um pouco todo mês, também reinvestir os lucros e dividendos que sua carteira gerar. Quando esses lucros e dividendos

puderem sustentá-lo, é hora de colher os frutos e viver como um investidor.

3. Escolher empresas que participem do Ibovespa ou IBrX – empresas que têm muitos negócios tendem a ter os preços sempre mais próximos de seus valores justos. Empresas com baixa liquidez (poucos negócios) podem ter preços que se desviam dos valores justos.

4. Escolher empresas de acordo com seu perfil – investidores que estão construindo seu patrimônio devem comprar empresas que estão crescendo muito. Essas empresas costumam direcionar grande parte dos lucros para projetos de expansão e, assim, sobra pouco para dividendos. Quando seu patrimônio já for grande o bastante para permitir que você complemente sua renda com os dividendos, o importante é comprar empresas que paguem muitos dividendos.

5. Diversificar ativos – é comum que algumas empresas e setores econômicos tenham problemas e outros tendam a crescer muito. Investidores

sabem que não podem prever o futuro e, assim, buscam ter uma carteira com várias empresas diferentes e de setores econômicos diversos. Uma carteira bem diversificada tem entre oito e quatorze empresas diferentes. A tarefa de diversificação é bastante facilitada pela compra de ETFs.

6. Selecionar empresas que respeitem o acionista – uma empresa deve ser transparente e dar o mesmo acesso à informação aos menores e aos maiores acionistas. Busque empresas que mantenham um bom site de relacionamento com o investidor, que se apresentem regularmente na Apimec, e que estejam sempre abertas a falar com o investidor. Mande um e-mail para o setor de relações com o investidor. Empresas que não respondem às dúvidas dos investidores não os respeitam tanto assim. Outro bom indicador de respeito aos acionistas são as empresas que participam dos níveis diferenciados de governança corporativa da BM&FBovespa e do Novo Mercado.

Teste prático

Vimos, no Capítulo 3, que as Finanças Modernas consideram que o melhor comportamento para um investidor é fazer aplicações constantes em uma carteira diversificada de ativos, pois assim o risco é menor. Você também já viu que nos Estados Unidos nenhum investimento mensal constante realizado por um período de 30 anos resultou em prejuízo para um investidor.

No Brasil não temos dados de prazos tão longos como nos Estados Unidos, porém temos o Ibovespa, que reflete os dados de uma carteira diversificada e teórica de ações que se iniciou em 1968.

Então, vamos testar com os dados do Ibovespa seis estratégias diferentes de investimentos¹:

1. A primeira consiste em investir uma quantia de US\$ 100 uma vez e retirar dez anos depois, também uma única vez.
2. A segunda estratégia é investir US\$ 100 todo mês, ao longo de dez anos e retirar todo o montante de uma única vez, ao final.
3. A terceira estratégia é investir US\$ 100 mensalmente por um período de 10 anos e retirar o

montante aos poucos durante os cinco anos seguintes.

4. A quarta estratégia é investir US\$ 100 mensalmente por um período de 12 anos e retirar o montante aos poucos durante os seis anos seguintes.

5. A quinta estratégia é investir US\$ 100 mensalmente por um período de 14 anos e retirar o montante aos poucos, durante os sete anos seguintes.

6. A sexta e última estratégia é investir US\$ 100 mensalmente por um período de 16 anos e retirar o montante aos poucos durante os oito anos seguintes.

Basicamente o que tentamos demonstrar com essa pesquisa é que a melhor estratégia para quem quer investir em ações é comprar aos poucos durante muito tempo e depois viver com os dividendos ou com pequenas vendas mensais de ações. Ou seja, aposentar-se com os frutos do investimento em ações.

Infelizmente não é possível simular uma carteira de investimentos em que o investidor fosse investindo durante 30 anos e que depois fosse retirando ao

longo de 20 anos de forma constante, pois não há dados suficientes para esse levantamento. Mas, como vai ficar claro com a exposição dos dados, quanto maior for o prazo em que você investir de forma constante e quanto maior também for o prazo da retirada, melhor será sua relação de risco e retorno.

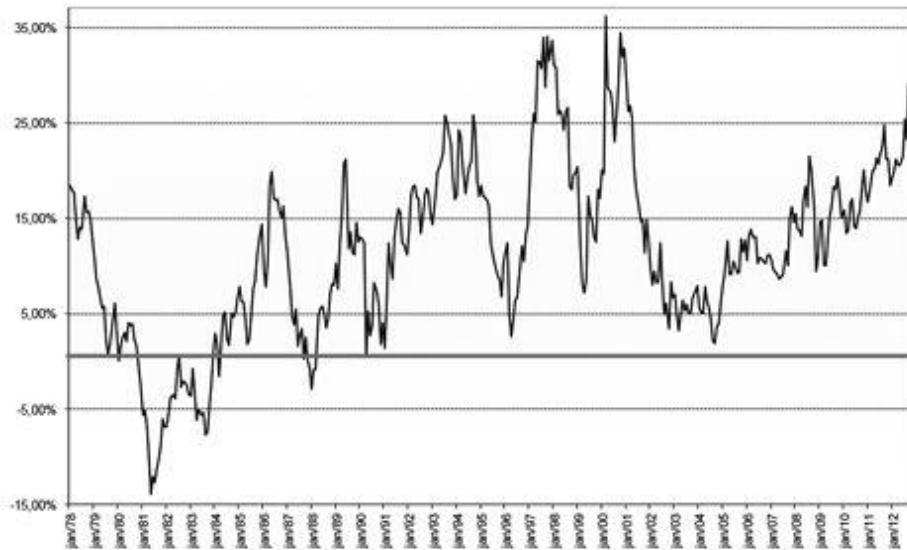
Vejamos com mais detalhes essas seis estratégias.

APLICAÇÃO DE US\$ 100 E RETIRADA 120 MESES DEPOIS

Nessa estratégia, foi simulado o comportamento de um investidor que aplicou um valor equivalente a US\$ 100 e deixou esse dinheiro na Bolsa por dez anos. Finalizado esse período, o investidor retirou, em uma única parcela, todo o montante acumulado, resultante da aplicação inicial, mais os rendimentos.

A primeira aplicação foi feita em janeiro de 1968 e a retirada, em dezembro de 1977; a segunda aplicação foi feita em fevereiro de 1968 e a retirada, em janeiro de 1978 e assim sucessivamente. Ao todo foram simuladas 420 carteiras de investimentos diferentes ao longo de 45 anos.

O retorno médio foi de 11,63% ao ano, em dólares. Esse é um bom retorno para uma aplicação de longo prazo. Porém, o risco também foi alto. Ou seja, dependendo do período em que começou a poupar, o investidor poderia ter tido ótimos retornos ou retornos negativos. Veja o gráfico:



Dependendo do mês em que o investidor retirou suas aplicações, poderia ter tido excelentes rentabilidades ou rentabilidades muito baixas. Assim, a medida de risco da aplicação, representada pelo desvio padrão dos retornos, foi de 9,28%.

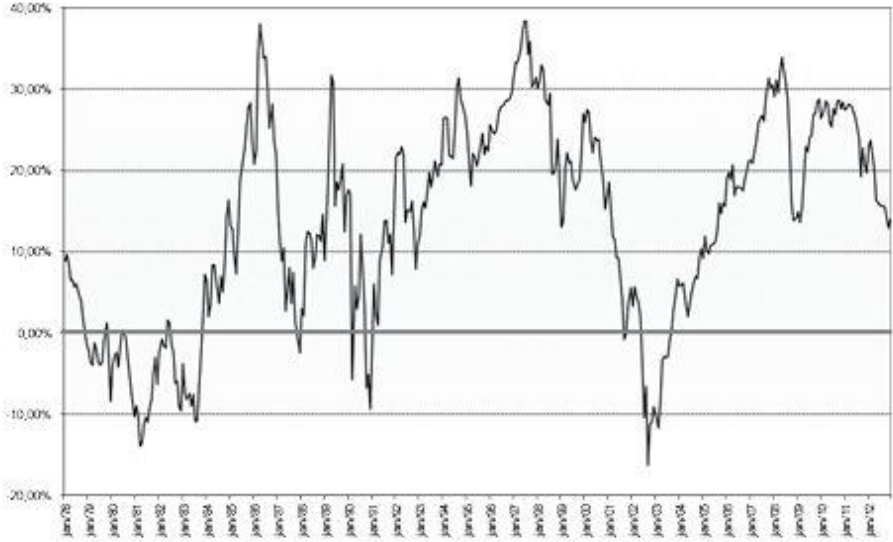
APLICAÇÃO DE 120 PARCELAS DE US\$ 100 EM UMA ÚNICA PARCELA

Nessa estratégia foi simulado o comportamento de um investidor que, durante dez anos, investiu US\$ 100 mensalmente e, ao final dos 120 meses, retirou todo o dinheiro de uma única vez.

A primeira carteira foi feita com aplicações entre janeiro de 1968 e dezembro de 1977; a segunda aplicação foi feita entre fevereiro de 1968 e janeiro de 1978 e assim sucessivamente. Foram simuladas 420 carteiras de investimentos diferentes ao longo de 45 anos.

Nessa nova forma de aplicar obteve-se retorno superior a 13,67% ao ano, porém o risco das carteiras aumentou muito e passou a ser de 12,64%. Veja o

gráfico:



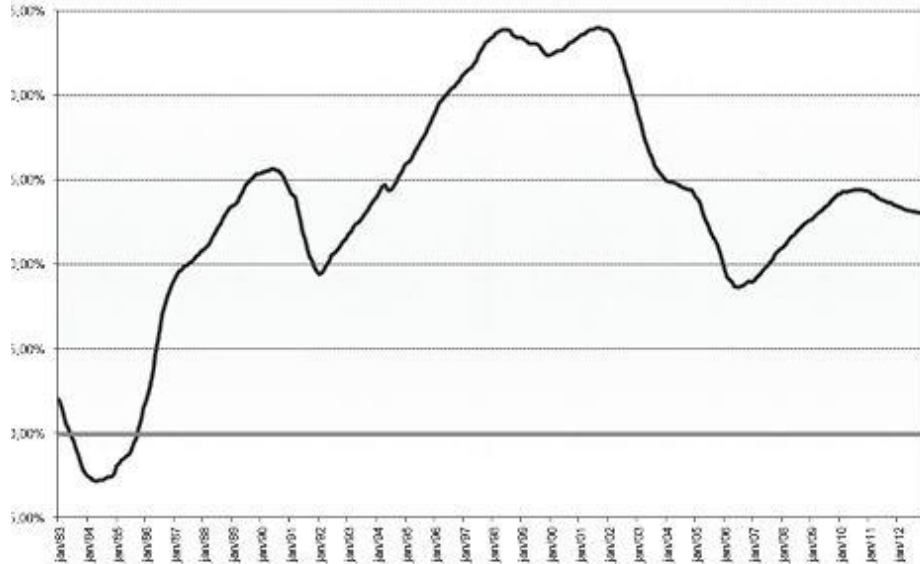
Dependendo do momento da retirada, o investidor poderia ter obtido excelentes lucros ou grande prejuízo.

APLICAÇÃO DE 120 PARCELAS DE US\$ 100 E RETIRADAS EM 60 MESES

Foi simulado o comportamento de um investidor que aplicou US\$ 100 mensais durante dez anos, como no item anterior. Só que, nessa simulação, ele não retira tudo de uma vez. Todos os meses, durante os cinco anos subsequentes, ele retira o valor acumulado em parcelas proporcionais até consumir o montante, ou seja, foi retirado, no primeiro mês, 1/60 avos; 1/59 avos no segundo, 1/58 no terceiro até que, no último mês, foi retirado todo o montante.

Foram simuladas 360 carteiras. A primeira foi de aplicações iniciadas em janeiro de 1968 e finalizadas em dezembro de 1982 e a última finalizada em dezembro de 2012.

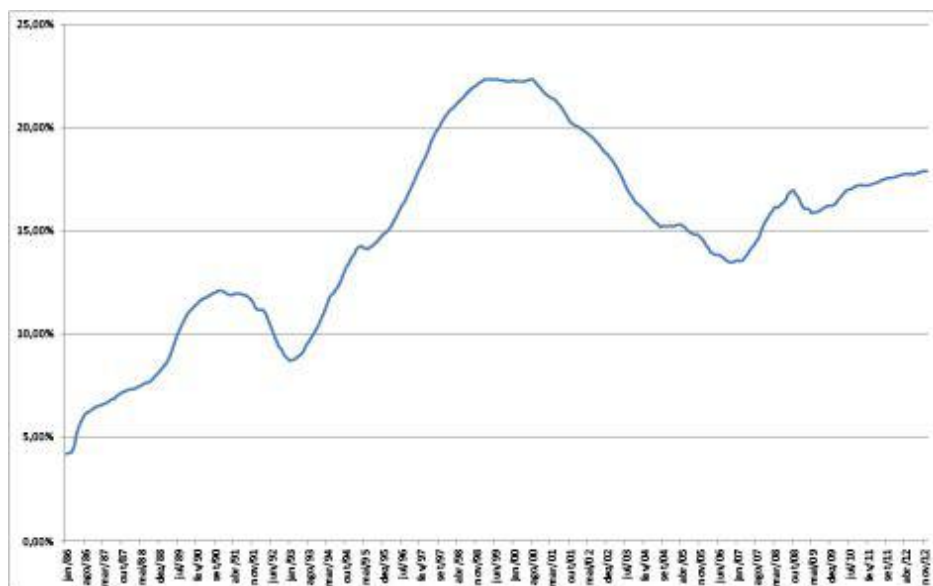
O retorno médio obtido foi de 13,59% ao ano, um bom rendimento. E o risco foi baixo: desvio padrão de 6,87%. Apenas 7,78% das carteiras tiveram retornos negativos – todas influenciadas pela grande crise de 1971. Ainda assim, o maior prejuízo foi de 2,84% ao ano. Interessante notar que a crise de 2008 praticamente não afetou essa estratégia de investimento. Veja o gráfico:



APLICAÇÃO DE 144 PARCELAS DE US\$ 100 E RETIRADAS EM 72 MESES

Como já foi possível notar nas três estratégias anteriores, aplicar aos poucos e retirar aos poucos reduziu o risco e aumentou o retorno.

Continuamos assim simulando 12 anos investindo e seis anos usufruindo. O risco caiu novamente e o retorno aumentou: TIR de 14,89% ao ano e desvio padrão de 3,79%.



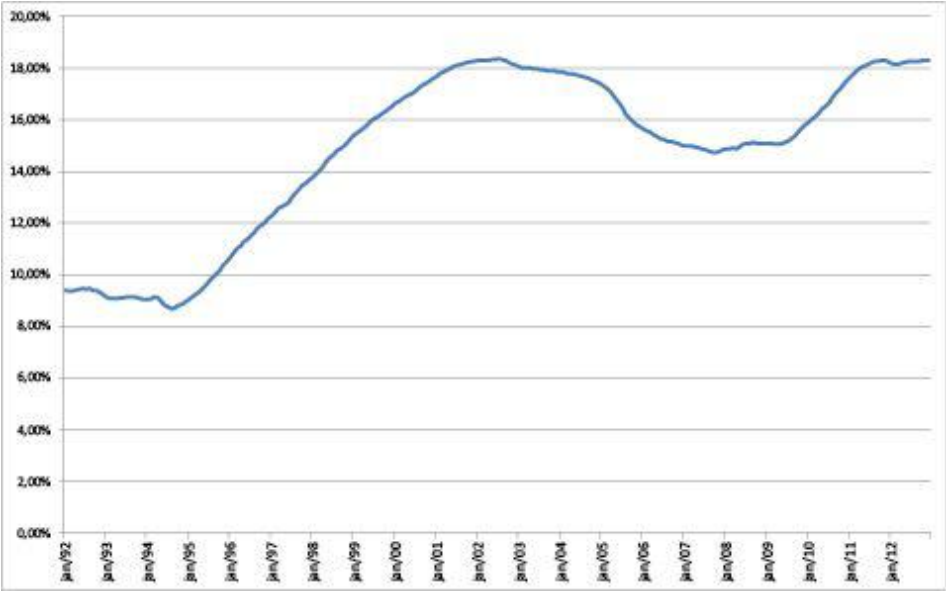
APLICAÇÃO DE 168 PARCELAS DE US\$ 100 E RETIRADAS EM 84 MESES

Na simulação com 14 anos de investimentos mensais e retiradas ao longo de sete anos houve novo aumento do lucro e redução do risco: TIR 14,94% ao ano e desvio padrão de 3,21%.

APLICAÇÃO DE 192 PARCELAS DE US\$ 100 E RETIRADAS EM 96 MESES

O resultado mais interessante da pesquisa ocorreu justamente na simulação de 16 anos de aplicações e oito anos de usufruto. Ao todo foram criadas 252 carteiras. A primeira foi de aplicações iniciadas em janeiro de 1968 e finalizadas em dezembro de 1991. A última terminou em dezembro de 2012.

O retorno médio obtido foi de 14,81% ao ano e o risco foi o mais baixo entre todas as seis estratégias: desvio padrão de apenas 2,64%, sendo que o menor retorno em todos os 45 anos de pesquisa foi de 8,68% ao ano. Foram inúmeras crises nesse período, mas o investidor que tivesse mantido a estratégia de comprar aos poucos para usufruir na aposentadoria não sentiria o impacto, como demonstra o gráfico:



¹As quantias foram todas feitas em moeda nacional e depois convertidas em dólares norte-americanos para reduzir os efeitos da inflação brasileira.

Resumindo:

- › Estratégia 1 - Retorno: 11,63% ao ano. Risco: 9,28.
- › Estratégia 2 - Retorno: 13,67% ao ano. Risco: 12,64.
- › Estratégia 3 - Retorno: 13,59% ao ano. Risco: 6,87.
- › Estratégia 4 - Retorno: 14,89% ao ano. Risco: 3,79.
- › Estratégia 5 - Retorno: 14,94% ao ano. Risco: 3,21.
- › Estratégia 6 - Retorno: 14,81% ao ano. Risco: 2,64.

Para efeito de comparação, uma aplicação constante de US\$ 100 em caderneta de poupança durante os 45 anos da pesquisa resultaria em um retorno de 6,52% ao ano.

Essas pequenas variações na taxa de juros parecem pouco, porém não são. Veja a comparação de uma aplicação de US\$ 100 em janeiro de 1968 e retirada em dezembro de 2012:

Retorno de 6,52% a.a. (caderneta de poupança) resultaria em US\$ 1.706,54.

› Retorno de 11,63% a.a. (estratégia 1) resultaria em US\$ 13.986,46.

› Retorno de 13,67% a.a. (estratégia 2) resultaria em US\$ 31.612,88.

› Retorno de 13,59% a.a. (estratégia 3) resultaria em US\$ 30.542,20.

› Retorno de 14,89% a.a. (estratégia 4) resultaria em US\$ 51.031,38.

› Retorno de 14,94% a.a. (estratégia 5) resultaria em US\$ 51.950,63.

› Retorno de 14,81% a.a. (estratégia 6) resultaria em US\$ 49.492,21.

*Mas, atenção! É pouco provável que taxas tão elevadas se repitam no futuro.

Mesmo que a interpretação da pesquisa pareça complexa, a mensagem que ela transmite é extremamente clara. Se você quer investir na Bolsa correndo poucos riscos, inicie logo seus investimentos. Invista regularmente em uma carteira diversificada. Lembre-se dos ETFs, que vimos no Capítulo 4. Depois que você tiver um grande montante, só precisa ir gastando lentamente seu dinheiro para complementar a aposentadoria.

Relembrando...

Um investidor compra ações como quem compra empresas. Um especulador compra apenas ações. Um investidor está preocupado com o desempenho das empresas, já o especulador está preocupado com o movimento dos preços das ações no curto prazo.

Um especulador é alguém que compra ações para vender com preços mais elevados, que visa obter ganhos rápidos ao negociar suas ações. O especulador não se preocupa com as empresas, mas com a variação dos preços das ações. Para ser um especulador, você deve dedicar muito tempo à atividade e se munir de muitos conhecimentos para atuar no mercado. Ser especulador dá muito trabalho, mas pode ser muito divertido e prazeroso para algumas pessoas.

Caso você decida ser especulador, terá que conhecer muito bem análise gráfica e também análise fundamentalista, ler muito e estar em constante contato com o mercado. Talvez nem sobre tempo para ter outra atividade profissional. Porém, não se iluda pensando que os especuladores ganham muito dinheiro. Para um especulador ganhar dinheiro, ele tem que encontrar outro que perde dinheiro.

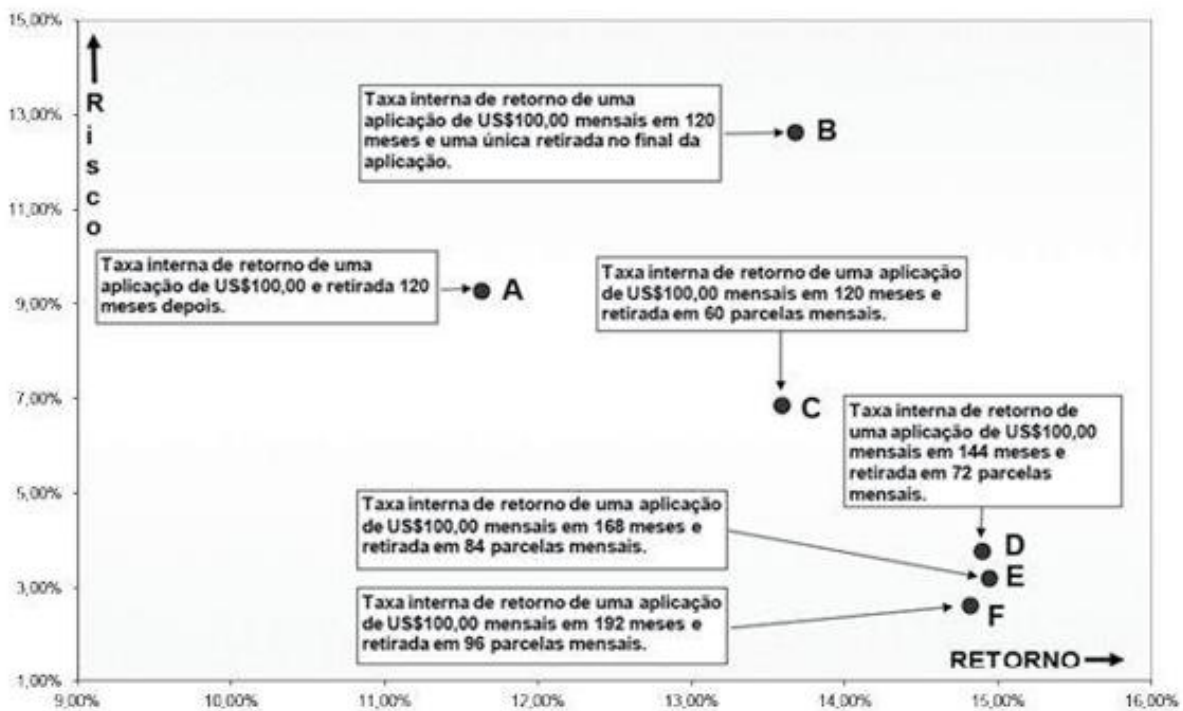
Para ser um investidor, o caminho é muito mais fácil. Com poucas horas mensais você pode acompanhar sua carteira sem prejudicar em nada sua atividade profissional. Um investidor não gasta tempo tentando descobrir quando é hora de comprar e vender ações, pois ele sabe que o melhor a fazer é comprar sempre até construir uma carteira de ações que possa sustentá-lo com seus dividendos.

Quando sua carteira já estiver grande o suficiente, pode acrescentar a ela ações de empresas que sejam boas pagadoras de dividendos e viver de rendas.

Resumindo...

No gráfico a seguir, estão colocados o retorno e o risco das seis estratégias de aplicações. O que se vê é que a aplicação constante e a retirada também constante (ponto F), além de representar uma rentabilidade muito próxima das estratégias D e E, apresenta um risco significativamente menor.

Por ter maior risco, o ponto B representa outra possibilidade de estratégia de investimentos interessante. Ela consiste no seguinte: você estabelece uma meta, como comprar um apartamento com determinadas características, um carro novo ou uma viagem dos sonhos. Então, inicia uma carteira com depósitos constantes. No dia em que essa carteira for suficiente para realizar o sonho de consumo, você vende ações e realiza o objetivo. Assim, é muito provável que você só retire seu dinheiro no momento em que o retorno acumulado for satisfatório.



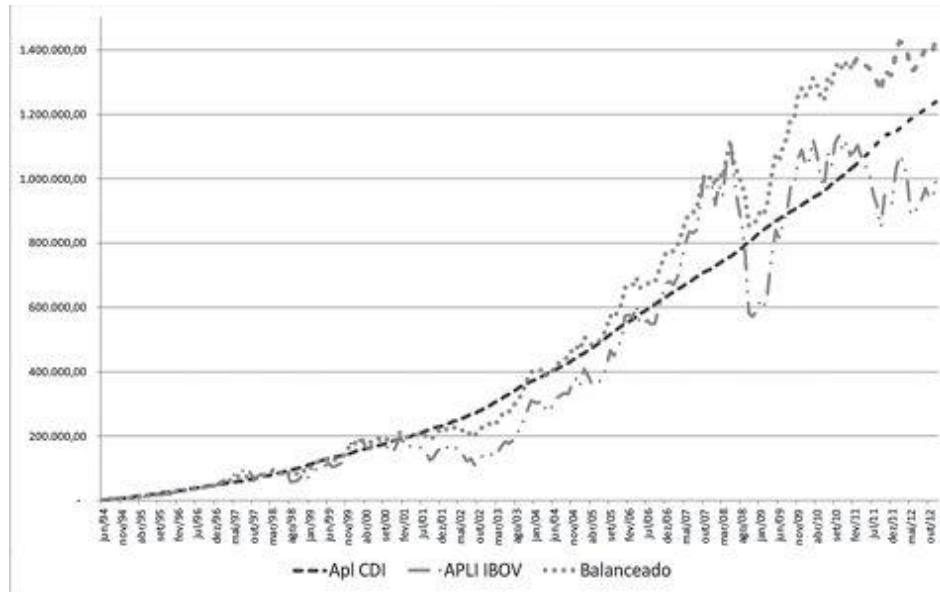
Estratégia certa

Comprar os ativos em momento de baixa e vender na alta é uma das máximas do mercado financeiro. Mas nem sempre é fácil colocar essa estratégia em prática. Uma forma de fazer isso com sucesso é balancear uma carteira composta por ações e renda fixa.

Fizemos uma simulação em que o investidor aplicaria R\$ 1 mil mensais logo no início do Plano Real, em 1º de julho de 1994. Nos seis primeiros meses, metade dos recursos iria para uma aplicação corrigida pelo Índice Bovespa e a outra metade estaria atrelada ao Certificado de Depósito Interfinanceiro (CDI). A partir do sétimo mês a aplicação de R\$ 1 mil iria para o portfólio com pior rendimento. E sempre que uma carteira superava a fatia de 60% de participação no total dos investimentos, era realizada uma venda nessa carteira e a compra dos ativos da outra, de modo a manter o equilíbrio de 50% e 50%.

A pesquisa mostrou que, de julho de 1994 até 31 de dezembro de 2012, se o investidor tivesse aplicado somente no índice Bovespa, ele teria obtido retorno de 14,41% ao ano e acumularia R\$ 1,003 milhão. Se tivesse investido apenas no CDI, a rentabilidade anual seria de 16,28%, acumulando assim R\$ 1,240 milhão.

Já se tivesse balanceado a carteira ao longo do período, apostando sempre na carteira perdedora, o investidor obteria rendimento anual de 17,59% ao ano e acumularia R\$ 1,439 milhão. Ao longo de todo o período, foram realizados balanceamentos apenas oito vezes. Por esse pequeno esforço, o investidor conseguiu acrescentar quase R\$ 200 mil à sua rentabilidade.



Ao seguir essa estratégia, você terá de vender os papéis para reenquadrar a carteira quando as ações se valorizarem muito e, dessa forma, irá vender na alta. Já se o mercado acionário cair, você também será obrigado reduzir a fatia em renda fixa para aplicar em ações. Ou seja, vai comprar na baixa.

Como escolher?

Depois que você monta sua estratégia de investimento, o próximo passo é definir que ações comprar. Procure comprar ações de empresas sólidas e que você admire. Diversifique sua compra entre ações de companhias de diversos setores da economia. Assim, você diminui os riscos. Compre ações de empresas que sejam muito negociadas, pois, assim, não corre o risco de pagar por uma empresa mais do que ela realmente vale. Por isso, uma boa estratégia é só comprar ações que façam parte do Ibovespa. Lembre-se de que comprar ações é tornar-se sócio de uma empresa.

Outra forma bem mais simples é comprando um ETF que aplique em ações, como o PIBB11, por exemplo.

Na prática | AS PRIMEIRAS LIÇÕES DE MERCADO FINANCEIRO

Um professor queria ensinar para a filha de 4 anos as primeiras lições sobre como lidar com dinheiro. Deu a ela um cofrinho para guardar moedas. A menina depositava ali as moedas e trocos que ganhava dos pais e dos avós. Uma vez que a garota havia adquirido o hábito de poupar, o pai queria ir além, ensinando-a também a importância de investir. Mas como ensinar para uma menininha essa lição que mesmo os adultos têm dificuldade de aprender? O pai resolveu a questão perguntando à garota do que ela mais gostava. A menina respondeu que gostava muito de sorvete. "Pois bem", disse o pai, "vamos investir suas economias em uma empresa que faça sorvetes. Quando a empresa tiver lucros, você ganhará um sorvete como recompensa". Como no Brasil não havia uma empresa de sorvetes com ações na Bolsa, o pai investiu em uma carteira composta por outras companhias. Conforme havia prometido à filha, ele revertia os lucros dessa carteira em sorvetes. Quando a garota fez 8 anos, quis ver os extratos com o nome de sua empresa. Então o pai explicou o que tinha feito e perguntou a ela de qual empresa ela gostaria de ser sócia, comprando ações. A menina escolheu uma empresa de alimentos, que, segundo ela, fazia pizzas deliciosas. O irmão mais novo se interessou pelo negócio e, como gostava de cobrar juros quando emprestava algum trocado de sua mesada à irmã, logo quis ser sócio de um banco. As empresas de ambos crescem a cada ano e o professor gera rankings da valorização das ações dos filhos. A cada fim de ano os irmãos competem entre si para saber quem está ganhando mais dinheiro na Bolsa. Com a divulgação dos primeiros casos de gripe aviária, a garota começou a perder para o irmão mais novo e aprendeu que deveria diversificar sua carteira de investimentos. Agora ela também tem ações de uma empresa geradora de energia elétrica.

Governança corporativa

Uma das preocupações que você deve ter ao adquirir as ações de uma empresa é em saber se esta opta por práticas de governança corporativa, ou seja, saber se a empresa preza pela transparência, pela prestação de contas e pela integridade.

A Bolsa de Valores de São Paulo estabeleceu níveis que reúnem as empresas pelo estágio de governança corporativa em que se encontram. Para estar em cada um dos níveis, as empresas se comprometem a cumprir uma série de regras e obrigações que visam, principalmente, à transparência e à melhor prestação de contas para os investidores.

› Nível 1 de governança: as companhias do Nível 1 se comprometem, principalmente, com melhorias na prestação de informações ao mercado e com a dispersão acionária. Precisam, por exemplo, divulgar balanços trimestrais e ter pelo menos 25% de suas ações em circulação.

› Nível 2 de governança: as companhias do Nível 2 precisam cumprir todas as regras do nível anterior e outras ainda mais complexas, como adotar padrões internacionais para suas demonstrações financeiras.

› Novo Mercado: neste nível, as empresas se comprometem a adotar práticas de governança corporativa adicionais em relação ao que é exigido pela legislação. As companhias que estão neste estágio somente podem ter ações ordinárias, que dão direito a voto e permitem que o investidor tenha posição mais ativa.

Veja mais em www.bmfbovespa.com.br.

Como comprar?

Depois de montar uma estratégia de investimento e decidir a quais empresas você quer se associar, basta começar a comprar ações. Para isso, cadastre-se na corretora que você escolher, deposite na conta de sua corretora o valor que deseja investir e acesse o **homebroker**.

No homebroker você encontrará o livro de ofertas de ações, com os preços de compra e de venda dos papéis. Quando você digitar, em seu homebroker, o código da ação que quiser comprar, abrirá uma página com o livro das ofertas de compra e venda. Veja o exemplo a seguir, retirado do homebroker de outra corretora.



The screenshot displays a homebroker interface for purchasing PETR4. On the left, there is a form with the following fields:

- Escolha a operação: Compra
- Ativo que deseja comprar: PETR4
- Quantidade: 100
- Preço: 19,23
- Data de validade: 23/04/2013
- Data do pregão: 23/04/2013

Buttons for 'Limpar' and 'Enviar' are at the bottom of the form. On the right, the 'Integral' tab is active, showing the stock code 'PETR4', price '19,23', and a 2,45% increase. Below this is the 'Ofertas de compra e venda' section, which contains two tables:

Compra			Venda		
Corretora	Qtde.	Valor	Valor	Qtde.	Corretora
Gradual	4k	19,21	19,23	100	UBS Brasil
Octo cvm	100	19,21	19,23	200	JP Morgan
M.Stanley	100	19,21	19,23	5.80k	C.Suisse
UBS Brasil	2k	19,21	19,23	400	UBS Brasil
UBS Brasil	2k	19,21	19,23	5k	C.Suisse

Neste livro, pode-se ver que o último negócio se realizou a R\$ 19,23 e que existe uma oferta de compra a R\$ 19,21 e de venda a R\$ 19,23. Portanto, como existe diferença de R\$0,02 entre uma e outra, não se fecha negócio.

Os negócios na Bolsa, como em qualquer outro lugar, só se realizam quando comprador e vendedor estão de acordo com o preço de compra e

venda.

Supondo que você queira comprar ações da Petrobras, bastaria preencher o formulário com a opção de compra e estabelecer o preço que estivesse disposto a negociar. Você escolheria também até quando sua oferta seria válida e clicaria no botão “enviar” para concluir a oferta.

Imediatamente, sua ordem iria à corretora e um sistema eletrônico a retransmitiria para o sistema da Bolsa.

HOME BROKER

Sistema via internet por meio do qual o investidor opera na Bolsa de Valores sem a necessidade da intermediação de uma corretora em cada operação. É como se seu corretor de valores (broker) estivesse em sua casa (home). Para obter uma lista completa das corretoras que oferecem o sistema, consulte o site da BM&FBovespa no seguinte link: <http://vitrinecorretoras.bvmf.com.br>

The image shows a web form titled "Compra" (Buy) for placing an order. The form has the following fields and values:

- Escolha a operação: (dropdown menu)
- Ativo que deseja comprar:
- Quantidade: Quantidade Valor
- Preço:
- Data de validade:
- Data do pregão: (dropdown menu)

At the bottom of the form, there are two buttons: "Limpar" (Clear) and "Enviar" (Send).

Pronto. Em alguns segundos sua ordem já iria constar no livro de ofertas do homebroker.

Caso sua ordem tivesse sido de compra e você tivesse colocado o preço a R\$ 19,22, sua ordem iria para a primeira colocação da fila de negócios. Se alguém quisesse vender pelo mesmo valor, seu negócio seria realizado.

Uma vez que se efetiva uma ordem de compra, sua corretora saca o dinheiro que você deixou na conta para efetuar o pagamento das ações. Por último, a corretora credita as ações que você adquiriu em sua conta na CBLC.

Liquidação e custódia

Quando um investidor compra ações na Bolsa de Valores, ele não sabe de quem está comprando e quem vende não sabe para quem está vendendo. Para viabilizar esse tipo de transação, existem nas Bolsas de Valores as câmaras de liquidação e custódia.

Quando você dá uma ordem de venda para sua corretora, esta vai ao pregão e vende para outra corretora em que um cliente deu ordem de compra. Depois de realizado o negócio, a corretora que vendeu as ações retira as ações de sua conta e as transfere para a Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia (CBLC). A corretora que comprou saca o dinheiro do cliente e o transfere também para a CBLC.

Dois dias após o negócio, ocorre a liquidação. A CBLC transfere o dinheiro para a conta do vendedor, e as ações, para a conta do comprador, tudo com grande segurança e sem riscos. A CBLC está ligada não só ao Tesouro Direto, mas também à BM&FBovespa. A CBLC é a única depositária central de ativos para o mercado de ações no Brasil e fica responsável pela guarda e administração dos valores negociados na Bolsa.

Comprar e vender ações pode parecer difícil, mas não é não. Uma vez que você se familiarizar com o sistema e fizer a primeira compra, tudo parecerá mais fácil. Se você costuma fazer compras pela internet, conseguirá comprar uma ação sem qualquer dificuldade.

O sistema é feito para que a melhor oferta de compra ou de venda seja sempre realizada. Mesmo que você colocasse uma ordem de compra a R\$ 80, ela seria executada pelo preço de mercado, ou seja, como o preço mais baixo de venda era de R\$ 19,23, sua ordem de compra seria imediatamente fechada por esse preço e não pelo valor que você colocou.

Na Bolsa, é impossível comprar por valor superior à menor oferta de venda e impossível vender por oferta inferior à maior oferta de compra.

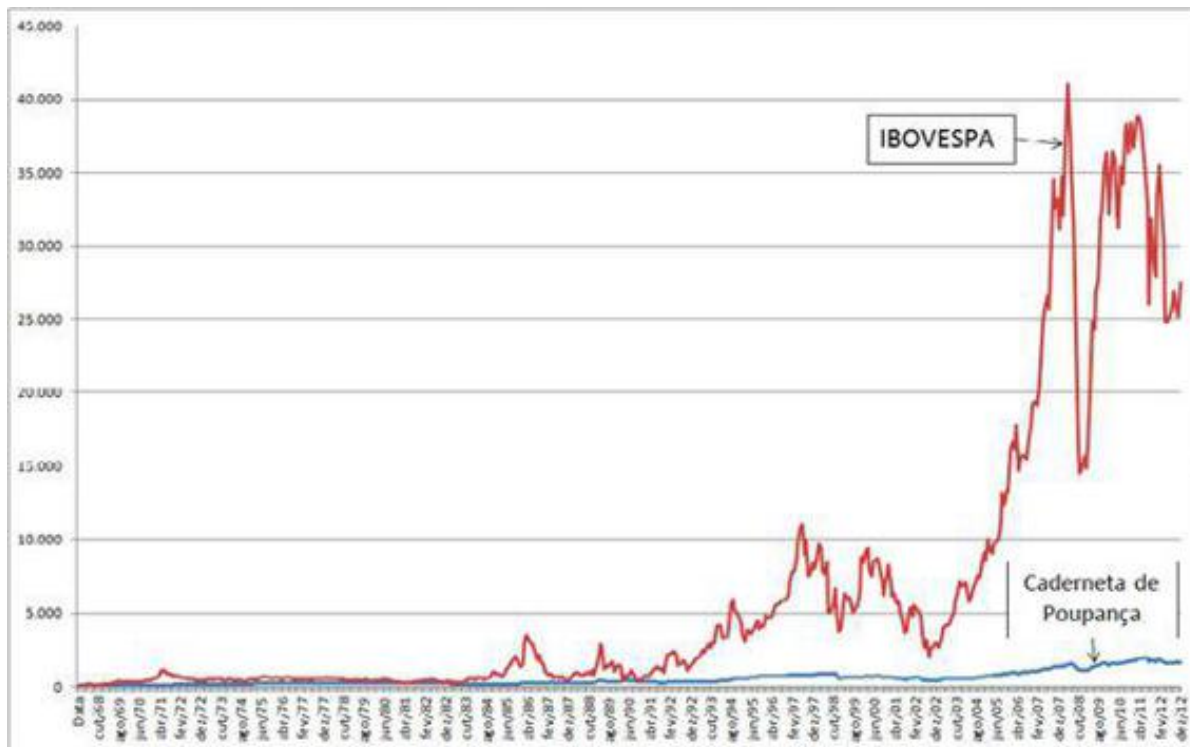
Na BM&FBovespa existem dois mercados. Em um deles são negociados lotes de ações, normalmente de 100 ações ou mais. Assim, você só pode comprar frações de 100 ações ou lotes maiores. “K” significa quilos e representa mil ações, “M” significa mega, ou 1 milhão de ações. Também existe um mercado chamado de “fracionário”, onde você pode negociar ações unitárias.

Normalmente, os preços das ações são muito próximos em ambos, embora sejam mercados diferentes.

A insegurança antes de realizar o primeiro negócio é normal, mas fique tranquilo, pois no site da corretora que você escolher será possível encontrar outras dicas práticas sobre como comprar e vender ações. Depois dos primeiros negócios, tudo parecerá muito simples.

Saiba que o prêmio para quem resolve investir em ações pode ser bastante grande. Imagine que você tivesse investido US\$ 100 em janeiro de 1968 em caderneta de poupança e US\$ 100 em ações. No final de 2012 sua poupança

teria cerca de US\$ 1.658, mas sua carteira de ações teria mais de US\$ 27.521mil. Veja o gráfico:



Veja como vale a pena um pequeno esforço para aprender e entrar nesse mercado. Confie em você, perca o medo, saia da acomodação. Aprender a investir em ações pode ser muito bom para seu futuro.

Quando um investidor vende ações para outro, a transferência de recursos só ocorre entre eles e o caixa da empresa não sofre nenhum efeito com a negociação.

Dicas importantes

Entre na Bolsa já com seus objetivos em mente. Pense no quanto gostaria de ganhar e para quê. Depois, você deve iniciar investindo um pouco todo mês. Atualmente, é possível começar com apenas R\$ 100. Mantenha a regularidade.

Também não invista na Bolsa algum dinheiro que você possa vir a precisar para emergências. Separe alguma quantia para isso, que fique disponível na conta bancária. Assim, você não corre o risco de ter que vender suas ações em um momento em que estejam em baixa.

Quando receber sua parte de algum lucro da empresa, procure injetá-los novamente na aplicação, comprando novas ações. Por outro lado, você pode decidir ficar com os dividendos e vender as ações, se verificar que seus objetivos já foram alcançados. Não corra riscos desnecessários se já chegou onde queria.

Também acompanhe o desempenho das diversas empresas no mercado e escolha aquelas que são sólidas, têm apresentado bom histórico de lucros e perspectivas de crescimento. Para se manter informado, consulte o site da BM&FBovespa ou de sua própria corretora.

Lembre-se de não concentrar seus investimentos em apenas uma companhia. Pulverize-o em diversas empresas. Em outras palavras: diversifique. Além disso, compre e venda ações lentamente. Seu risco despenca com a adoção dessas medidas.

Invista um pouco todo mês em uma carteira diversificada de ativos.

Lembrete

A característica mais marcante das ações é a oscilação de preço. Mesmo com essa volatilidade, porém, a Bolsa é um ótimo negócio, porque proporciona elevada rentabilidade em longo prazo (mínimo 10 anos). É um tipo de investimento que requer ação rápida se seus objetivos já foram alcançados ou paciência para deixar seus investimentos aplicados durante um longo tempo. Se esse for o caso, não se desespere com uma queda brusca das ações em determinado período e não saia correndo desesperado para retirá-lo da Bolsa. Se fizer isso, perderá dinheiro.

Dica

Se você está iniciando e ainda não se sente totalmente seguro, não compre ações que estão fora do Ibovespa, índice que estima a média de desempenho das principais ações negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo. Tenha essa média de rentabilidade do mercado como base. Tome cuidado com ações que caem muito mais do que a média do mercado, pois isso pode indicar problemas na empresa. Para isso, compare sempre o preço original da ação com seu valor atual.

Resumindo...

- › Investidor -> compra ações para participar dos resultados da empresa.
- › Especulador -> compra ações para vendê-las rapidamente com lucros. Tenta comprar barato e vender caro.

Montando o quebra-cabeça

Agora que você já conhece as principais alternativas de investimento – Fundos e Clubes de Investimento, Tesouro Direto, Renda Fixa e Bolsa de Valores – é hora de começar. Você está lembrado das regras dos 70 e dos 100 que mostramos no Capítulo 3? Veja de novo a regrinha e reduza o risco global de sua carteira de investimentos.

JOGOS RÁPIDOS

› Número 70 – (idade) = percentual de renda que alguém com perfil conservador deve investir em ações.

› Número 100 – (idade) = percentual de renda que alguém com perfil moderado ou arrojado deve investir em ações.

Quanto mais velho você for, menos risco deve correr. Poupe e distribua seus investimentos em Tesouro Direto, ações, imóveis, se forem vantajosos, e, eventualmente, em outras opções.

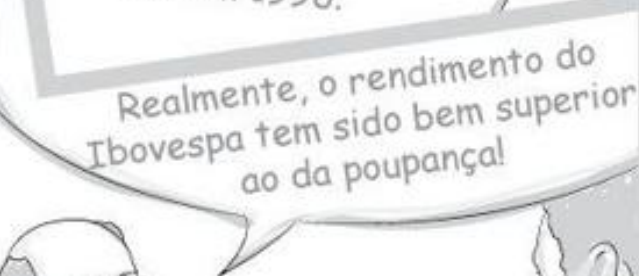
Outra regra básica que nunca deve ser violada: se você perde o sono com seus investimentos, alguma coisa está errada. Investir deve ser uma forma de

melhorar sua qualidade de vida. Se determinada aplicação não está contribuindo para isso, não hesite em parar tudo e começar outra vez.

O dinheiro não gosta de quem não tem tempo para ele. Por outro lado, a vida não gosta de quem só tem tempo para o dinheiro. Seu dinheiro deve proporcionar tranquilidade e paz de espírito a você. Persiga esse objetivo. Mas não se esqueça de que as pessoas geralmente têm medo de investimentos mais sofisticados porque temem o desconhecido. Assim, nunca pare de aprender. Esse deve ser o seu maior investimento.

Por que tantas pessoas perdem e tão poucas ganham

Veja a história que se repete continuamente em todas as Bolsas de Valores do mundo desde que foram criadas...







Transfira minha poupança para o fundo de ações!!

Não sei direito o que é isso, mas desta vez ficarei rico.

JUL/97

GERENTE

Só 2%?

Final de Julho

Poup:
1,01%
Fundo Ações:
2,4%

2% é um bom rendimento, Sr.

AGO/97

FUNDO DE AÇÕES:
-17%



Bom dia Sr. Paulo!

FUNDO DE AÇÕES:
11,2% SET/97

Pode ficar tranquilo Sr. Paulo

Pois não?

Só vou recuperar meu dinheiro e cair fora disso!!!

Outubro negro.

Vou me livrar desta porcaria enquanto ainda há tempo!

IBOVESPA
-23,8%

Forte queda nas bolsas no mês de outubro...

Ao chegar em casa... Recebe o caloroso apoio da mulher...

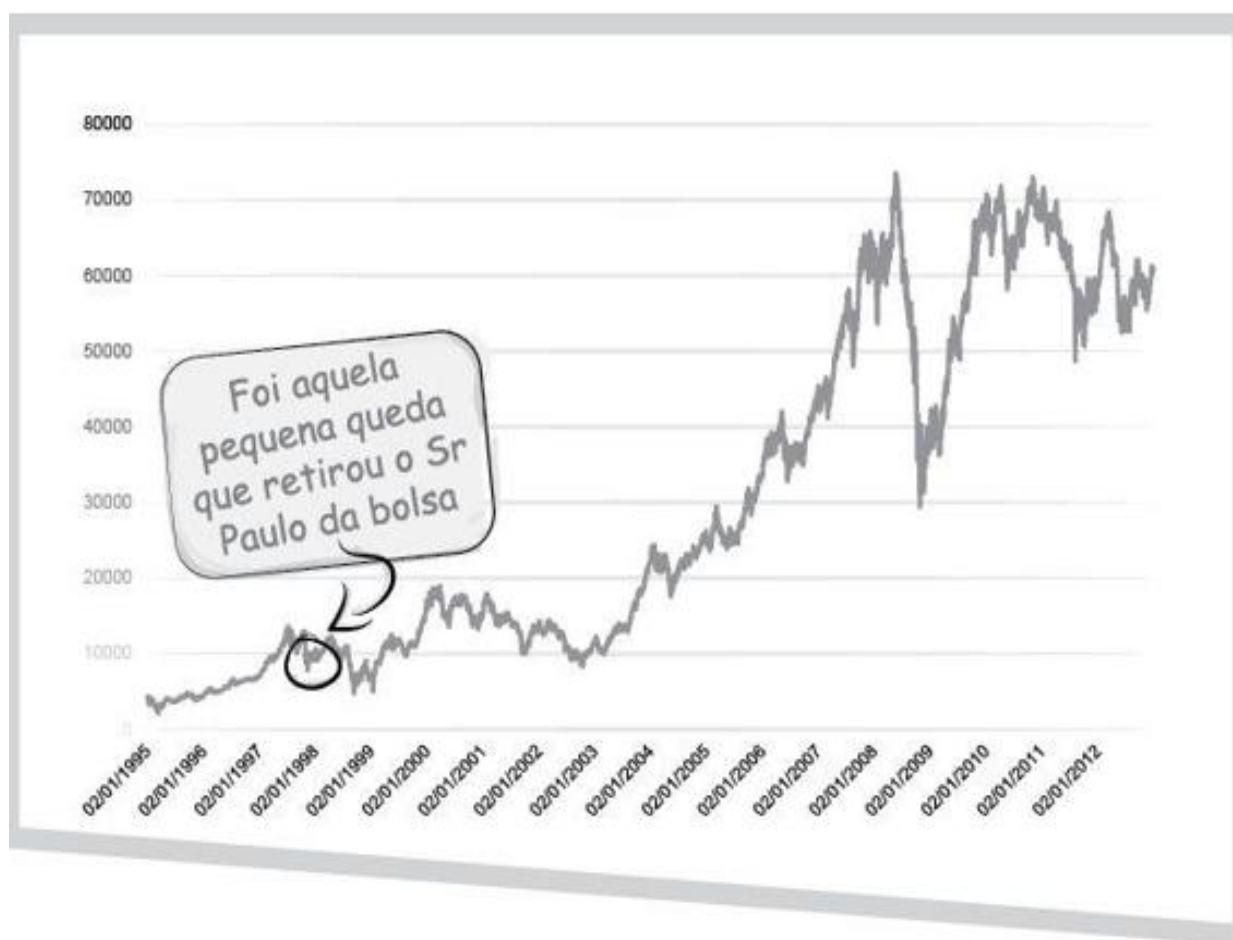


A bolsa...
Foi o melhor
investimento no ano
passado.

Algum dia eu
volto para
buscar
meu dinheiro.

A sua história pode ser diferente...

Naqueles 10 dias fatídicos do que ficou conhecido como “outubro negro”, a aplicação de Dr. Paulo caiu mais de 30%. Mas aquela crise que parecia o fim dos tempos para muita gente, foi apenas “mais uma crise” para o mercado – e nem tão intensa quanto outras que ocorreram antes ou que viriam a acontecer anos mais tarde, como fica claro no gráfico abaixo.



Caso o Dr. Paulo tivesse iniciado, em julho de 1997, um plano de investimentos regular de R\$ 1 mil por mês em uma carteira diversificada de ações (rentabilidade idêntica ao Ibovespa), teria, no início de 2013, um montante de R\$ 566.218,96 – o que representa um rendimento anual de 13,13% ao ano, bem acima da inflação média anual do período. Ou seja, mesmo ele tendo escolhido um mau momento para entrar na bolsa, a estratégia de investimentos teria corrigido o erro.

O maior engano, ao investir em ações, é achar que você pode ganhar muito dinheiro de forma rápida e fácil ao especular. Tentar adivinhar qual é o melhor de todos os momentos para vender e comprar ações é algo que nem mesmo analistas financeiros, que trabalham 14 horas por dia no mercado, conseguem fazer. Especular é o que se pode chamar de um “jogo de soma zero”, no qual é necessário que alguém perca para que outro ganhe.

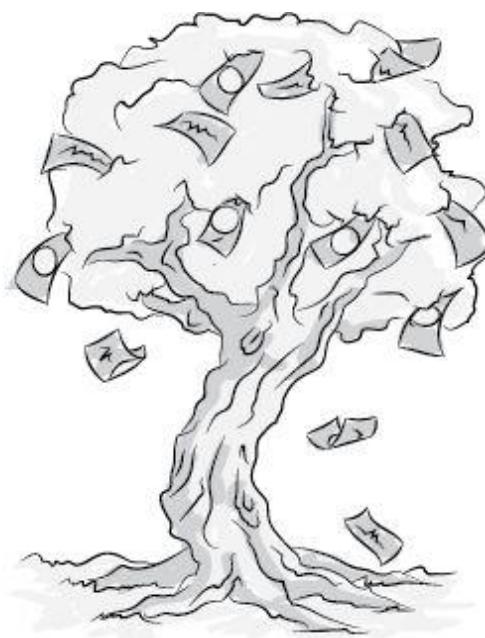
Bem diferente disso é a atividade de investir em empresas sólidas, que podem crescer e gerar muito lucro. Assim, todos saem ganhando. Muito melhor do que tentar entrar e sair do mercado na hora certa é montar uma estratégia de distribuição de seus investimentos.

Se, ainda assim, você estiver realmente determinado a especular, a recomendação é que comece logo a estudar muito mais.

Os frutos da árvore

Imagine uma casa na qual nunca falte água. A família que vive nesse lugar não precisa jamais se preocupar com a água dos banhos, da limpeza da casa ou do preparo dos alimentos.

Agora pense em outra família que vive em um local onde falta água de tempos em tempos. Nessa casa nunca se sabe, ao acordar, se haverá água suficiente para as tarefas do dia. Os banhos, o preparo dos alimentos, tudo é motivo de constante preocupação.



Para a família do segundo caso, viver em eterna preocupação deve ser bastante incômodo – apesar de, para eles, as restrições parecerem normais. É possível até que essa família tenha se acostumado a essa situação depois de algum tempo, e que conviva relativamente bem com o problema. Também

pode ser que o fato de não saber se no dia seguinte haverá água os tenha levado a desenvolver um sistema de cisternas e caixas d'água que garanta certa regularidade no fornecimento.

Já a primeira família, provavelmente, nem percebe o conforto em que vive. O normal para eles é ter água sempre.

Se ocorresse uma situação de estiagem que prejudicasse o abastecimento de água nos dois bairros, a primeira família seria mais prejudicada do que a segunda, pois não tem o hábito de se precaver para caso de imprevistos.

O mesmo pode-se dizer do modo como as famílias lidam com dinheiro. As que nunca sofreram restrições provavelmente não pensam sobre o assunto. Já nas casas em que a situação financeira é mais instável, dinheiro pode ser sinônimo de preocupação – a não ser que se desenvolva um sistema que permita conviver com as incertezas.

No passado eram comuns os empregos que garantiam fluxo constante de dinheiro por toda a vida profissional e aposentadoria das pessoas. Mas esses empregos são cada vez mais raros.

As pessoas precisam se preparar para fases de instabilidade, em que o dinheiro não entra de forma regular. Como a mobilidade profissional tornou-se algo frequente, é preciso manter reservas financeiras constantes para momentos de escassez. Também já foi o tempo em que a aposentadoria garantida pelo governo era sinônimo de futuro tranquilo. A atual crise da previdência social dá sinais de que, muito em breve, o Estado só vai garantir essa “tranquilidade” para níveis muito baixos de aposentadoria.

Numa época em que os empregos estáveis são cada vez mais raros, e as oportunidades para os autônomos e profissionais liberais crescem a cada dia, é necessário que as famílias pensem mais na questão financeira para não passar por restrições ou acumular dívidas. Organizar um orçamento familiar é fundamental nesse aspecto.

Manter um orçamento equilibrado, anotar e controlar os gastos não é difícil. Dedicar duas horas semanais controlando as finanças pode garantir a tranquilidade para aproveitar melhor as outras 166 horas que sobram. Como foi dito ao longo do livro, quem não dedica algum tempo para dar atenção ao dinheiro acaba sendo abandonado por ele. Cuidar das finanças ajuda os casais a se manterem unidos e a educar os filhos para que não se tornem escravos das dívidas no futuro.

Além de anotar e controlar os gastos, é fundamental investir uma pequena parte do que se ganha ao longo da vida para garantir um futuro confortável.

A regra pague-se primeiro deve ser recordada sempre. Outras dicas são: aplicar de forma constante e diversificada para minimizar a volatilidade e desconfiar de investimentos que prometem retornos muito elevados. Afinal, não existem soluções milagrosas.

Muitas pessoas dizem que não guardam dinheiro porque ganham pouco. Se esse é o seu caso, pense que existem pessoas que ganham menos do que você e que conseguem alcançar a independência financeira. Em contrapartida, existem outras que ganham muito mais e vivem endividadas. Essas, ainda, desperdiçam grande parte do que ganham pagando juros – o que não dá prazer a ninguém – em vez de usar esse dinheiro para aumentar a qualidade de vida.

É comum que muitas pessoas pensem que “não vale a pena passar a vida se preocupando com as finanças” e que é possível viver sem pensar em dinheiro. Essas pessoas adoram criticar aquelas que gastam algumas horas da semana planejando o futuro. Porém, é ainda mais comum ver os mesmos críticos preocupados com a falta de dinheiro por não terem se planejado – e gastando muito mais tempo com isso.

Em geral, preocupar-se demais com dinheiro não traz felicidade. Pessoas que fazem do dinheiro o centro de suas vidas sofrem mais do que aquelas que preferem não pensar no assunto.

O dinheiro é um meio para viver – que não deve ser confundido com a razão da vida. Ninguém vive para beber água, mas é preciso beber água para viver. Por isso, é fundamental a preocupação com a água que tomaremos amanhã e com a água que nossos descendentes tomarão no futuro.

Assim deve ser com o dinheiro. Em uma sociedade moderna, dinheiro é essencial para a vida. Devemos guardar um pouco quando temos, para podermos consumir se um dia faltar. Precisamos nos preocupar com o hoje, o amanhã e até mesmo com o futuro daqueles que dependem de nós.

Dinheiro é muito poderoso para proporcionar prazer – e prazer é um dos componentes da felicidade. Mas a felicidade não é só resultado do prazer, e ninguém consegue ser feliz apenas por ter dinheiro. A riqueza não faz com que uma pessoa seja amada verdadeiramente, também não garante autoestima nem realização, e não é capaz de tornar alguém engajado à própria vida. Porém, quando bem administrado, o dinheiro permite ter uma vida mais tranquila e prazerosa, permitindo que se busque mais facilmente a felicidade. Por tudo isso, desprezar o dinheiro também traz consequências ruins.

A lição mais importante é saber que, se dinheiro não traz felicidade, certamente a falta dele é capaz de trazer infelicidade. O segredo maior está no equilíbrio. Pessoas que dedicam toda a vida para acumular dinheiro e, assim, poder ter um futuro seguro correm o risco de sequer chegar a usufruir o que economizaram.

Afinal, a vida é finita e pode acabar a qualquer momento sem prévio aviso. Pessoas que buscam acumular muito para ter segurança podem, um dia, acabar descobrindo que continuam inseguras. Apenas trocam as incertezas (em relação ao futuro) pelo medo (de perder o que levaram anos para acumular).

Já aqueles que ignoram o dinheiro e recusam-se a poupar podem chegar pobres à velhice. Para conferir o quão triste é essa situação, basta visitar qualquer asilo público. Os que insistem em repetir que “amanhã é outro dia e depois tudo se resolve”, podem, um dia, vir a ser um peso para os filhos.

Além de acumular dívidas, os “despreocupados” acabam engrossando a lista de separações conjugais. É que o estresse causado pelo endividamento e pela insegurança financeira traz a infelicidade para muitas pessoas e leva ao fim de muitos casamentos.

Para terminar, vejamos uma história bastante conhecida.

O TOLO

Conta-se que numa vila do interior um grupo de pessoas se divertia com o idiota do povoado. Um pobre coitado de pouca inteligência, que vivia de pequenos biscates e esmolas. Diariamente, aquelas pessoas chamavam o tolo ao bar onde se reuniam e ofereciam a ele a escolha entre duas moedas – uma grande, de 400 réis, e outra menor, de 2 mil réis. Ele sempre escolhia a maior e menos valiosa, o que era motivo de riso para todos. Certo dia, um dos membros do grupo chamou-o e perguntou se ele ainda não havia percebido que a moeda maior valia menos. “Eu sei”, respondeu. “Ela vale cinco vezes menos, mas, no dia em que eu escolher a outra, a brincadeira acaba e não vou mais ganhar minha moeda.”

Dessa pequena narrativa podem-se tirar várias conclusões. A primeira: quem parece idiota, nem sempre é. Outra: se você for ganancioso, acaba estragando sua fonte de renda. Mas, talvez a conclusão mais interessante seja: Podemos estar bem mesmo quando os outros não têm uma boa opinião a nosso respeito. Portanto, o que importa não é o que pensam de nós, mas o que realmente somos.

Algumas pessoas gastam tudo que ganham na tentativa de serem respeitadas por colegas, vizinhos ou parentes. Querem status elevado com base naquilo que têm. Mesmo que consigam obter o respeito almejado, sabem, ao menos em seu íntimo, que o sentimento que despertam é falso. Afinal, o verdadeiro status advém do que somos, e não do que temos.

Não custa reafirmar: o tempo pode ser usado para ganhar dinheiro, mas tempo é vida! A felicidade encontrada em pequenas coisas – conversar com os pais, passear com o cônjuge, brincar com os filhos – pode ser maior que qualquer riqueza. Formar uma família e educar filhos requer tempo e tranquilidade, e não há sucesso financeiro que recompense alguém pelo mau desempenho com a família – seja em relação aos pais, cônjuge ou filhos.

Cultivar sua árvore do dinheiro é algo possível. Basta semear com organização e poupança e regar com os investimentos para ver os frutos de um futuro feliz para toda sua família.

E, finalmente, saiba que nenhum investimento rende tanto quanto educação. Educação é o melhor investimento, sempre.

Obrigado.

Glossário

AGENTES DE CUSTÓDIA | Banco ou corretora que irá custodiar, ou seja, guardar, tomar conta de seu investimento. Em troca, o agente recebe um pagamento pelo serviço, chamado de taxa de custódia.

ANBIMA | Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais. Trata-se de uma entidade de classe que autorregula as atividades de seus associados com a adoção de normas rígidas. Mais informações no site <http://portal.anbima.com.br/>.

ATIVOS | Direitos e bens adquiridos.

CDB | Sigla de Certificado de Depósito Bancário. É um título de renda fixa emitido por instituições financeiras.

CDI | Sigla de Certificados de Depósito Interbancário. São títulos que os bancos emitem diariamente, com a função de manter a fluidez do sistema, ou seja, os bancos que têm dinheiro em excesso emprestam para aqueles que estão precisando.

COMPANHIA BRASILEIRA DE LIQUIDAÇÃO E CUSTÓDIA (CBLC) | Empresa pertencente aos participantes do mercado brasileiro. É a CBLC que liquida as operações para o mercado de ações e de títulos de renda fixa privada no Brasil. Também é responsável pela administração e operação dos sistemas do Tesouro Direto.

CVM | Comissão de Valores Mobiliários. É uma entidade que regula o mercado financeiro brasileiro e protege os investidores de possíveis irregularidades e atos ilegais por parte de empresas ou administradores de carteiras de investimento. Acesse www.cvm.gov.br.

DEBÊNTURES | Títulos de dívidas privados, que asseguram a seus detentores o direito de crédito sobre a empresa que o emitiu.

DEPRECIACÃO | Quanto um bem se desvaloriza com o passar do tempo. Por exemplo, um apartamento de 100m² com 20 anos pode custar menos da metade do preço do mesmo imóvel novo. Isso se deve à depreciação que o imóvel sofreu.

ESPECULACÃO | Tentar comprar e vender ativos para tentar ganhar com as variações de preços.

FLUXO DE CAIXA | Entradas e saídas de capital.

HOMEBROKER | Sistema via internet por meio do qual o investidor opera na Bolsa de Valores sem a necessidade da intermediação de uma corretora. É como se seu corretor de valores (broker) estivesse em sua casa (home). Para obter uma lista completa das corretoras que oferecem o sistema, consulte o site da BM&FBovespa: <http://vitrinecorretoras.bvmf.com.br>

IGP-M | Sigla para Índice Geral dos Preços do Mercado. É outro índice de inflação, bastante utilizado.

INDEXADOR | Indicador da variação do poder aquisitivo da moeda (inflação ou deflação), usado para corrigir monetariamente seu valor.

INFLACÃO | Aumento persistente dos preços que resulta em perda do poder aquisitivo da moeda.

INVESTIMENTO | Compra de ações para ser sócio das empresas, ou compra de títulos para ganhar os juros que estes prometem pagar.

IPCA | Sigla para Índice de Preços ao Consumidor Ampliado. É o índice de inflação oficial utilizado pelo governo brasileiro.

JUROS | É o rendimento do dinheiro emprestado e representa o custo de sua posse. Remuneração destinada a pagar ao capitalista o serviço que presta ao devedor.

LIQUIDEZ | Facilidade com que um ativo pode ser convertido em dinheiro ou outro meio de troca.

MERCADO FINANCEIRO | Sistema composto por instrumentos financeiros responsáveis pela troca de recursos entre pessoas, empresas e governos, equilibrando as necessidades de cada um.

MERCADO FUTURO | Compra e venda de contratos de commodities, ou ativos financeiros, realizadas em pregão para liquidação em data futura prefixada.

PASSIVOS | Deveres ou dívidas contraídas.

PREGÃO | Sessão durante a qual se negociam as ações por meio de transações eletrônicas (pregão eletrônico).

PSICOLOGIA POSITIVA | Campo da psicologia que visa determinar o peso das emoções boas no equilíbrio físico e mental.

RENDA | A quantidade de dinheiro recebida durante certo tempo, em troca de trabalho ou serviços ou como lucro de investimentos financeiros.

RISCO | Quanto um retorno pode variar ao longo do tempo. Risco em finanças não é a possibilidade de algo dar errado, mas a variação ou volatilidade dos possíveis resultados de uma aplicação. Assim, risco pode ser a possibilidade de perder ou ganhar muito dinheiro.

SELIC | Sigla do Sistema Especial de Liquidação e de Custódia. É a taxa que reflete o custo do dinheiro para empréstimos bancários, com base na remuneração dos títulos públicos. Também é conhecida como taxa média do over, que regula diariamente as operações interbancárias.

SOCIEDADES CORRETORAS | Sinônimo de corretoras de valores mobiliários. São instituições financeiras que utilizam o espaço virtual da Bolsa para intermediar as negociações entre investidores e empresas.

VALOR MOBILIÁRIO | Expressão que caracteriza papéis e títulos com valores móveis, como ações, títulos da dívida, CDBs, títulos de renda fixa ou variável.

Table of Contents

[Prefácio](#)

[Capítulo 1 - Comportamento Financeiro](#)

[Conhece a ti mesmo](#)

[Você quer o que deseja?](#)

[Ser rico ajuda a ser feliz?](#)

[Investigando a felicidade](#)

[Consumo, status e felicidade](#)

[Vida simples - um caminho interessante](#)

[Capítulo 2 - Planejamento Financeiro](#)

[Quem é você nessa história?](#)

[O segredo é o planejamento](#)

[Por que devo planejar?](#)

[Um passo após o outro](#)

[Por que não?](#)

[Como você está?](#)

[Hora dos ajustes](#)

[Descontrole financeiro e juros](#)

[Por que poupar?](#)

[Pobre, rico ou classe média?](#)

[Pensando em conjunto](#)

[Mesadinha do casal](#)

[Empregado ou patrão](#)

[Capítulo 3 - Teoria Financeira](#)

[Aprendendo com o passado](#)

[O princípio da ordem: surgem as análises gráficas](#)

[Um contraponto fundamental](#)

[Índices de mercado](#)

[Chegaram as Finanças Modernas](#)

[Resumindo...](#)

[Explicando melhor](#)

[Nem tudo são números...](#)

[Gratificação instantânea](#)

[Em quem acreditar?](#)

[Como o mercado financeiro pode ajudar na construção de seu patrimônio](#)

[Capítulo 4 - Fundos e Clubes de Investimento](#)

[Unindo forças](#)

[Fundos de investimento](#)

[Custos](#)

[Nem tudo são flores](#)

[Classificação dos fundos](#)

[Fundos de previdência](#)

[Como criar uma carteira própria de previdência](#)

[Clubes de investimento](#)

[Capítulo 5 - Investimentos em Renda Fixa](#)

[Sem medo de investir](#)

[Resumindo...](#)

[Caderneta de poupança](#)

[Tesouro Direto](#)

[LTN](#)

[NTN Série F](#)

[LFT](#)

[NTN-B e NTN-B Principal](#)

[Variação de preços](#)

[CDB](#)

[Custos](#)

[Como investir](#)

[Debêntures](#)

[Como comprar](#)

[Tributação](#)

[Comece já!](#)

[Capítulo 6 - Investimentos em Renda Variável](#)

[Renda variável – Bolsa de Valores](#)

[Como escolher uma corretora?](#)

[Chega a hora de escolher!](#)

[Classificação das ações](#)

[Como se forma o preço](#)

[Classificação das ações Investindo em ações](#)

[Teste prático](#)

[Resumindo](#)

[Relembrando...](#)

[Estratégia certa](#)

[Como escolher?](#)

[Governança corporativa](#)

[Como comprar?](#)

[Liquidação e custódia](#)

[Dicas importantes](#)

[Resumindo...](#)

[Montando o quebra-cabeça](#)

[Por que tantas pessoas perdem e tão poucas ganham](#)

[A sua história pode ser diferente](#)

[Os frutos da árvore](#)

[Glossário](#)